

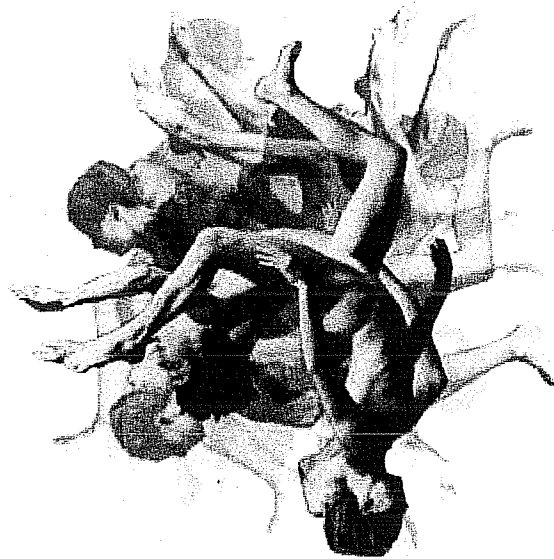
DM
PERE/FC1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

**Estudo da dinâmica das relações objectais em
crianças com irrequietude motora através do
método Rorschach**

Agitação nas concepções- encontro com a criança



Filipa Costa Pereira n.º

11313

Orientadora:


Professora Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2005



17802

 Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Doc. 11313
Reg. nº 17802
Data: 31/10/2008
Telf: 21 301 17 50 • ispa@ispa.pt

Agradecimentos

À professora Maria Emília Marques, pela oportunidade de aprendizagem, pelo rigor e por ter tolerado as minhas dúvidas, as minhas “cismas” e o tempo que precisei para as transformar em novas significações.

Ao professor Eduardo Sá, pois motivou-me, muito mais do que possa imaginar, na concretização deste trabalho e de todos aqueles que, com ele, tenho vindo a concretizar. Mas agradeço, muito especialmente, o facto de me estimular na procura dos alquimistas da minha vida.

À minha colega Carla, que comigo viveu angústias e estreitou laços, que estarão para sempre interligados e ajudarão a construir tantos projectos que temos em comum.

Ao Pedro, com quem fiz e faço as mais fascinantes descobertas e as maiores criações da minha vida .

Ao Pedro e aos nossos filhos, Gonçalo, Inês e Vera. A eles, o melhor do meu mundo, dedico este trabalho.

Resumo

Neste trabalho delineamos uma investigação que visou procurar o significado mais profundo da expressão da irrequietude motora infantil. Para tal, destacamo-nos da lógica de assinalamento diagnóstica, que pretende definir uma categorização psicopatológica, mas pouco avança na compreensão centrada nestas crianças. Desta forma, o nosso objectivo centrou-se na procura da singularidade e do valor da agitação motora inserido na lógica individual, que condiciona e é condicionada pela dinâmica das relações de objecto. A nossa proposta assenta, por isso, numa observação minuciosa, com uma atenção a diversos registos comportamentais, verbais e relacionais, o que determinou a procura de um instrumento, de um método e de uma metodologia coerente e convergente com o nosso referencial teórico - o psicanalítico - e com os nossos objectivos. Fundamentado na teoria das relações de objecto e operacionalizado através de procedimentos que estabelecemos, o Rorschach constituiu-se como o nosso método de investigação, potencializado para alargar a nossa visão sobre as três crianças irrequietas que analisámos e, conseqüentemente, e apenas na medida do que tal comporta, sobre a irrequietude motora. Sem anular a singularidade, procurámos os pontos de intersecção dos três funcionamentos, para repensarmos a via motora de expressão de angústias e a sua lógica inscrita numa dinâmica de relações objectais. Constatámos que as modalidades de investimento relacional, a dinâmica conflitual e organização defensiva assumem particularidades em cada criança e condicionam diferentes funções da agitação motora. Num caso, verificou-se um registo mais inibido, noutros um registo mais incontido. No primeiro, o recurso ao corpo serve propósitos de retracção relacional, noutro representa fugas e procuras agidas e noutro insere-se numa procura de suporte externo. Nos pontos comuns registámos a influência negativa das vivências internas na relação externa, mas a possibilidade desta constituir uma contenção externa. Verificámos perturbações no processo de pensamento associadas à porosidade dos limites, a angústias persecutórias e à falha na estabilidade do bom objecto, que aqui considerámos como estranho-desconcertante e que determina o recurso a defesas, predominantemente primárias, que comprometem a riqueza e flexibilidade do funcionamento psíquico.

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. A IRREQUIETUDE MOTORA.....	7
2.1. História de um conceito pouco consensual.....	7
2.2. Vicissitudes relacionais e falhas na função Contínua Materna: a dependência em estado nascente	20
2.3. Fundamentos da Identidade : Eu / Outro – vicissitudes do Nascimento Psicológico	30
2.4. Fantasmas e Organização Defensiva: o sintoma como expressão de angústia e procura de uma solução pacificadora.....	41
2.5. Na procura de novos olhares : o que inquieta a criança irrequieta?	56
3. OBJECTIVOS DO ESTUDO.....	63
4. MÉTODO	68
4.1. Origem do Rorschach e suas evoluções.....	68
4.1.1. O Rorschach para além de uma visão psicométrica e psicopatológica	68
4.1.2. Alargamento a novas concepções: a via psicanalítica em Psicologia Clínica	72
4.2. O Rorschach enquanto método de investigação em Psicologia Clínica	76
4.2.1. O método Rorschach para além da psicopatologia : O encontro com o sujeito	82
4.3. O Rorschach na infância: das controvérsias às potencialidades	87
4.4. O método Rorschach no estudo de crianças com irrequietude motora: definição dos procedimentos de análise.....	93
Procedimentos de análise.....	96
4.4.1. Expectativa inicial: actualização das experiências passadas nas actuais/ das relações internas nas externas	96

4.4.2. Significação da experiência emocional : o encontro e a relação com o objecto Interno/externo.....	99
4.4.3. Qualidade da transformação simbólica: reconstrução do objecto e representação de si	102
4.4.4. Angústias e mecanismos defensivos: a sequência de um processo	106
4.5. Etapas da Análise dos Protocolos recolhidos	110
4.6- Sujeitos.....	112
4.6.1. Recolha dos Protocolos	117
5- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH	119
5.1. Análise das respostas cartão a cartão.....	119
5.2.Síntese das análises dos Protocolos.....	162
Protocolo da Bruna	162
Protocolo do Pedro	169
Protocolo do David.....	176
5.3. Discussão das Análises	186
1. Expectativa inicial: Actualização das experiências passadas nas actuais/ das relações internas nas externas	186
2. Significação da experiência emocional: O encontro e a relação com o	188
objecto externo e interno	188
3. Qualidade da transformação simbólica: reconstrução do objecto e representação de si.....	193
4. Angústias e mecanismos de defesa: A sequência de um processo	204
6. SÍNTESE E DISCUSSÃO À CERCA DAS PARTICULARIDADES INDIVIDUAIS E PONTOS DE INTERSECÇÃO	216
6.1. Particularidades individuais.....	216
6.2. Pontos de intersecção	228
7. CONCLUSÕES.....	239
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	245

1. Introdução

O interesse pelo presente estudo partiu, num primeiro momento, do contacto que estabelecemos com crianças irrequietas, durante o estágio de Psicologia Clínica realizado num Centro de Saúde de Lisboa. A problemática destas crianças, centrada na sua irrequietude motora, motivou um envolvimento clínico intenso, visando a compreensão, contenção e a procura conjunta de sentido para as angústias expressas na sintomatologia apresentada.

De facto, cabe ao clínico potenciar uma relação capaz de compreender, transformar e conferir sentido, construído no seio de uma relação intersubjectiva.

Compreender estas crianças, implica perceber a função da irrequietude na dinâmica do funcionamento psíquico. Este propósito deu origem a um trabalho monográfico, no âmbito da licenciatura em Psicologia Clínica, que visou o estudo da influência das angústias no pensamento das crianças com esta sintomatologia.

A pesquisa bibliográfica sobre esta problemática realçou o interesse crescente por estas crianças mas, simultaneamente, fez emergir algumas dúvidas e curiosidades que permaneceram no nosso pensamento.

Constatámos que a irrequietude motora tem sido um dos mais estudados, mas simultaneamente um dos mais controversos distúrbios infantis. Muitos têm sido os estudos e teorias avançados sobre esta problemática e, no entanto, persistem divergências conceptuais que em nada facilitam a compreensão psicológica destas crianças.

A centração nos modelos psicopatológicos originou o destaque dos sintomas com o objectivo de constituir critérios de diagnóstico do distúrbio. Como afirma

Lopes (2003), os trabalhos de investigação, particularmente durante a década de 80, visaram a validação do síndrome, destacando-o de outros quadros psicopatológicos. Desta forma, a preocupação e os progressos alcançados relacionaram-se com o estabelecimento de um quadro nosográfico e, para tal, sucederam-se os agrupamentos, subagrupamentos e discussões acerca dos realces dados a determinados sintomas.

Actualmente, assistimos a um crescente número de crianças referenciadas para consulta com um diagnóstico pré-estabelecido, que as rotula de inquietas, ou instáveis, ou de DHDA - distúrbio hiperactivo e de déficite de atenção (DSM- IV, APA, 1996), no entanto, o diagnóstico nem sempre é fácil, pois pode associar-se a outras perturbações psicológicas, ou pode corresponder a uma categorização precipitada, feita por pais e professores demasiado inflexíveis face à agitação e distractibilidade, tantas vezes frequente, em crianças saudáveis, curiosas e activas.

Mas, para além da dificuldade diagnóstica, podemos questionar a utilidade de tal assinalamento e esta questão torna-se ainda mais pertinente se, numa perspectiva clínica, destacarmos como objectivo principal a atribuição de sentido inserido na lógica do funcionamento individual.

De facto, como afirma Salgueiro (1987), a abundância dos trabalhos contrasta com a escassez de investigações que visam a compreensão psicológica destas crianças, o que nos leva a afirmar que esta é uma área fértil de exploração, que permite novas hipóteses, particularmente, e numa perspectiva psicanalítica, sobre o modo de funcionamento mental e a dinâmica das relações de objecto (internas e externas).

Independentemente do quadro conceptual, parece que há um consenso, dentro das divergências, que aponta para a necessidade de investigações que acalmem um

debate pois, como afirma Lopes (2003), quase duas décadas após a afirmação de Salgueiro, muito está ainda em aberto.

No presente estudo quisemos destacarmo-nos da lógica de assinalamento diagnóstico. O nosso objectivo insere-se numa lógica compreensiva, que pretende descrever e explorar as particularidades do funcionamento mental destas crianças, procurando aprofundar o sentido da expressão da irrequietude motora, inserindo-o na dinâmica da organização psíquica condicionada pelo tipo de relações internas e externas, tipo de angústias, fantasmas e mecanismos de defesa promotores ou não da maturação psicológica.

O Rorschach, enquanto instrumento da Psicologia Clínica, pretende servir o propósito de facilitar a expressão e a revelação de sujeitos. A forma, que o seu uso vai tomar- o método Rorschach- , estabelecido de acordo com um quadro teórico psicanalítico ao qual nos referenciamos, será alargado a outras conceptualizações, que ultrapassam os procedimentos e os parâmetros de análise exclusivamente associados ao raciocínio clínico-psicopatológico.

O Rorschach será utilizado como instrumento facilitador da expressão do funcionamento mental individual, num contexto relacional intersubjectivo, que nos permitirá “revelar os processos metapsíquicos que fundam a relação de sujeito a/com objecto” (Marques, 1999, p. 189). Para tal uso do Rorschach, rearranjámos a técnica estabelecendo parâmetros de análise para acedermos a novas possibilidades interpretativas e compreensivas.

O estabelecimento destes procedimentos será feito em estreita articulação com o quadro teórico de referência e permitirá uma metodologia que os ordena compondo um método de investigação Rorschach para a irrequietude motora.

Captar a expressão infantil e utilizar as potencialidades compreensivas do Rorschach implica, como afirmaram Traubenberg e Boizou (1984/1999), interpretar os sinais de acordo com o desenvolvimento e as reacções comportamentais, pois o significado dos dados depende do contexto e do modo como esses dados emergem.

Assim, privilegiámos uma análise inserida num plano observacional e descritivo da situação-Rorschach, na qual estamos atentos à complexidade do processo de elaboração das respostas, dado que este ocorre num determinado contexto espacial, temporal, relacional e constitui, como afirma Leichtman (1988), uma excelente oportunidade para observar e analisar o comportamento, as atitudes e formas de interagir com o material e com o clínico.

A resposta-Rorschach contém sempre o compromisso possível entre o que de mais significativo rege o mundo interno do sujeito que a produz e aquilo que de mais significativo ele retém do mundo externo. As respostas emergem num contexto de relações internas/externas, que compõem um processo pleno de significações ordenadas por uma lógica individual e singular. (Marques e Aleixo, 1994). Nesta perspectiva, o nosso trabalho constitui-se como um processo de desconstrução desses mesmos significados, para nos levar à construção de novas significações.

Começaremos, inevitavelmente, pela reunião das concepções, que num percurso histórico e evolutivo, foram despoletando controvérsias, até hoje bem patentes na falta de consensualidade quanto à compreensão e intervenção junto destas crianças. Ao olharmos criticamente para estas divergências nos discursos baseados em referenciais teóricos distintos, propomo-nos aprofundar a pesquisa, de acordo com o nosso referencial teórico -o psicanalítico-, para de seguida elaborarmos um trabalho de organização das diferentes modelos conceptuais, procurando realçar os principais pontos de discórdia, bem como as intersecções entre os diferentes autores, que, numa perspectiva psicanalítica, abordaram esta problemática.

A partir dessas intersecções e divergências, propomo-nos organizar um olhar sobre a irrequietude motora constituindo, para tal, três organizadores conceptuais, que, de acordo com a teoria, focam as vicissitudes no desenvolvimento e funcionamento psíquico destas crianças:

- Função continente materna
- Fundamentos da identidade
- Angústias e organização defensiva

Após o trabalho de integração e síntese das posturas teóricas nesta matéria, pretendemos alargar a compreensão desta problemática, procurando novos olhares sobre a irrequietude e, com esse propósito em vista, estabelecemos os nossos objectivos, bem como as vias para os alcançar, através do método escolhido – O Rorschach – inscrito num percurso metodológico delineado numa lógica de coerência e convergência com o nosso referencial teórico. Com esse intuito,

apresentaremos os procedimentos de análise que, de acordo com os nossos objectivos, pretendem dotar o método de novas possibilidades, que nos permitam aceder a uma maior compreensão e conhecimento do funcionamento individual.

Após a análise individual de cada protocolo, integraremos as análises destacando as particularidades de cada criança e, sem esquecermos a nossa centração na individualidade e singularidade, é nosso objectivo destacar, sem preocupações comparativas ou diagnósticas, mas numa lógica compreensiva, os pontos que são comuns entre sujeitos e, portanto, poderão possibilitar um olhar sobre a irrequietude motora e seu papel na dinâmica do funcionamento mental destas crianças.

A discussão visará, por fim, articular as análises, efectuadas num plano observacional e descritivo, com as principais concepções teóricas revistas, por forma a alargarmos o nosso olhar sobre a irrequietude motora, aprofundando a compreensão da organização psíquica destas crianças, que entre elas têm em comum uma forma de expressão de angústias.

Sem anular a individualidade e singularidade de cada criança, partimos pois da mesma sintomatologia para, numa lógica de intersecção, tentarmos esclarecer melhor o significado e o valor adaptativo da expressão motora de angústias inserindo-a numa dinâmica do funcionamento mental.

2- A Irrequietude Motora

2.1- História de um conceito pouco consensual

A compreensão das actuais divergências e dificuldades de definição, conceptualização, avaliação e intervenção de crianças com irrequietude motora, implica referirmos a história deste conceito.

O estatuto da instabilidade, hiperactividade ou irrequietude é, segundo Salgueiro (1996a), uma controvérsia fundamental, divergindo os que a consideram um sintoma, um síndrome ou uma entidade clínica. Estas discussões acaloradas, como diz o autor, envolvem confusões epistemológicas e geram debates ideológicos incensáveis, que se sobrepõem ao debate científico sério.

A conotação ideológica do conceito surge, desde logo, na sua designação. A multiplicidade de adjectivos que classificam estas crianças (hiperactivas, disfuncionais, desatentas, instáveis, turbulentas, impulsivas, opositoras, irrequietas, etc.) aponta, precisamente, para a diversidade de enfoques e conceptualizações.

Assim, a nossa opção pelo termo “irrequietude motora” baseia-se na proposta de Salgueiro, que visa reduzir a conotação ideológica e negativa presente noutras designações. Nalgumas, como “turbulento”, “opositor”, “impulsivo” ou “desafiante”, a conotação é evidente. Noutras, como “instável”, a nossa consulta no dicionário da língua portuguesa da Porto Editora, detectou, tal como a pesquisa de Salgueiro, a maior presença de sinónimos negativos atribuídos a esta palavra, como, por exemplo, movediço e volúvel .

No caso do termo hiperactividade, há a registar o significado do prefixo, que atribui um valor de excesso ou exagero, centrado no enfoque reducionista e quantitativo dos níveis de agitação motora.

O termo irrequietude parece, portanto, o mais neutro e aquele que nos deixa as portas mais abertas à compreensão da irrequietude ou seus sinónimos, isto é, desassossego, inquietação, impaciência.

Desde as suas primeiras descrições, no início do século XX, um olhar histórico sobre este conceito revela, com efeito, constantes alterações na denominação desta problemática, que corresponderam a mudanças de perspectivas de acordo com o rumo de diferentes linhas de investigação científica.

Still, em 1902, surge referenciado por diferentes autores, entre eles, Dugas *et al* (1987), Salgueiro (1996a), Lopes (2003), como o primeiro autor a descrever sintomas de hiperactividade associando-os a anomalias cerebrais. A denominação do sintoma, “deficiência do controlo moral”, tem a marca da sociedade vitoriana e da concepção baseada na origem orgânica dos sintomas.

Schachar, em 1986 e Barkey, em 1990 (*in* Lopes, 2003), criticaram o determinismo da opinião de Still, pois a base biológica tornava o distúrbio pouco permeável à mudança, pelo que os factores ambientais e sociais eram largamente negligenciados. No entanto, Barkey (1990), insere as suas críticas no contexto social, político e científico da época.

De acordo com Lopes (*op.cit.*), a linha de pensamento de Still teve importantes desenvolvimentos, na sequência do surto de encefalite ocorrido nos EUA entre 1917 e 1918. As sequelas cognitivas e comportamentais das lesões cerebrais, incluíam sintomas como distúrbios de atenção, dificuldades na regulação da actividade,

impulsividade, dificuldades de relacionamento interpessoal, ou seja, um conjunto de sintomas que actualmente caracterizam a hiperactividade infantil.

O denominado “distúrbio de comportamento pós-encefalicó” veio dar força à opinião de Still, relativamente à origem destes sintomas, e desencadeou uma linha de investigação, principalmente nos EUA, baseada numa procura de lesões neurológicas, à qual se associou uma intervenção médica centrada na redução dos sintomas através da administração de anfetaminas, anti-depressivos ou outros psicofármacos, que reduzissem a sintomatologia apresentada.

Ao longo dos anos 20, apesar de existirem algumas opiniões contrárias, os investigadores fizeram proliferar a ideia do elo causal entre lesão cerebral e hiperactividade. A existência das perturbações do comportamento, por si só, eram indicadoras de danos cerebrais, ainda que clinicamente inaparentes. Este ponto de vista conduziu ao aparecimento do conceito “disfunção cerebral mínima”, proposto por Smith, em 1926, para contornar os casos em que a raiz orgânica não era comprovada. (Salgueiro, 1996a).

Esta alteração no conceito levantou uma forte controvérsia, que fez crescer os investigadores duvidosos quanto à existência de lesões cerebrais, entre eles Childers, que, em 1935, diferencia as crianças hiperactivas das que apresentam lesões orgânicas. (Salgueiro, 1996a)

Em 1963, o *Oxford International Study Group of Child Neurology*, afirmou que os sinais comportamentais, por si só, não permitiam a inferência de lesões cerebrais, pelo que propôs a substituição do termo “lesão cerebral mínima” pelo não menos controverso “disfunção cerebral mínima” (Dugas *et al*, 1987).

À medida que crescia a insatisfação com esta visão, numerosos autores contra-argumentaram. Barkley (1990), realçou a importância histórica do artigo publicado

por Chess, em 1966, no qual o autor defendia a definição de um quadro sindromático associado a factores ambientais. Desta forma, surge o conceito

“ Síndrome Hiperactiva da Infância”, considerado como categoria diagnóstica pelo D.S.M.II, em 1968, que o denomina como “Distúrbio Hiperactivo da Infância”.

O factor fundamental de diagnóstico era o nível quantitativo de actividade, o que originou, segundo Barkley (1990), novas controvérsias, particularmente com os europeus, evidenciadas na constatação que a equipa de Rutter faz em 1970, pois o enfoque abusivo no grau de agitação originou discrepâncias acentuadas entre a percentagem de crianças diagnosticadas com este síndrome nos EUA (4 a 10%) e nos países europeus, onde as percentagens não atingiam os 1%.

Nos anos 70, os estudos e publicações sobre este distúrbio cresceram exponencialmente. As diferenças mais radicais residiram, por um lado, nos diferentes enfoques dados à sintomatologia, privilegiando-se agora os défices de atenção e, por outro, a origem “educativa”, o que originou a proliferação de investigações que visavam fundamentar intervenções comportamentais. (Lopes, 2003).

Esta tendência intensifica-se na década de 80, de modo que a designação “Distúrbio de défice de atenção”, do DSM III, de 1980, veio substituir a anterior.

Os estudos foram-se centrando, cada vez mais, na procura de factores ambientais desencadeantes de comportamentos hiperactivos. Esta abordagem originou novos trabalhos, dando origem a modelos de intervenção sustentados pelo modelo cognitivo-comportamental, como os de Camp, em 1980, Meichenbaum, em 1988, ou Barkley, em 1997 (Lopes, 2003).

A necessidade de especificação de critérios diagnósticos e o rumo das investigações cognitivo-comportamentais, foram mudando o enfoque de

determinados sintomas e défices funcionais, fazendo surgir novas designações no DSM III-R, em 1987, (“Distúrbio Hiperactivo e de Défice de Atenção-Hiperactividade”) e no DSM -IV, em 1994, (“Distúrbio Hiperactivo e de défice de atenção”), que embora mantendo a mesma designação, propõe uma nova sub-divisão dos sintomas, diferenciando a desatenção da hiperactividade-impulsividade. Realça, ainda, a importância de considerar diferentes contextos relacionais, pois pretende ser mais criterioso para evitar os diagnósticos abusivos que abundavam, particularmente nos EUA

Na linha de investigação americana assistiu-se, portanto, a uma caminhada na qual, gradualmente, o peso dos factores orgânicos e o enfoque em determinados sintomas foi mudando, no sentido de se aproximar mais das linhas europeias, que privilegiaram os factores ambientais e as intervenções psicoterapêuticas. Mas, apesar desta aproximação e abertura a novas hipóteses de intervenção, os investigadores norte-americanos continuam, ainda actualmente, à procura da génese da hiperactividade nos factores neurofisiológicos, genéticos e metabólicos, o que condiciona uma terapêutica assente na prescrição médica. (Salgueiro, 1996 a).

Taylor, durante o ano de 1986, ao realizar estudos no Departamento Universitário de Psiquiatria da Criança e do Adolescente do Instituto de Psiquiatria de Londres (Maudsley Hospital), questionou fortemente o benefício dos psicofármacos e criticou os critérios diagnósticos americanos, pois considerou-os insuficientes para uma distinção precisa entre excesso de actividade e hiperactividade, esta última associada a diversos tipos de comportamento mal organizado. (Salgueiro, 1996 a)

Os autores franceses, predominantemente orientados por uma linha de pensamento mais compreensiva, também se opuseram firmemente à visão americana da instabilidade.

Em França, o enfoque psicogénico foi sendo privilegiado e deu origem ao aparecimento das primeiras concepções psicodinâmicas iniciadas por Lepage (1981, *in* Flavigny, 1988), Ajuriaguerra e Marcelli (1984) e Flavigny (1988) que criticaram, fortemente, o reducionismo que consideraram existir nas posições americanas. Argumentaram que a compreensão do comportamento e das particularidades específicas do processo de maturação e organização da personalidade na infância é negligenciada. Afirmaram ainda que, tais perspectivas não vão além da constatação das falhas, sem existir procura do sentido desses sintomas.

Os estudos sobre a compreensão psicodinâmica dos sintomas destas crianças são pouco numerosos a nível mundial e, de facto, concentram-se sobretudo na literatura francesa. O aparecimento desta perspectiva é ainda relativamente recente e seguiu, igualmente, uma evolução histórica, que se orientou para uma atenuação progressiva da raiz biológica, substituindo-a pelas explicações psicológicas, inicialmente centradas na psicopatologia e posteriormente, a partir dos anos 70, centradas numa aproximação psicodinâmica. (Salgueiro, 1996a).

No início do século XX, os autores franceses associaram a instabilidade motora à debilidade mental. Esta concepção foi defendida por autores como Nathan e Durot, em 1913, e, no mesmo ano, Dupré, ou ainda Heuyer, que no ano seguinte publica a sua tese na qual destaca um síndrome de instabilidade, sem debilidade, no entanto, é evidente o cariz moral com que descreve a incorrigibilidade destas crianças. (Salgueiro, *op. cit.*)

Vermeylem, em 1923, é referido por Salgueiro (1996a), como o primeiro autor a propôr uma concepção psicogénica, posteriormente aprofundada nos trabalhos de autores como Abramson, em 1940, Heuyer e Lebovici, em 1951, Ajuriaguerra, nos anos 70 e Misés *et al*, que, nas classificações psicopatológicas infantis, publicadas entre os anos 70 e 80, incluíram a instabilidade nas evoluções desarmónicas da personalidade.

O início dos estudos psicanalíticos, segundo Flavigny (1988), datam desta altura e surgem como pioneiros os trabalhos de Mallarrive e Bourgeois, em 1976 e Lepage, em 1981. Estes autores centram-se nas distorções precoces na relação mãe-bebé como origem de estados de angústia permanente expressos num polimorfismo defensivo, no qual se inclui o sintoma da agitação motora.

Em Portugal, a introdução dos trabalhos franceses marcou a evolução do conceito no nosso país. Portanto, é notória a influência da concepção psicogénica, particularmente desenvolvida pelos trabalhos psicanalíticos formalizados no último livro de João dos Santos (1988), que posteriormente marcaram a evolução de trabalhos como os que Salgueiro realizou a partir dessa década.

Segundo Lopes (2003), foi a partir dos anos 90 que surgiram trabalhos visando reflectir sobre as inúmeras investigações feitas nas décadas anteriores. Enfatizaram-

-se as divergências, mesmo dentro dos mesmos paradigmas conceptuais, como sucede com a discórdia instalada por Barkley (1990), na corrente cognitiva, acerca da existência, ou não, de défices de atenção e, na corrente psicanalítica, sobre a associação da agitação motora a diferentes estruturas de personalidade. A este respeito, Berger (1999/2001), enfatiza a insuficiência das investigações

psicodinâmicas, que perpetuam incertezas e assinalam a necessidade de novas discussões.

Como referiu Salgueiro (1996a), uma das razões que justifica o estado actual de multiplicidade de opiniões relaciona-se com a evolução histórica do conceito que, como vimos, evoluiu de acordo com uma distribuição geográfica das posições dominantes.

A linha evolutiva norte-americana inclinou-se para a procura de factores neurofisiológicos, genéticos e metabólicos como génese da instabilidade motora, o que condiciona uma terapêutica assente na prescrição médica. Por outro lado, na Europa, criticou-se o reducionismo e a causalidade linear defendida pela posição americana. Os autores ingleses valorizam os factores sociais e familiares e os franceses centram-se na irrequietude associando-a a modos específicos de organização da personalidade.

Qualquer que seja a posição dominante nos diferentes países, na opinião de Berger (1999/2001), persistem actualmente três hipóteses principais, que passaremos a expôr e comentar, com vista a clarificação do nosso posicionamento neste trabalho:

1ª) **A hipótese genética**, difícil de comprovar, dadas as contradições nas investigações e a importância da influência do meio, realçada nas investigações no domínio da Psicologia.

Além disso, independentemente da perspectiva mais cognitivista ou psicanalítica, o trabalho clínico efectuado com estas crianças, assinala a importância das relações e constata claras evoluções psicoterapêuticas após intervenção nas interacções familiares.

Berger (1999/2001) , a partir da sua clínica com estas crianças, evidencia a forte influência de factores psicológicos na génese da hiperactividade, pois, por um lado, são frequentes as situações de hiperactividade reactiva a perturbações na família, por outro, a sua investigação em 60 crianças hiperactivas encontrou uma percentagem reduzida (7%) de pais com esta sintomatologia e, mesmo assim, os laços de causalidade podem ser complexos.

2ª) A antiga, mas ainda actual, particularmente na visão norte-americana, **hipótese neurofisiológica** que se baseia na proposta de um disfuncionamento cerebral constitucional.

O aspecto constitucional continua polémico, mas a origem multifactorial, que associa factores psíquicos, genéticos e neurofisiológicos, é defendida por diversos autores de diferentes correntes. Berger, é um destes autores que, apesar de centrar os seus trabalhos na linha psicanalítica, considera esta hipótese aplicável a algumas crianças com esta sintomatologia.

De qualquer forma, a reduzida percentagem de crianças com irrequietude motora associada a lesões neurológicas não permite uma sustentação sólida desta hipótese, numa lógica de causalidade linear.

Estudos longitudinais como os de Hassie, Szajnberg, Brody (1998, in Berger, 1999/2001), colocaram em evidência a existência de problemas interactivos na génese da instabilidade motora, facto este que adquire uma maior importância quando os autores verificam que, dos casos acompanhados clinicamente, apenas 5% apresentam pequenas lesões neurológicas.

Acresce ainda duvidar da causalidade linear entre os dados da disfunção cerebral ou de lesão orgânica e a instabilidade motora. Sintonizamo-nos com Coimbra de Matos (1994/2002), quando, a este respeito, comenta que esta é uma

associação muito arriscada e epistemologicamente incorrecta, pois outros factores etiológicos iniciais devem ser considerados, nomeadamente as perdas objectais e afectivas, sobretudo as precoces, bem como as mudanças no meio envolvente. Este autor foca o reducionismo de tais causalidades, pois considera que perturbações afectivas crónicas ou acontecimentos agudos violentos e com forte ressonância emocional podem provocar lesões estruturais no sistema nervoso central.

Como vimos, as teorias genético-constitucionais colocam a ênfase na causalidade orgânica. No entanto, a nossa visão, inscrevendo-se na linha de pensamento analítica, considera que “(...) há agentes patogénicos - outras pessoas- e contágios- a identificação” (Coimbra de Matos, 1994/2002, p.422).

Partindo deste pressuposto, podemos reequacionar as duas hipóteses anteriores, argumentando, como o fez Coimbra de Matos, (1994/2002), que mesmo nos poucos casos de existência comprovada de lesões ou antecedentes familiares, o peso das distorções do sistema relacional podem ser mais determinante do que a transmissão hereditária ou a lesão, que mesmo comprovada, merece uma contextualização mais cuidada, numa óptica que respeite a complexidade do funcionamento individual e das dinâmicas relacionais.

3ª) As teorias psicanalíticas, sem nos esquecermos que existem outras, atrás já mencionadas, nomeadamente as que se inserem na escola cognitivista e, portanto inseridas noutros quadros conceptuais e noutras lógicas explicativas diferentes das que privilegiamos neste trabalho.

Uma das preocupações da abordagem psicanalítica da irrequietude motora, têm-se centrado na questão da existência ou não de uma estrutura psíquica específica nestas crianças.

Berger (1999/2001) considera a existência da instabilidade sintoma e instabilidade entidade. Considera a existência de um sintoma que poderá surgir no quadro de diferentes entidades clínicas, como a psicose ou a desarmonia evolutiva, no entanto, noutros casos, considera que a instabilidade corresponde a uma estrutura psíquica específica.

Para este autor, o facto da instabilidade existir enquanto sintoma, não pode justificar o facto de não existir enquanto problemática psíquica específica. Desta forma, apesar do polimorfismo que caracteriza estas crianças, considera que há uma unidade particular: “a passagem, num momento precoce da vida psíquica do sujeito, para uma actividade motora desorganizada, sem ritmo e persistente (...) a instabilidade enquanto entidade diz respeito ao que não se pôde estruturar psiquicamente num sujeito” (Berger, 1999/2001, p.144).

Esta concepção conduziu o autor a excluir, no o seu estudo sobre a instabilidade, todas as crianças que considerou terem instabilidade-sintoma. Eliminou, assim todas as crianças a quem associou estruturas psíquicas específicas (psicóticas, deprimidas, histéricas, obsessivas), bem como as que apresentavam agitação reactiva a acontecimentos traumáticos (Abusos sexuais, adopção recente, mudança súbita no meio familiar) e, ainda, as que apresentavam lesões cerebrais ou, por último, as que revelavam agitação por carência de limites educativos.

Berger (op. cit.) deixou clara a sua concepção de instabilidade associada a situações mais arcaicas, nas quais há dificuldade de elaboração da posição depressiva, mas persiste um funcionamento psíquico sem desorganização psicótica.

A existência ou não de instabilidade enquanto entidade clínica é considerada, por este autor, uma hipótese carente de confirmação em novas investigações. De facto, essa hipótese não é partilhada pela grande maioria dos autores interessados no estudo destas crianças, embora exista uma clara dificuldade em encontrar uma estrutura psíquica na qual se enquadre a heterogeneidade existente.

Podemos resumir as três posições mais frequentes, que mais à frente detalharemos, associando-as aos autores que as defendem, com o objectivo de destacar divergências e consensos entre autores:

- Uma percentagem minoritária de autores associam a irrequietude a quadros depressivos, considerando a agitação uma defesa maniaca contra a depressão
- Outros associam-na a quadros que se baseiam em falhas mais precoces, ao nível dos invólucros corporais e do desenvolvimento das capacidades de simbolização. Neste contexto, optam pelo conceito de desarmonia evolutiva, ou estruturalmente, incluem-nas no funcionamento *borderline*, ou limite, ou pré-psicose infantil.
- Alguns autores, para fazer face a heterogeneidade, solucionam esta questão subdividindo a irrequietude em diferentes pólos, de acordo com o funcionamento psíquico mais ou menos evoluído, admitindo, portanto, situações bem distintas em termos do tipo de angústias expressas e organização defensiva, umas que apontam para quadros mais neuróticos, nos quais a depressão é mais evidente, e outras para quadros mais psicóticos, com maior peso de funcionamento num registo arcaico.

Não sendo nossa intenção centrarmo-nos no sintoma, nem na discussão sobre o ou os quadros estruturais adequados à irrequietude, interessou-nos reunir, confrontar e reflectir sobre os pontos divergentes e convergentes nas diferentes concepções sobre crianças irrequietas.

Seleccionámos, desta forma três organizadores que se complementam entre si, e compõe as vicissitudes que, numa perspectiva psicodinâmica, segundo os autores revistos, marcam as condições para o aparecimento da agitação motora. São eles:

- Vicissitudes relacionais e falhas na função continente materna
- Fundamentos da identidade: Eu/ outro
- Fantasmas e organização defensiva

Como atrás referimos, desde os primeiros trabalhos na linha psicodinâmica, a irrequietude foi e tem sido associada a distorções relacionais precoces que comprometem a relação com o objecto primário, pois , fazendo uso do conceito de Bion (1962/1990), originam falhas na **função continente materna**, que perturbam, em maior ou menor grau, o processo de autonomização e, conseqüentemente, a construção de uma identidade diferenciada e coesa.

Os **fundamentos da identidade** constitui o nosso segundo organizador, pois neste ponto alguns autores divergem, nomeadamente, na referência às falhas a integração do Eu, pois se para uns elas são evidentes, para outros não o são, dado associarem a irrequietude a quadros estruturais menos perturbados e, portanto, com angústias e organizações defensivas menos arcaicas.

Com o nosso terceiro organizador propomo-nos, então, clarificar as diferentes concepções relativas ao tipo de **angústias** e **defesas** que prevalecem no

funcionamento mental destas crianças, directamente relacionadas com a gravidade das perturbações da personalidade.

Ao destacarmos e discutirmos as diferentes concepções, pretendemos cimentar a nossa visão relativamente a esta forma particular de expressão das angústias, o que nos conduzirá a uma procura de novas hipóteses, que por um lado integrem as concepções revistas e, por outro, sirvam de suporte a um aprofundamento da compreensão das crianças irrequietas.

Esta nossa busca, seguindo a linha psicanalítica, pretende demarcar-se de um historial de investigações centradas na compilação de sintomas e procura de validação de quadros que foram esquecendo a criança e o seu sofrimento expresso neste sintoma. Portanto, ao partirmos, como no passado, do sintoma, simultaneamente, colocámo-lo de parte, para assim procurarmos aceder ao sujeito, isto é, à criança e à sua individualidade, cumprindo a irrequietude uma função a ser descoberta no contexto de uma análise mais extensa, que leve em conta a dinâmica individual e singular de cada ser.

2.2- Vicissitudes relacionais e falhas na função Continente Materna: a dependência em estado nascente

Desde os primeiros trabalhos psicodinâmicos nesta área, a dessintonia na relação mãe-bebé foi enfatizada enquanto génese da irrequietude motora.

Flavigny (1988), refere os trabalhos de Mallarive e Bourgeois que, no ano de 1979, à semelhança dos de Lepage, em 1981, focaram distorções relacionais que originam falhas no objecto interno e consequentemente insuficiências nas suas funções contentoras.

Flavigny (1988), focaliza, do mesmo modo, as vicissitudes relacionais e realça a falta de confiança e a vulnerabilidade narcísica destas crianças, oriunda de relações de objecto predominantemente agressivas, concepção esta defendida num estudo precedente assinado por Bergès (1985).

Mallarrive e Bourgeois, são também referidos por Salgueiro (1996a) como autores pioneiros no estudo específico destas crianças dentro de uma linha psicodinâmica. Fazendo uso dos conceitos de Mahler, estes autores focaram, em 1979, as distorções precoces nesta primeira relação, que conduzem à marcada dependência filho-mãe e desencadeiam necessidades regressivas, que reflectem a insegurança da criança. Enfatizam a dessintonia da relação, fruto da incapacidade de adaptação às necessidades da criança, sendo notória uma alternância materna entre movimentos de rejeição e de hiperprotecção, concepção esta posteriormente aprofundada noutros autores, como foi o caso de Bergès (1985).

Os trabalhos de Mahler (1979/1982), nas décadas de 60 e 70, centrados na fase da separação/individuação, focaram as dificuldades desta etapa devidas às vicissitudes na relação com o objecto de amor primário.

De acordo com esta autora, a separação de um objecto insuficientemente constante, previsível e securizante corresponde a uma separação psicologicamente prematura, pois não foi desenvolvida uma confiança emocional que reasseguraria uma “distância óptima”, que, caso existisse, proporcionaria uma adaptação às necessidades crescentes de autonomização, mas mantendo a possibilidade de uma reaproximação, que permite o alívio das ansiedades inerentes à evolução da criança. Portanto, a mãe, servindo de suporte ao desenvolvimento psico-afectivo do bebé, necessita moldar-se constantemente ao ritmo e exigências do crescimento do filho.

Mahler retoma o conceito de Winnicott (1956/2000) de “preocupação maternal primária” para explicar que tão importante como a devoção inicial, que permite um alto grau de adaptação ao bebê, é a disposição para permitir o abandono da proximidade, com segurança.

Na opinião da autora, quando há um desajuste precoce, a ansiedade de separação é excessiva, podendo esta ser revelada por sentimentos de tristeza, raiva ou por hiperactividade. Assim, afirma que “A locomoção constitui uma das funções autónomas do Ego, cuja maturação se transforma no mais visível paradigma de discrepâncias entre o grau de amadurecimento e o crescimento evolutivo da personalidade” (Mahler, 1958/1989, p.56). Portanto, sugere que a motricidade pode ser utilizada como mecanismo de defesa primário contra sentimentos de abandono ou intrusão, resultantes do desajuste materno às necessidades da criança.

Para Winnicott, o comportamento adaptativo da mãe ao bebê é de importância vital para o desenvolvimento emocional da criança, de tal modo que considera que “O lactente e o cuidado materno juntos formam uma unidade” (Winnicott, 1960/1983, p. 40).

Este autor fala da fase do *holding* (Winnicott, 1960/1983) como uma capacidade materna para providenciar uma adaptação e satisfação das necessidades do bebê numa fase de dependência absoluta, na qual a mãe sustem as incapacidades e ansiedades do filho, dando-se como apoio ao Eu ainda não integrado.

Sob condições favoráveis o lactente estabelece uma continuidade da sua existência, caso contrário, a falta de sustentação perturba o processo maturativo e afectará as fases subsequentes rumo à independência, por excesso de ansiedades e fragilidades no desenvolvimento do *Self*. Deste modo “(...) a tarefa do desenvolvimento fica, desde o início sobrecarregada no sentido da psicopatologia.

Assim, pode haver um factor muito precoce na etiologia da inquietação, hipercinesia e falta de atenção (posteriormente designada como incapacidade de se concentrar)” Winnicott (1962/1983, p. 59).

As ideias de Bion (1962/1990) sobre a relação dialéctica entre continente (mãe) e conteúdo (filho) são pertinentes para a compreensão das ansiedades precoces que poderão estar associadas à irrequietude infantil.

Segundo Bion (*op. cit.*), se a mãe não conseguir mobilizar a sua capacidade de *rêverie* para receber, conter e transformar as pré-concepções ansiosas ou elementos β em elementos α aceitáveis e tranquilizantes, conduzirá o bebé a um estado de intoxicação, dada a incapacidade inicial da criança para significar e desintoxicar as experiências angustiantes.

Dessa forma, perante uma acumulação de angústias não transformadas, o bebé não consegue desenvolver as suas capacidades, pois não poderá introjectar a função α materna, essencial para permitir a auto-contenção e a tolerância às ansiedades e frustrações futuras. Neste contexto, pode gerar-se o ciclo da identificação projectiva patológica (Bion, 1959/1990) devido à inacessibilidade de um objecto contentor, que não permite a evolução da dependência e, como tal, dificulta a elaboração da sua ausência. Nestas circunstâncias, a relação de objecto é invadida pela projecção evacuativa hostil face a um objecto do qual depende, mas que não proporciona o alívio procurado.

Gibello (1986) centra-se na perturbação da relação continente-conteúdo para compreender os processos mentais e as disfunções do aparelho mental que patologizam o pensamento. Segundo o autor, um desajustamento nesta relação precoce impede a redução das inquietações primitivas e o desenvolvimento de modos complexos de pensar devido ao desajuste entre os continentes e conteúdos do

pensamento, originando o que chamou “pensamento incontido” (Gibello, 1995/1999).

Gibello (*op.cit.*) afirma que são os diálogos ecopráticos mãe-bebé que darão sentido afectivo ao movimento, organizarão a psicomotricidade e constituirão a base do pensamento. Na falência desta função contentora, o agir pode substituir a mentalização e a resolução pensada dos conflitos. Então, agindo conflitos interiores, somatizando ou cortando a cadeia associativa, o indivíduo defende-se da fonte de angústia embora caia num ciclo que reforce essas defesas.

João dos Santos (1988) interessou-se pelo estudo da instabilidade infantil e destacou, igualmente, a incapacidade de atenção persistente da mãe insuficientemente disponível e, portanto, incapaz de gerar um sentimento de segurança necessário à quietude. Assim, a instabilidade seria uma procura de estabilidade, ou seja, uma tentativa de cura da ansiedade a que conduz a insegurança. O objectivo seria o de definir um território de segurança ou uma fuga a um objecto desconhecido e atemorizador, que desencadeando uma fobia infantil precoce, originaria um movimento contínuo de fuga e procura de segurança junto de um objecto que lhe daria a estabilidade procurada.

Esta perspectiva enquadra-se na referência feita por A. Freud (1967/ 1953) à instabilidade motora. A autora fala da manifestação de um sentimento de “estar perdida”, que também traduziria a esperança de encontrar e ser encontrada.

A dessintonia na relação precoce, amplamente defendida pela corrente psicanalítica, serviu de suporte aos trabalhos de Salgueiro, iniciados nos anos 80. Dedicando a sua tese de doutoramento ao estudo destas crianças, Salgueiro (1996) elabora um estudo evolutivo no qual aborda, não só a perturbação em si, como as consequências ao nível da organização mental.

A hipótese de base é a existência de um desajustamento precoce na díade mãe-bebé, originando insuficiências entre as capacidades contentoras da mãe e as necessidades de contenção do seu bebé.

Como afirma Salgueiro, “as angústias contidas estimulam o crescimento, angústias transbordantes paralisam-no” (Salgueiro, 1996b, p. 55). Significa então que, quando se sente contido por uma mãe securizante, a criança vai constituindo a capacidade de funcionar psiquicamente de modo autónomo e vai desenvolvendo competências, cada vez mais complexas, num ambiente relacional que lhe proporciona a confiança básica para se conseguir separar psiquicamente sem riscos.

Salgueiro (*op.cit.*), enfatiza a mãe como matriz organizadora exterior ao bebé, a qual, com as suas capacidades de acolhimento, suporte e contenção, irá organizar o bebé de modo a que este possa fazer uso da estimulação indispensável à maturação. Assim, afirma que quando os aprenderes da vida, resultantes da interacção afectuosa, são sólidos, existe um estado de afecto que capacita a criança para distinguir saberes básicos como presença/ausência, bom/mau, interno/externo, construir/destruir, sentir, pensar, agir, etc. e daí emana um potencial evolutivo e uma passagem natural para aprenderes mais complexos que ultrapassam o contexto familiar.

Salgueiro (1996a), introduz uma diferenciação no grupo das crianças com irrequietude motora, pois considera a existência de dois pólos, que correspondem a organizações psicopatológicas de diferente gravidade. Num polo neurótico estariam crianças mais organizadas e, portanto com melhor prognóstico, no polo psicótico, encontrar-se-iam relações mais perturbadas, com graves consequências na organização da personalidade.

Berger (1999/2001), consciente da heterogeneidade encontrada em crianças com esta sintomatologia, desenvolveu hipóteses teóricas resultantes de um

investigação clínica com 60 crianças hiperactivas. Colocou, igualmente, a ênfase na existência de um défice na relação primária e, servindo-se do conceito de *holding*, realçou a desadaptação às necessidades do bebé no período pré-verbal.

A interacção precoce perturbadora não possibilita o estado de integração, nem a unidade entre os seus pensamentos, os seus movimentos e o seu corpo. O mal estar difuso provocado pela perda do *holding*, desencadeia vivência de angústia, abandono e desmoronamento.

Este autor critica a concepção da instabilidade enquanto defesa maníaca contra a depressão, considerando-a uma manifestação de mal-estar resultante da inadequação do *holding* e não da mentalização da perda do objecto interno ou externo. Nestas circunstâncias “(...) a instabilidade é simultaneamente uma defesa e um estado: uma defesa no sentido em que é o meio mais primitivo que um bebé à deriva, face a um vivido de angústia muito arcaico, pode utilizar; um estado porque (...) a criança fica em «estado de agitação»” (Berger, 1999/2001, p.91).

Para o autor, a agitação impede o pensamento pela incapacidade de representar os afectos e não propriamente pela defesa contra as representações. A instabilidade traduziria o que não se pôde estruturar psiquicamente, devido às falhas num período pré-verbal. Assim, são as marcas desse vivido, não simbolizado, que perseguem a criança interiormente, não permitindo o repouso ou a escapatória.

Sá (2003), não inclui a instabilidade psicomotora em nenhum quadro específico, pois considera-a um sintoma presente em diferentes quadros clínicos, com especial ênfase nos pré-psicóticos e psicóticos. No entanto, é quando inclui este sintoma nas perturbações do comportamento que se enquadram nas pré-psicoses infantis, que o associa a um tipo de funcionamento mental e a uma dinâmica relacional que converge com as concepções sobre a irrequietude motora defendidas

por autores que se debruçaram especificamente sobre a irrequietude infantil, como foi o caso de Salgueiro ou Berger .

Para Sá (2003), a falência da capacidade de pára-excitação do objecto materno pode desencadear níveis de angústia não-mentalizáveis na relação precoce. Estes estados, a que chamou “écran de angústia”, que se assemelha ao vivido de angústia descrito por Berger (1999/2001), impedem a mentalização e criam estados brancos no psiquismo, que não têm um valor de conflito mas sim de traumatismo.

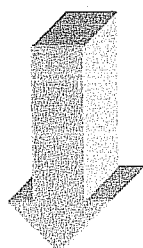
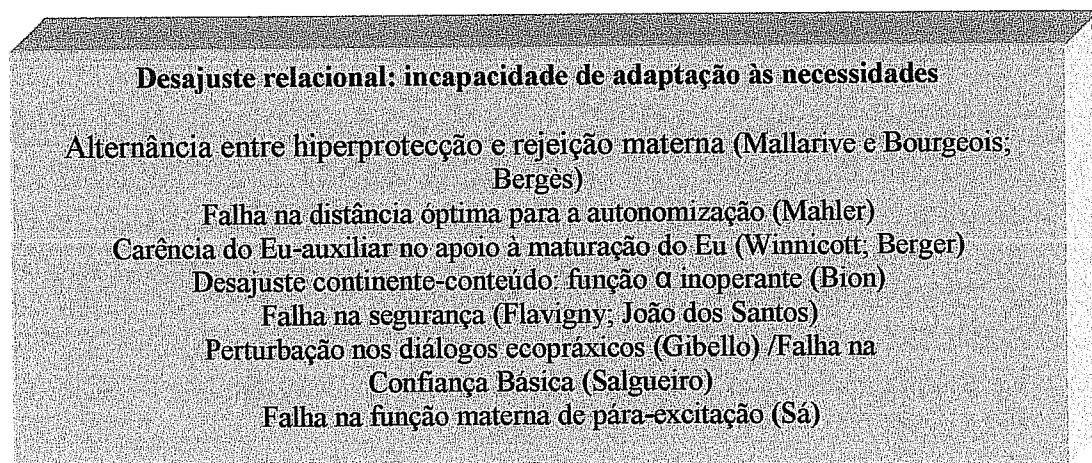
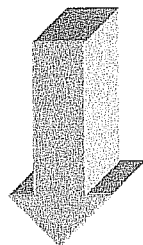
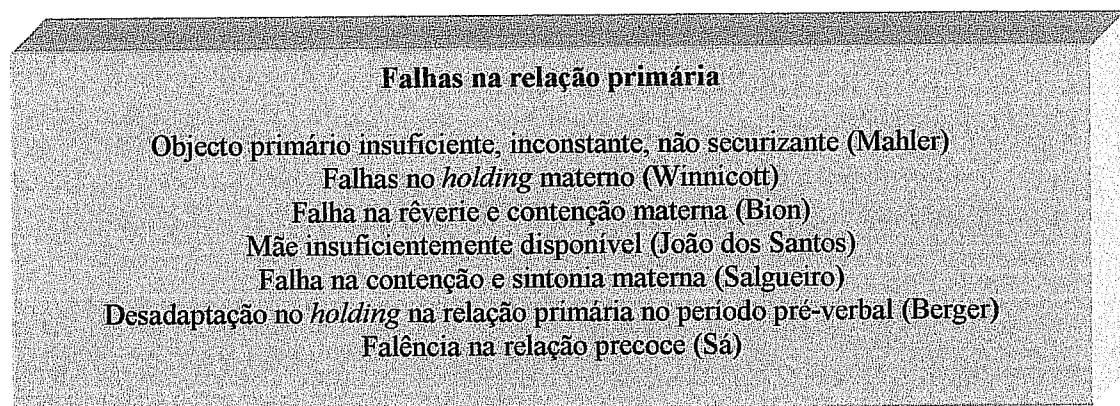
No lugar de uma integração do objecto total ocorre uma integração patológica ou “clivagem operante”, que desencadeia uma “hipocrisia objectal” e origina “representações contraditórias”, “Estas, gerando emoções e afectos em contradição permanente (...)” (Sá, 2003, pp. 25, 26) expressas, numa interacção, com incoerência e inconstância.

De facto, apesar da heterogeneidade das crianças irrequietas, a sintomatologia que as caracteriza (instabilidade motora e afectiva, impulsividade, intolerância à frustração, dificuldades de separação) é inserida, na maior parte dos estudos actuais, na organização de personalidade característica da estrutura *borderline* ou pré-psicose infantil, cuja génese se encontra precisamente nas carências afectivas que temos vindo a realçar. “Se a dependência simbiótica do objecto frustrante está num dos extremos (...) o termo médio é o afastamento/reaproximação do objecto típico da personalidade limite” (Coimbra de Matos, 1986/2002, p.304).

É pois este conflito de ambidendência (bem patente nas teorias de João dos Santos e Salgueiro) que surge associado a este tipo de personalidades, tão instáveis sintomatologicamente, conflito este que resulta da falência do processo de separação-

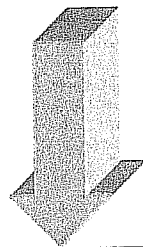
-individuação, que dá origem a perturbações da identidade, também lábil, difusa ou instável.

Esquema das principais concepções nos autores revistos:



Vicissitudes fragilizantes na maturação do Eu

Angústias abandonicas (Freud, A.)
 Forte dependência mãe-filho (Mallarive e Bourgeois)
 Dificuldades na fase de separação/individuação (Mahler)
 Quebra na continuidade de existência (Winnicott)
 Ciclo de identificação projectiva patológica/ falha na auto-contenção (Bion)
 Predomínio de relações agressivas/desconfiança (Bergès, Flavigny)
 Falta de um território de segurança (João dos Santos)
 Desconfiança Básica (Salgueiro)
 Estado de agitação/ "vividos" não simbolizados (Berger)
 Écran de angústia: angústias não mentalizadas (Sá)



Falhas na integração do Eu e separação Eu/outro

Não explícitas nas concepções de:

João dos Santos
 Ana Freud
 Mallarive e Bourgeois

Que focalizam mais a componente depressiva

Assim estabelecidas as concepções dos diferentes autores, é possível enfatizar as principais características da irrequietude motora, que originaram relações desajustadas às necessidades da criança, fragilizando, assim as potencialidades de construção do Eu.

As consequências dessas falhas no tipo de organização mental e, consequentemente nas relações objectais, diferem entre os autores aqui focados, pois a maioria considera a existência de falhas na diferenciação, embora outros se concentram sobretudo na componente depressiva.

Iremos, em seguida, aprofundar a concepção dominante que enfatizada as dificuldades de diferenciação psíquica.

2.3- Fundamentos da Identidade : Eu / Outro – vicissitudes do Nascimento Psicológico

Como atrás ficou explícito, é na infância precoce que se cimentam as relações externas e internas, que permitem a vinculação e a consequente separação/individuação, que constituem as condições essenciais para o desenvolvimento do ser humano.

Para a compreensão da irrequietude, importa perceber quais as consequências das perturbações da função continente na construção da identidade destas crianças, que as conduzem a determinado estilo relacional interno e externo.

A fase de separação-individuação equivale a um segundo nascimento “tão inevitável quanto o nascimento biológico” (Mahler, 1955/1989, p.8).

Segundo a autora, a consciência do funcionamento separado pode desencadear intensa angústia em crianças vulneráveis pelas falhas no período simbiótico. Assim, podem tentar desesperadamente negar a separação e, ao mesmo tempo, lutar contra a ameaça do “reengolfamento”, isto é, de retorno a uma estado fusional, que corresponde à ameaça de uma diferenciação individual escassamente iniciada.

Mahler (1955/1989) analisa dois casos de crianças hiperactivas e foca as dificuldades de integração do objecto total, a par das dificuldades de constituição do *Self*. Considera que coexistem angústias contraditórias ligadas, por um lado, ao risco de dissolução da identidade pelo “reengolfamento” e, por outro, ao pânico da separação, dada a carência de um Eu materno auxiliar que não conseguiu satisfazer as necessidades.

Mahler realça a existência de ambitendência adaptativa, promotora da função integradora do Eu, que ocorre na fase de reaproximação. Nesta fase, quando o bebé

começa a dominar a locomoção, exercita-a em movimentos de ir e vir que lhe permitem explorar o mundo e a separação da mãe e, simultaneamente, assegurar-se de um “reabastecimento emocional” (Mahler, 1965/1982, p.37) junto de uma mãe “tranquilamente disponível” ou numa “distância ótima”.

Com estes dois conceitos Mahler explicitou a adaptação da mãe à criança sem excessiva frustração ou sufocação da individualidade em estado nascente. Desta forma, o relacionamento progride para uma interacção em nível mais elevado, isto é, com maior peso de linguagens mais simbólicas e menos peso de condutas afectomotoras (Mahler, 1963/1982).

Através deste processo, o sentimento de identidade e a representação do *Self*, distinta da representação do objecto, começa a consolidar-se rumo à constância objectal, na qual a presença real e constante da mãe não é imperativa.

A locomoção é “o sinal comportamental que indicou mais visivelmente ao observador o final do “processo de rompimento”, isto é, o nascimento psicológico” (Mahler, 1974/1982, p.126).

Do mesmo modo, em situações em que não houve distância ótima, a expectativa confiante não se desenvolve e origina uma “ambitendência mal-adaptativa” (Mahler, 1968/1982, p.90), que se manifesta em movimentos de vaivém, repletos de ansiedade de separação e agressão, como que numa perseguição e fuga perpetuada devido à carência da “confiança básica” (Erikson, 1968, *cit. in* Mahler, 1968/1982) necessária à progressão da autonomia.

Os conceitos de Mahler cruzam-se com os de Winnicott, particularmente o de “mãe suficientemente boa”, capaz de “distância ótima”, pois essa é a mãe que se vai adequando às necessidades do bebé, que se vai movendo da dependência absoluta para a relativa e daí rumo à independência.

Inicialmente, adapta-se de tal forma que o bebé experimenta a ilusão de onnipotência, essencial para amparar as ansiedades e desenvolver a sensação de continuidade da existência, que permite iniciar a maturação do Eu e é a base para o desenvolvimento saudável e sólido do *Self*.

Emprestando o seu Eu ao filho, numa fase de indiferenciação “Eu”-“não Eu”, o bebé consegue tornar o seu Eu forte e estável, ficando apto para a separação mental da mãe, isto é, diferenciando-se num *Self* pessoal, separado e capaz de criar objectos internos (Winnicott, 1960/1983). A experiência do “não-Eu” torna-se, então possível pois é sustida por um Eu suficientemente eficiente para continuar a ser na ausência do outro.

É esta narcisação primária que permite a “capacidade de estar só” (Winnicott, 1958/1983), sinal do amadurecimento do desenvolvimento emocional. A solidão objectiva é substituída pela companhia subjectiva que confere à criança, auto-suficiência para viver sem um contínuo apoio externo, pois conseguiu introjectar o Eu auxiliar materno e constituiu assim o bom objecto que o acompanha internamente. Desta forma, Winnicott (1958/1983) fala na constituição de um “ambiente benigno”, que equivale à “confiança básica” indispensável à separação-individuação, através do qual é possível amparar as “ansiedades inimagináveis” (Winnicott, 1962/1983) que existem num estágio precoce de não-integração, em que ainda não existe distinção entre “Eu” e “não-Eu”.

Sob condições desfavoráveis o bebé não consegue estabelecer uma continuidade de existência, então, “ a alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e o aniquila” (Winnicott, 1960/1983 p. 47) o que resulta no enfraquecimento do Eu, desenvolvendo-se uma personalidade baseada em reacções a irritações do meio.

Segundo Winnicott (1962/1983), as “ansiedades inimagináveis”, resultantes da carência do apoio do Eu materno, por um lado, distorcem o Eu dominado por ansiedades persecutórias e, por outro, desencadeiam defesas pela necessidade de um *Self* que se cuide de si próprio. Neste sentido, fala de um falso-*Self* que deriva de uma reacção ao meio adverso que coartou, em diferentes graus conforme a gravidade das falhas, a possibilidade de integração e maturação do Eu.

Estas “ansiedades inimagináveis” equivalem aos elementos β descritos por Bion. As experiências resultantes de um estado de não integração são transformadas na relação continente/conteúdo, sendo essa a base do desenvolvimento mental que o autor formulou na sua teoria do pensar (Bion, 1962/1990).

É na relação contentora, pela possibilidade de introjecção da função alfa materna, ou do Eu auxiliar, de que fala Winnicott, que se origina a capacidade de conter ansiedades e frustrações. Desta forma, uma vez atingida essa capacidade, que implica já um grau de maturação e diferenciação, a criança é capaz de reconhecer e experimentar a ausência e, nestas circunstâncias, origina o pensamento simbólico, que cria e pensa como forma de reparar a ausência frustrante mas sustida por ligações simbólicas, que vão construindo um espaço interno progressivamente delimitado do exterior e que fará desenvolver a capacidade de estar só, de que fala Winnicott, como significado de uma maturação psicológica.

Quando este interjogo não é benigno, torna-se reciprocamente destrutivo, ficando o objecto contentor invadido e incapaz de conter, e o sujeito intoxicado por angústias sem sentido e em crescendo de confusão, a que Bion chama de tela β , que impede a construção de uma “barreira de contacto” que possibilita a separação interior-exterior essencial ao desenvolvimento da capacidade de pensar, sobressaindo, então, a tendência para actuar ou para usar o pensamento concreto.

O ciclo projectivo-introjectivo, incapaz de facilitar o desenvolvimento, tende a gerar intensas ansiedades persecutórias, pois as emoções são sentidas como excessivamente fortes e associadas a objectos hostis ao narcisismo primário. Defensivamente, a identificação projectiva patológica intensifica a projecção evacuativa, resultando num ciclo destrutivo das ligações internas e externas que reflectem e acentuam as falhas na diferenciação e coesão identitárias.

Vemos que Bion (1962/1990) relaciona o pensamento, como Segal (1991/1993) relaciona o símbolo, com a capacidade de reconhecer e experimentar a ausência. Só em condições para perceber e tolerar a ausência é que a criança pode admitir a dependência, sentir a perda e tentar reparar essa ansiedade depressiva.

A apropriação da função α corresponde à passagem da posição esquizo-paranóide para a depressiva, descrita por Klein (1934, *in* Segal, 1975), na qual a construção de símbolos corresponde à capacidade de ligação a objectos internos, construídos pela possibilidade de acesso à diferenciação do objecto externo com o qual estabelece uma relação ambivalente.

É neste sentido que “ estar deprimido é uma conquista e implica um alto grau de integração pessoal e uma aceitação da responsabilidade pela destrutividade” (Winnicott, 1962/1983, p.160) dirigida a um objecto total, face ao qual desenvolveu a capacidade de se preocupar, pois para ele pode dirigir impulsos libidinais e agressivos, mantendo-o externamente indestrutível e interiormente conservado. Esse processo permite a redução da onnipotência e a tolerância dos impulsos contraditórios dirigidos ao objecto. Menos dependente, menos culpado e mais seguro, o indivíduo enriquece e fortalece desenvolvendo relações externas e internas mais livres e criativas.

Lepage (1981, in Flavigny, 1988 e Salgueiro, 1996a), Bergès (1985) e Flavigny (1988), são exemplos de autores que, debruçando-se sobre a instabilidade motora, consideraram as dificuldades de acesso à posição depressiva o que conduz, precisamente a falhas nas áreas da interiorização, simbolização e a fragilidades na construção da identidade.

Salgueiro (1996a) cimenta a sua teoria sobre a irrequietude motora nalguns conceitos até aqui detalhados e enfatiza a ligação íntima entre o desenvolvimento motor, a qualidade das experiências afectivas e a emergência da capacidade de pensar.

A falta de entendimento na díade e, conseqüentemente, o desajustamento continente-conteúdo originam perturbações nas representações de transformação, isto é, a motricidade e o afecto não se sintonizam numa interacção que dê sentido afectivo ao movimento e organize a psicomotricidade.

A falha na sintonia relacional, segundo Salgueiro (*op. cit.*), afecta a confiança básica fundamental para a posterior fase de separação/individuação. Por conseguinte, constitui-se um núcleo de desconfiança/insegurança básica, que dá origem à busca de uma solução reequilibradora para a manutenção do equilíbrio narcísico, criando condições para o aparecimento da resposta motora. Nestas circunstâncias, a criança irrequieta movimenta-se num ciclo contínuo entre aproximação e afastamento, por forma a fazer face a angústias depressivas e persecutórias, perpetuadas por falta de contenção externa e interna que impedem o alívio e a elaboração .

O objecto relacional, não sendo aliviador das angústias, é transformado num objecto persecutório, através dos mecanismos de identificação projectiva patológica, provocando um afastamento precoce que é, simultaneamente, uma “fuga” do mau objecto e uma busca de algo que o estabilize. No entanto, a desconfiança interna e a

desconfiança básica impedem o prazer do afastamento e, além do mais, a ausência e o desconhecido aterrorizam, devido à carência das suas próprias capacidades de contenção e transformação. Sem alternativas, torna-se imprescindível a aproximação à mãe, objecto insuficiente, mas do qual depende, o que torna este processo, na opinião de Salgueiro (1996a), um ciclo imparável de experiências angustiantes.

Diante de ansiedades sentidas e não contidas, estas crianças agitam-se corporalmente, tornando-se esta movimentação um impedimento para o pensamento.

Por um lado, a falta de boas experiências afectivas perturbam a emergência das capacidades de pensar, pois os continentes do pensamento são afectados pela perturbação das representações de transformação e, portanto, a eficácia do pensamento é diminuída.

Para Salgueiro (1987), é a insuficiente “passagem-ao-pensamento” que origina a “passagem-ao-acto”. Mas, como a movimentação motora impede a movimentação do pensamento, a criança depara-se com dificuldades no seu desenvolvimento. Nomeadamente, surgem perturbações no pensamento, insuficiências linguísticas, dificuldades de atenção e concentração devidas à invasão de fantasmas e às dificuldades de elaborar as angústias.

Estes quadros que, segundo Salgueiro (1987), se encaminham, habitualmente, para uma desarmonia cognitiva, acarretam, então, em maior ou menor grau, dificuldades nas aprendizagens sociais e escolares, que afectam a sua maturação cognitiva, afectiva e social. Este autor enfatiza, assim, como a irrequietude motora se traduz num sintoma defensivo “caro”, originando verdadeiras “amputações” nas diversas estruturas mentais, afectivas e cognitivas.

Motricidade e afecto desenvolvem-se num processo interactivo, pois o desenvolvimento motor implica intenções e estas, por sua vez, dependem das

experiências afectivas e da capacidade de reflexão e planeamento, ou seja, do pensamento. A estruturação do espaço externo interage, então, com a estruturação do espaço interno, permitindo o desenvolvimento da simbolização e do pensamento, aliando-se este posteriormente à linguagem, numa caminhada de complexificação crescente das potencialidades do Eu.

A teoria de Salgueiro (1996a) foca a ambívalência nas relações objectais destas crianças. Presos a um ciclo imparável de proximidade-afastamento, perpetuam um vai e vem que dá conta do bloqueio da fase de separação-individação que impede, como Mahler afirma, o nascimento psicológico. Em consequência, constituiu-se um *Self* frágil, dependente, insuficientemente delimitado e constantemente ameaçado na sua diferenciação face ao exterior.

O ciclo claustrofóbico-agorafóbico desencadeado dá conta da insuficiente consolidação da posição depressiva. Estas crianças oscilam entre as duas posições kleinianas, mas segundo Salgueiro (1996a), com um predomínio da posição esquizo-paranóide.

Salgueiro opta por inserir a irrequietude motora no conceito de “desarmonia evolutiva” (Misès, 1981), que foca uma perturbação evolutiva que não possui estruturação homogénea e, portanto, suficientemente ampla para distinguir subgrupos conforme a presença mais acentuada de um pólo neurótico ou psicótico. Aliás, essa é uma das razões que o faz optar pela denominação de irrequietude motora em substituição da instabilidade motora, pois, citando Francisco Alvim (1981, *cit. in* Salgueiro, 1987, p.657) “são crianças muito estáveis na sua instabilidade”. Desta forma, o termo irrequietude foca mais o comportamento desinquieto e reduz a carga ideológica da palavra instabilidade.

Berger, refere, também, o polimorfismo das crianças irrequietas, mas dentro dessa heterogeneidade destaca a existência de uma constante que consiste na “passagem, num momento precoce da vida psíquica do sujeito, para uma actividade motora desorganizada, sem ritmo e persistente” (Berger, 1999/2001, p.144).

A instabilidade seria a resposta possível para a anarquia instaurada por um objecto que subjugou e, nesse sentido, constitui-se, na designação do autor, como uma “presença flutuante do inimigo”, que persecutoriamente tiraniza com a sua imprevisibilidade, quer porque é potencialmente abandonante, ou inversamente intrusivo.

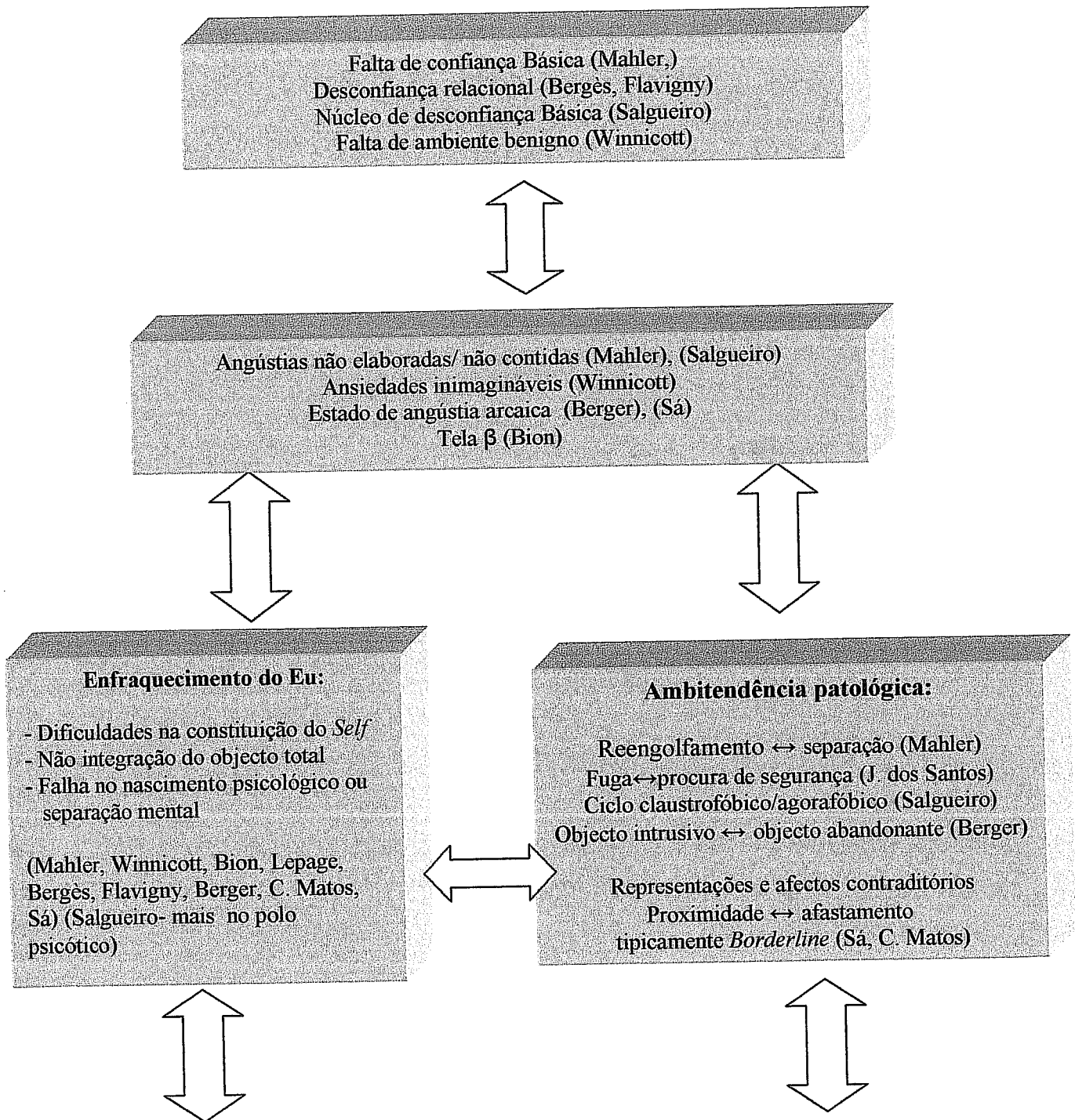
Incapaz de conquistar a capacidade de estar só, devido às vicissitudes da relação primária, que tornou o objecto demasiado invasor, pode persistir a sensação de um corpo para dois, isto é, “para as crianças instáveis, este processo pode persistir sem que se tenha podido instalar uma diferenciação” (Berger, 1999/2001, p.108)

Nestas circunstâncias, segundo este autor, a motricidade pode significar a tentativa de evacuação para o exterior de um objecto incontrolável que domina e ameaça a integridade do sujeito. A defesa permitiria mudar para o estatuto de dominador e, assim, desalienar-se da ritmicidade do outro, impondo ao outro o seu próprio ritmo como garantia da sua existência individual, mais delimitada, mais actuante e com maior contacto consigo mesma.

Berger (*op. cit.*), remete-nos para um estado de angústia muito arcaica, que não pôde ser transformado e constituiu-se como traumatismo não elaborado devido à sua ocorrência num período precoce, antes da diferenciação e, portanto, compromete evolução para uma posição depressiva mantendo-se a criança numa situação de impasse, que corresponde à oscilação relacional referida por Salgueiro (1996a) com predominância da ameaça claustrofóbica e persecutória face a uma fragilidade

narcísica oriunda da falhas num período arcaico, pré-genital, que comprometem a delimitação consistente entre sujeito-objecto.

Esquematizando e cruzando conceitos similares:



Ameaça de indiferenciação / Impasse na maturação psíquica:

- Bloqueio na evolução para a posição depressiva
- Incapacidade de estar só/ falha na transitividade
- relacionamento de nível mais arcaico
- Falhas na simbolização
- Maior peso de ansiedades persecutórias
- Maior peso de condutas afectomotoras /mais passagens ao acto

A partir desta esquematização é possível constatar a possibilidade de conciliação dos conceitos dos diferentes autores relativamente a esta problemática.

Mais uma vez fica claro que a principal discrepância se situa na estrutura psicológica em que os diversos autores situam estas crianças, o que determina o maior ou menor peso de determinadas angústias e mecanismos defensivos.

Como vimos, a maioria dos autores assinala as dificuldades de acesso à posição depressiva. No entanto, assistimos a classificações bem distintas, embora todas tentem abranger o polimorfismo das crianças instáveis.

Enquanto Salgueiro opta por classificá-las nas desarmonias evolutivas, conceito suficientemente abrangente para suportar a existência de dois pólos estruturais (neurótico ou psicótico), consoante o tipo de angústias e defesas mais ou menos arcaicas, Berger considera a existência de uma estrutura específica baseada na desorganização motora ocorrida num momento precoce da vida. Outros autores, nomeadamente Lepage e Flavigny, incluem-nas na estrutura tipo limite, o que converge com a referência à instabilidade motora enquadrada por Sá e Coimbra de Matos na organização *borderline* ou pré-psicose infantil

Há ainda que focar os autores, referidos no ponto anterior, que assinalam a prevalência de angústias depressivas.

Desta forma, importa, então, reunir e clarificar as diferentes posições relativamente às angústias e defesas prevalentes nestas crianças. Propomo-nos, de seguida, aprofundar a posição dominante, bem como confrontá-la com concepções divergentes.

2.4- Fantasmas e Organização Defensiva: o sintoma como expressão de angústia e procura de uma solução pacificadora

A controvérsia acerca da organização psicopatologia por detrás do sintoma da agitação motora foi, e ainda hoje é, uma fonte de polémicas dentro da visão psicanalítica desta problemática.

Mallarive e Bourgeois, assinalados por Salgueiro (1996a) como os pioneiros nestes estudos psicanalíticos iniciados nos anos 70, focaram a componente depressiva e fóbica nestas crianças, devidas à alternância entre os movimentos de rejeição e hiperprotecção maternos.

Esta visão foi desenvolvida por diversos autores, que valorizando a componente depressiva, colocaram a hipóteses do sintoma corresponder a uma defesa maníaca contra a depressão. Ajuriaguerra e Marcelli (1984) , Diatkine e Denis (1985, *in* Berger, 1999/2001) e João dos Santos (1988), são exemplos desta visão, embora não excluam tipos de irrequietude mais associados a mecanismos persecutórios. Ajuriaguerra e Marcelli (1894), afirmam mesmo que não é raro existir instabilidade motora em organizações pré-psicóticas e psicóticas.

Valorizando a componente depressiva e o abandono, consideram a existência de um estado de ansiedade ou angústia resultante da perda da segurança proporcionada pelo objecto. João dos Santos (1988), conclui que há sempre uma depressão acentuada nestas crianças. A componente fóbica de fuga, em esquema de vai e vem agitado, corresponderia à procura de estabilidade e à insegurança persistente contra a qual reagem, numa tentativa de cura da ansiedade de fundo depressivo.

Outros autores centraram-se mais nas angústias persecutórias existentes nestas crianças.

Lepage, outro dos pioneiros referido por Salgueiro (1996a), sublinhou, em 1981, o domínio dos mecanismos persecutórios e a importância da identificação projectiva evacuativa. Segundo este autor, haveria um mau controle da pulsionalidade agressiva e libidinal e uma ansiedade maciça, difusa, que conduziria a um polimorfismo na elaboração defensiva, no qual se inclui a defesa motora. Haveria, ainda, uma insuficiência na clivagem entre bom e mau objecto, que associou a insuficiências na função contentora da pele, responsável por confusões eu/outro, interno/externo. As falhas na área da simbolização potenciariam o recurso a defesas motoras.

Flavigny (1988) considera que a estrutura de personalidade destas crianças é mais frequentemente do tipo “limite”. A instabilidade seria uma vicissitude pela impossibilidade de elaboração mental das angústias relacionadas com a impossibilidade de suportar a ausência/separação da mãe, sentida como um risco de morte. A problemática mais comum situar-se-ia numa carência no plano das interiorizações e numa fragilidade no plano das identificações sexuais, associada à não elaboração do conflito edipiano.

Flavigny (1988), considera que existe uma tendência depressiva associada à carência de bons objectos internos, no entanto, esta tendência torna-se mais evidente após evoluções terapêuticas que permitem a atenuação dos traços persecutórios e da agressividade relacional.

A excitação do corpo substitui o auto-erotismo, que não se desenvolveu pela carência de interiorizações securizantes, por outro lado, a excitação funcionaria como derivação da excitação sexual que se mantém muito intensa dadas as vicissitudes que impedem o acesso à vivência do Édipo, demasiado ameaçadora num contexto predominantemente agressivo. A vulnerabilidade narcísica e a falta de confiança relacional geram angústias intensas às quais a criança procura fugir movimentando-se. A satisfação narcísica que poderá advir da excitação corporal, encobre uma problemática profunda associada a fantasmas destrutivos.

Salgueiro, enfatizou as dificuldades de individualização que desencadeiam ansiedades depressivas e persecutórias, com grande prevalência das persecutórias, “a criança irrequieta «foge», porque se sente perseguida” (Salgueiro, 1996a, p. 534). Considera esta perseguição interna resultante da relação entre o *Self* e os seus objectos internos, isto é, devido à insuficiente separação entre o *Self* e seus objectos, a uma clivagem excessiva entre bom e mau objecto, o que eleva o temor da perseguição/invasão pelo mau interno, que ameaça a permanência do bom.

O tipo de relacionamento do *Self* com os seus objectos, indica o predomínio da posição esquizoparanoide e uma insuficiente consolidação da posição depressiva. Desta forma, o autor atrás citado observou um predomínio de defesas primitivas como a negação, confusão e identificação projectiva.

A incapacidade de tolerar a ausência e a fantasmização predominantemente narcísico-agressiva conduzem a uma pobreza fantasmática e comprometem as

capacidades de simbolização, transformação, de criação de um imaginário rico e de um mundo interno povoado de objectos securizantes. (Salgueiro, 1996a)

Numa perspectiva freudiana, encontrou um predomínio das etapas psicosexuais pré-genitais, sobretudo a anal-fálica. No entanto, constatou uma maior evolução, pelo menos nalgumas crianças, nas quais a componente edipiana e o predomínio das angústias depressivas era notória. Os dois pólos em que subdividiu estas crianças (psicótico e neurótico), permitiram-lhe diferenciar o tipo de relações, angústias e defesas característicos da organização de personalidade subjacente.

Diatkine (1999), reformula a sua hipótese anterior, delineada em 1985, que considerava a irrequietude uma defesa maniaca contra a depressão, e enquadra estas crianças numa evolução precoce profundamente desarmoniosa. Berger (1999/2001), reforça esta ideia afirmando que a problemática não se situa no registo da perda do objecto, característica da depressão, mas sim numa dificuldade, muito arcaica, de entrar em relação com o meio envolvente primário.

Referindo-se à falha precoce, que determinou uma deficiência ao nível dos invólucros corporais, J. Bergès (1985) entende a instabilidade como a busca incessante de limites, que estão em falta no próprio corpo. Segundo este autor, a procura de fronteiras alia-se a uma tentativa de romper com a ordem pré-estabelecida organizada pelos adultos. A busca identificatória com o poder dos adultos pretendia provocar uma modificação nas relações insatisfatórias, procurando, desta forma, a criação de uma contenção mais adequada.

Bergès (*op. cit.*) coloca a hipótese da instabilidade corresponder a uma fuga ao olhar da mãe, que associada à propensão para acidentes e a uma vigilância materna alternadamente intensa ou negligente, pretendia, por um lado, suscitar uma vigilância mais adequada e, por outro, a exposição ao risco enquanto passagem ao

acto do desejo inconsciente da mãe. Berger (1999/2001) discorda desta intencionalidade da agitação, mas reforça a ideia da agitação como forma de libertação de um invólucro demasiado “aconchegado”, do qual a criança se esforça por libertar.

Este fantasma de aprisionamento, oriundo de uma individualização em impasse, assinalada por Bergès (1985), como um casulo, ou por Salgueiro, como claustrofobia, gera na opinião de Berger (1999/2001), um fantasma de intrusão e perda de controlo, que cria na criança um mal estar difuso expresso na agitação motora.

Berger (*op.cit*) concorda com Winnicott (1962/1983), quando este refere o carácter paradoxal da defesa motora, pois seria a produção activa da desordem externa que protegeria da ameaça fantasmática de controlo pelo objecto persecutório. A opinião de Ciccone (1995, *in* Berger, 1999/2001), aponta no mesmo sentido, pois este autor considera que para fazer face a um mundo envolvente angustiante, a criança ou paralisa ou coloca-se em perpétuo movimento, mas enquanto a imobilização suspende a existência, a agitação proporciona o oposto e protege do vivido corporal de dispersão.

Szwec (1993), é outro autor a realçar a componente autocalmante da agitação motora. Estas crianças, sendo incapazes de recorrerem à função materna para atenuarem as angústias, utilizam o registo perceptivo e motor, que desempenha o papel de substituto da actividade de ligação das representações, ausente do aparelho psíquico. No entanto, não se torna verdadeiramente calmante, pois não corresponde a um auto-erotismo que representaria uma continuação dos cuidados maternos. Trata-se, em vez disso, de um auto-erotismo compulsivo, com função de descarga, parecendo, nalguns casos, ao serviço do desinvestimento psíquico da relação.

Berger (1999/2001) comenta a contra-transferência surgida na relação clínica com estas crianças e enfatiza a sensação do clínico, que se sente inexistente enquanto outro. Entende-a, precisamente, como fruto de uma necessidade imobilizadora e controladora, face ao fantasmas de omnipresença do inimigo, sentido como um objecto tirânico, ameaçador, não-controlável e intrusivo.

O estatuto deste inimigo é especial, pois não se trata totalmente de um fantasma, nem de uma construção delirante. Na sua opinião é uma formação psíquica limite entre fantasma e realidade, o que parece explicar “a inquietante incerteza relativamente à diferença entre animado e inanimado, no sentido em que os objectos materiais se podem tornar ameaçadores (Berger, *op. cit.* , p. 107). Estas dificuldades de diferenciação, que correspondem à noção de equação simbólica proposta por Segal (1991/1993), parecem ser causa e consequência da patologia apresentada, gerando ciclos angústias e defesas primitivas, como a identificação projectiva evacuativa, que tentam sustentar a confusão e dispersão.

Para Berger (1999/2001), esta angústia de diferenciação pode corresponder a um fantasma arcaico, associado à sensação de um corpo para dois, que caracteriza o período de indiferenciação, típico dos primeiros meses de vida, mas que persistiria nestas crianças sob a forma de uma diferenciação incompleta, que afecta a imagem unificada de si. Sem acesso a toda a subjectividade possível, “(...) em vez de aceder a um nível de simbolização superior, a partir de uma experiência corporal e psíquica de maleabilidade com o meio envolvente e com os objectos, ela não pode deixar de se tornar ela própria demasiado fluida” (Berger, *op. cit.* , p. 109).

Num registo relacional arcaico, o outro não é completamente apreendido e o próprio não adquire forma unificada. Assim sendo, Berger (*op. cit.*) considera que a tentativa de imobilização do outro, presente nas crianças irrequietas, parece pretender

uma desalienação da ritmicidade do outro e da sua atitude adesiva, o que corresponde a uma tentativa continuada de se tornar, enfim, um Eu em relação com um outro.

Se definirmos a psicose como um estado de não-separação e não-pensamento, que resulta da falência da separação e da posição depressiva (Sá, 2003), a organização *borderline* conseguiria fazer face à desintegração defensiva psicótica, operando uma “unificação patológica” (Painchaud e Montgrain, 1986, p.31) que permite a constituição de um objecto total, mas clivado em duas ilhas, uma contendo as dimensões boas (idealizadas) e outra as más (reais). Desta forma, a clivagem do objecto é uma “clivagem funcional ou operante” (Marceli, 1981, *cit. in* Sá, 2003), que visa prevenir a generalização da angústia persecutória resultante da introjecção do mau objecto.

Desta operação defensiva resulta uma identidade difusa, com limites difusos entre o Eu e o não-Eu, onde a ideia de vazio encobre “uma qualidade depressiva primária, a que Marty (1981) chamou depressão essencial, e que podemos tomar como a falha de «confiança básica»” (Sá, 2003, p.17), que cimenta a incapacidade de estar só.

Esta clivagem, seguida da unificação patológica, permite uma integridade mínima do Eu e integra o objecto em duas ilhas, uma que contém as dimensões boas idealizadas e outra as dimensões reais más. Instala-se, assim, um vivido contraditório de desprezo com os objectos da relação para privilegiar um contacto com o objecto idealizado “numa saudade-limite em relação à qualidade da relação primária” (Sá, 2003, p.18), que foi vivida mas não satisfaz as necessidades do bebé, resultando na falência de gratificação na relação primária, tão enfatizada nos estudos da irrequietude motora atrás referidos.

A organização de um objecto interno que acumula, sem integrar, bom e mau gera contradições permanentes, daí a relação de objecto mediada por um equilíbrio dinâmico entre angústias claustrofóbicas e agorafóbicas e por escolhas de objecto anaclítico/narcísicas. (Sá, 2003).

Segundo Sá (2003), a patologia *borderline* engloba diversos quadros que têm em comum um estilo de relação de objecto, de angústias, de organização do pensamento e de depressão de base semelhantes. São quadros com predominância de qualidades pré-genitais, nos quais o “traumatismo desorganizador precoce” (Bergeret, 1998) impediu a constituição da triangulação edipiana enquanto organizador psíquico.

De facto, na organização *borderline* a tendência para o agir não resulta de uma depressão evitada, mas sim de uma defesa face a uma depressão não vivida, nunca formada.

É neste sentido que Coimbra de Matos (2002) afirma que o agir *borderline* é uma forma de preencher o vazio da perda e ausência do objecto, pela não constância do objecto interno, já que a impossibilidade de introjecção do bom objecto deixa o sujeito dependente do objecto externo de apoio e mantém a impossibilidade de um salto estrutural para a posição depressiva. “(...) trata-se de um luto não realizado, um trabalho de luto que não foi feito, de um luto enquistado; em regra, pela sua precocidade ou pelo carácter abrupto, inesperado (...). A tentativa é de escoar a dor através do agir-fazendo coisas engana a angústia de separação” (Coimbra de Matos, 2002, p.xx).

A falência do processo de separação-individação, que impediu a estruturação da constância do objecto, coloca em evidencia, como afirma Coimbra de Matos

(1994/2002), o conflito de ambigüência, característico das organizações *borderline*, que determina o afastamento/não afastamento do objecto anaclítico.

Os mecanismos de defesa, dada a imaturidade do Eu e a sobrecarga emocional são arcaicos. A clivagem do objecto ou clivagem afectiva, ou ainda, o desdobramento dos imagos parentais, na designação de Bergeret (1998), “é o mecanismo defensivo por excelência no funcionamento *Borderline*” (Coimbra de Matos, 1994/2002, p. 407).

A imaturidade do Ego e a intensidade da angústia, pela ameaça do mau, e a luta pela conservação do bom, insuficientemente estabilizado, conduz à clivagem afectiva, complementada com outros processos defensivos primários, tais como, a identificação projectiva ou *projectão identificativa* (Coimbra de Matos, 1994/2002, p.417), projectão do mau para fora da relação privilegiada, o que leva à despoluição do objecto, facilitada pela denegação da realidade malévola e pela idealização do objecto, o que conduz ao reforço da dependência e à erosão narcísica, sustida frequentemente pela onipotência, que tenta reforçar o poder do *Self* e o controlo do objecto, e conduz à negação da depressão por perda/carência de afecto. (Coimbra de Matos, op. cit.). Depressão esta que parece ser a sua sina, como disse Bergeret (1998), destino traçado, mas nunca aceite e a toda a hora evitado pelas defesas e pela evacuação da dor através do agir.

Para Coimbra de Matos (1994/2002) a clivagem faz instalar a típica relação alternante presente na depressão limite ou na hiperactividade, fazendo com que a instabilidade se torne o único fenómeno estável. “Esta síndrome, em qualquer idade que se apresente -infância, adolescência ou adultícia-, traduz um conflito intrapsíquico não resolvido à volta da separação do objecto primário. Isto é, a

dolorosa fixação do paciente num estado de certa simbiose/dependência da figura materna (...)” (Coimbra de Matos, 1994/2002, p. 408).

Como referem Painchaud e Montgrain (1986), a clivagem de que falamos, é, “(...)à vez a causa e consequência da fraqueza do Eu”¹, pois, tornou possível evitar a fragmentação, mas não a ponto de obter um Eu suficientemente coeso. “(...) resta um vácuo (...) uma ferida, uma falha narcísica inicial que faz flutuar esses estados entre a fragmentação psicótica ultrapassada sem, no entanto, poder alcançar uma estruturação neurótica (...)” (Bergeret, 1998, p.119).

Presos a uma contínua rotura relacional, investem fortemente o objecto/objectivo, mas rapidamente se deparam com uma relação frustrante, pela não correspondência ao objecto ideal desejado, nunca obtido e sempre ambicionado em consequência da falta básica precoce. A retirada ou desinvestimento temporário limitam o sofrimento e a decepção. No entanto, estar longe é inquietante, pelo que o regresso à base é inevitável. A meio caminho, entre a depressão e a psicose, o *borderline* tem o que Coimbra de Matos (1994/2002) caracteriza como dupla face: submisso e rebelde, colonizado mas revoltado.

Coimbra de Matos, já o dissemos, critica o estabelecimento de uma causalidade linear entre disfunções cerebrais ou de lesão orgânica do sistema nervoso central e a organização de uma estrutura psicopatológica *borderline*, como aliás acontece na descrição de alguns quadros de crianças com hiperactividade. Afirma que muitos outros factores etiológicos, associados à perturbação da epigénese interacional, devem ser arrolados, pois distorcem a linha evolutiva. “As perturbações afectivas crónicas ou acontecimentos agudos violentos e com forte ressonância emocional podem provocar lesões estruturais e irreversíveis do sistema nervoso

¹ Nossa tradução do original “(...) à la fois la cause et la conséquence de la faiblesse du moi”

central” (Coimbra de Matos, 1994/2002, p. 421). Defendendo a primazia da relação patogénica e da identificação patológica, considera a perturbação *borderline* a patologia da insegurança, da perda objectal precoce e da ferida narcísica profunda, sendo necessário retomar a relação primária por forma a processar-se um novo nascimento e desenvolvimento psicológico.

Neste sentido, este novo nascimento pode corresponder ao que Mahler (1945/1989) intitulou como o segundo nascimento, que advém da resolução da fase de separação-individação, permitindo a emergência do “verdadeiro *Self*” (Winnicott, 1960/1983), forte, coeso, autónomo, que possibilita a continuidade da existência para lá da dependência externa fragilizante.

A capacidade de estar só (Winnicott, 1958/1983) atestará a maturidade emocional resultante da constância do bom objecto introjectado que desenvolve a crença num ambiente benigno, que se substitui à desconfiança básica, de que fala Salgueiro a propósito das crianças irrequietas.

Organizando as divergências e os consensos:

Autores que focam a prevalência de angústias depressivas:

- Angústias depressivas e fóbicas associadas à perda de segurança do objecto
- Defesa maníaca- confronto com a perda do objecto.

Mallarive e Bourgeois, Ajuriaguerra e Marcelli (sub-divisão), Denis, J. Santos, Diatkine (reformulada posteriormente), Salgueiro (mais no polo neurótico).

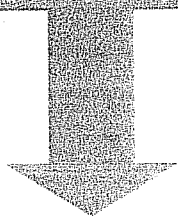
Prevalência de angústias persecutórias e defesas primitivas:

- Carência das interiorizações estáveis e securizantes
- Confusão Eu/outro: diferenciação incompleta
- Falha nos invólucros corporais/ falha na função contentora da pele
- Ansiedade maciça e difusa
- Mau controlo pulsional
- Dependência do objecto de suporte externo
- Intolerância à ausência: dificuldade de elaboração
- Separações vivenciadas como risco de morte
- Depressão emergente nunca vivida- não há elaboração depressiva
- Fantasmização narcisico-agressiva/ Pobreza fantasmática
- Identificação projectiva evacuativa
- Negação, denegação, idealização
- Clivagem do objecto/afectiva /operante- unificação patológica/ univalência com alternância
- Prevalência das etapas pré-genitais
- Não elaboração do conflito edipiano

Focada pela quase totalidade dos autores referidos, alguns considerando que é necessário subdivisões consoante o polo mais ou menos psicótico.

Principais divergências:

- Prevalência de angústias depressiva ou persecutórias
- Existência de pólos ou subdivisões que apontam diferentes estruturas mentais que correspondem a diferentes organizações defensivas (Salgueiro, Ajuriaguerra e Marcelli)
- A actividade fantasmática pode ser rica, embora parcialmente bloqueada pelas defesas (Berger, Szweck)
- Função que cumpre a agitação motora enquadrada na organização defensiva



Função defensiva da agitação motora:

Autores	
Mallarive e Bourgeois	Fuga à aproximação/retorno pelas necessidades regressivas
Ajuriaguerra/Diatkine/Denis	Defesa maníaca contra a depressão/ busca relacional/ alívio de angústias persecutórias
João dos Santos	Procura de território de segurança/ fuga ao desconhecido/atemorizador
Ana Freud	Esperança de encontrar e ser encontrada
Mahler	Fuga à ameaça de indiferenciação e procura de suporte
Winnicott	Alívio de ansiedades não elaboradas mentalmente
Gibello	Ação substitui a falha na mentalização/ age conflitos internos /desinvestimento do pensamento protege da angústia
Lepage	Fuga ao mau objecto/reaproximação- externalização pela falha na área da simbolização
Flavigny	Compensação narcísica face a dificuldades de separação e mentalização das angústias. Substituição do auto-erotismo
Salgueiro	Externalização do conflito interno não elaborado (fuga – dependência). Solução reequilibradora narcísica
Bergès	Libertação de invólucro (casulo)/ procura de limites no exterior. Escapar ao olhar materno. Passagem ao acto do desejo materno
Berger	Desalienação do outro (invólucro aprisionador)/ desordem como procura de nova ordem / alívio de angústias arcaicas
Ciccione	Agitação aviva a existência/ protege da dispersão
Szwec	Componente auto-calmante compensatório da falha na contenção/ função de desinvestimento
Sá	Desinvestimento relacional/ procura do idealizado
Combra de Matos	Rotura relacional agida. /desinvestimento limita o sofrimento e escolta a dor/ a dependência/esperança retoma a relação

Discutindo a informação atrás exposta, podemos constatar que a principal divergência de opiniões reside na prevalência dada a angústias mais depressivas ou mais persecutórias. Falamos de prevalência, pois os autores referem a coexistência de angústias de natureza diferente, o que conduziu à necessidade encontrada nalguns autores de subdividir estas crianças em pólos estruturais distintos, sendo a irrequietude motora, em si, pouco reveladora do funcionamento mental, mas terá significados distintos consoante o tipo organização psíquica associada a determinadas angústias e mecanismos defensivos.

O que reúne consenso é a heterogeneidade que compõe este quadro e o polimorfismo das situações clínicas. Uma verdadeira instabilidade dentro da instabilidade! Característica esta tão patente nas organizações *borderline* ou pré-psicose infantil e, aliás, tão referenciada nas concepções sobre a instabilidade motora.

Não sendo nosso objectivo concentrarmo-nos em classificações psicopatológicas, interessa-nos mais aprofundar e reflectir acerca da discussão entre os diferentes autores.

Relativamente à componente depressiva, verificamos que alguns autores a valorizam em detrimento das angústias mais persecutórias. Outros, consideram que existem traços depressivos, mas estes só se tornam evidentes após uma atenuação da defesa motora.

Esta controvérsia, parece-nos mais uma questão de enfoque do que uma contradição de pontos de vista, pois a componente depressiva está presente em todos os funcionamentos mentais, embora assuma características diferentes.

De acordo com os trabalhos de Coimbra de Matos (2000), distinguem-se diferentes fenómenos depressivos. A depressão propriamente dita associa-se à perda

afectiva, enquanto que a falsa depressão ou depressão anaclítica se relaciona com a perda da funcionalidade do objecto, perda do apoio, o que corresponde a um sentimento de desamparo por abandono/perda de objecto, dada a falha na sua interiorização. A distinção entre estes dois tipos de depressão, pode clarificar a componente depressiva mencionada pelos autores a propósito da irrequietude motora, pois, de facto, esta é associada, por um lado, aos sentimentos abandonicos e, por outro, à falta de constância do bom objecto interno, que impede a elaboração da posição depressiva, o que implicará a manutenção de angústias e defesas mais arcaicas e invasoras.

Neste contexto, a agitação é entendida, pela generalidade dos autores (como se observa no quadro), como cumprindo uma função de alívio de angústias difíceis de mentalizar. A vulnerabilidade narcísica é combatida, por um lado, pela fuga à relação frustrante/ameaçante e, por outro, como busca relacional ou procura de suporte/segurança, num contexto tão cheio de esperança como repleto de avidez.

Após a organização, articulação e reflexão àcerca das concepções teóricas sobre a irrequietude, prosseguimos com dois propósitos complementares:

- Repensar as concepções revistas integrando-as com outras, que poderão expandir o nosso olhar, já que não é nosso propósito debater ou defender diagnósticos que pouco avançam, se não mesmo impedem, na compreensão da criança e da sua dinâmica relacional. Para além do sintoma, que as inclui num determinado grupo, ou mesmo entidade, que procura semelhanças numa lógica comparativa, oposta à que aqui preconizamos e perseguiremos, visamos a procura da lógica individual, da experiência emocional singular. A articulação com novos conceitos pretende,

assim, abrir horizontes à compreensão das relações de objecto que modelam o funcionamento individual.

- Clarificar os nossos objectivos e definir um método para o Rorschach, instrumento que entendemos melhor servir os nossos propósitos, suportando este percurso em procedimentos de análise convergentes com a teoria, por forma a potencializar e alargar a nossa visão sobre os sujeitos e, conseqüentemente, sobre a irrequietude motora.

2.5- Na procura de novos olhares : o que inquieta a criança irrequieta?

A dessintonia na relação primária, que afectou profundamente a vinculação e, conseqüentemente, a etapa da separação-individação, foi atrás referida como vicissitude que originou as condições para o aparecimento da irrequietude motora.

Desta forma, sem excluirmos a heterogeneidade da irrequietude que, por essa razão, enquanto sintoma pode estar associado a diferentes estruturas psíquicas, assinalámos um claro predomínio das concepções que englobam o funcionamento destas crianças na perturbação *borderline* caracterizada pela “ patologia da perda objectal precoce e da ferida narcísica profunda (...)” (Coimbra de Matos, 1994/2002, p.426), que condiciona uma relação objectal ambivalente, com alternância entre desvinculação e ligação anaclítica, devido à necessidade de suporte ao *Self* dependente, frágil e imaturo. Um *Self* que ficou aquém das suas possibilidades de desenvolvimento, devido às particularidades na relação do sujeito com os seus objectos externos e internos.

Os conceitos que extraímos da literatura elucidam-nos sobre as falhas do objecto de narcisação primária “insuficientemente bom”, incapaz de “contenção

materna”, de “distância óptima”, que impede a constituição da “confiança básica”, essencial para a evolução do sujeito num processo de autonomização crescente.

Mas importa perceber melhor a natureza patogénica do vínculo estabelecido e a dinâmica das relações objectais que determinam um ciclo vicioso de aproximação/afastamento contínuo, dominado por angústias primárias num registo predominantemente persecutório.

Que características do objecto desencadeiam este rotura relacional? O que inquieta na proximidade com o objecto de suporte que desencadeia o afastamento? O que foi procurado e não encontrado, ou encontrado e não esperado? E porque insiste se na aproximação de um objecto e numa relação sempre insuficiente, assustadora e inquietante?

Tentaremos, então, articular ideias para repensar estas questões.

Com o conceito de “objecto enlouquecedor”, Badaracco (1986) explicita as características dos vínculos psicotizantes que originam as falhas no *Self* psicótico. A incapacidade de dar assistência ao *Self* converteu a presença do objecto em traumática e enlouquecedora.

A necessidade vital desse objecto obriga à sua introjecção e desencadeia um vínculo sadomasoquista, que constituiu uma identificação patogénica, que impede o desenvolvimento das potencialidades e recursos próprios do *Self*, tornando-se, o objecto, debilitante e invasor. O sujeito, incapaz de funcionar separadamente e visando reparar a situação traumática original, entrega-se a uma relação “simbiótico-patológica” (Badaracco, 1986, p. 221), sem saída, que arrasta para a morte, à qual procura escapar através do controlo onnipotente e da alienação psicótica.

Badaracco (1986) afirma que quando estas experiências vincutivas traumáticas são sistemáticas e repetidas, vão originar vínculos internos, que canalizam o sadismo sob a forma de relações sadomasoquistas com objectos internos, descritos por Fairbairn como maus objectos interiorizados.

Para Fairbairn (1943/2000), o grau de perturbação do indivíduo depende da extensão que ocupam no inconsciente, do nível de maldade dos maus objectos, do grau de identificação do Eu com eles e do tipo de defesas que protegem o Eu. Desta forma, na presença de objectos particularmente perturbadores e maus, na medida em que amplificam angústias mas são imprescindíveis, a criança é obrigada a interiorizá-los pela necessidade deles e para tentar controlá-los. Segundo o autor, estes maus objectos interiorizados e intoleráveis, serão alvo de recalçamento.

Em determinadas circunstâncias, quando a identificação com o mau é maciça, para drenar a maldade do objecto, ou quando o recalçamento é ineficaz, o reaparecimento e a perseguição interna dos maus objectos desencadeia uma situação aterradora que até aí era inconsciente. Assim, "(...) uma proporção considerável de sintomas psicopatológicos consiste essencialmente em defesas contra a reaparição do recalcado" (Fairbairn, 1943/2000, p.102).

Como afirma Coimbra de Matos (2002), o grande problema da patologia *borderline* é a não introjecção do bom objecto. Perante essa impossibilidade, Sá (2003), fala na clivagem operante que unifica patologicamente as dimensões idealizadas e as más (reais) do objecto, separando-as em duas ilhas isoladas, tentando, com esta defesa, prevenir a generalização da angústia persecutória que resulta da introjecção do mau, que aumentaria o risco de descompensação psicótica.

Este tipo de solução defensiva gera uma "hipocrisia objectal" (Sá, 2003, p.25) devido às contradições constantes na representação do objecto típica da

ambitendência *borderline*, que se cimenta numa alternância relacional com um objecto, à vez, completamente bom (idealizado, ambicionado irrealisticamente), ou completamente mau (frustrante, ameaçador, destrutivo e persecutório). Será uma “univalência com alternância” (Coimbra de Matos, 1996) que gera uma relação em que se manifesta a dupla face do indivíduo, provavelmente como resposta à dupla face do próprio objecto, imprevisível, inconstante, incoerente, impreciso, inquietante e suspeito.

Estes atributos do objecto podem conduzir-nos ao texto de Freud “O estranho” (1919/1976) no qual a sensação assustadora da estranheza é analisada.

Freud detém-se no significado ambíguo da palavra *unheimlich* traduzida para “estranho”, dado que condensa significados imprecisos, tais como sinistro, nefasto, suspeito, inquietante, misterioso, etc., coincidindo muitas vezes com aquilo que assusta. Desta forma, afirma que estranho “é o nome de tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz” (Schelling, s/d, *cit. in* Freud, 1919/1976).

Freud considera que estranho não é algo de novo ou não familiar, mas sim algo familiar há muito estabelecido na mente, mas que se alienou pelo recalçamento e depois retorna. Assim, afirma que *unheimlich* é tudo o que uma vez foi *heimlich* (familiar), sendo o prefixo “*un*” o sinal do recalçamento. No entanto, prossegue analisando que nem tudo o que retorna após o recalçamento provoca estranheza e medo.

Freud conclui que o retorno do recalçado que provoca estranheza, se relaciona com a coexistência de novas crenças, ainda inseguras e carentes de confirmação, que em determinado momento são confrontadas com uma experiência que parece confirmar as antigas crenças, aparentemente superadas e rejeitadas, de forma a tornar

a experiência estranha, amedrontadora e inquietante, “É como se estivéssemos raciocinando mais ou menos assim: Então, afinal de contas, é verdade?” (Freud, 1919/1976, p.264).

Articulando agora os conceitos atrás expostos, será que podemos falar de um “objecto estranho”, que inquieta pela incapacidade de possibilitar um vínculo estável, dado que, sendo bom e mau à vez, origina uma alternância de crenças em contradição permanente?

A clivagem afectiva ou operante, que separa bom e mau em ilhas, origina, como citámos, a univalência alternada e as constantes representações contraditórias do objecto. Desta forma, quando vigora a crença no objecto ideal, a face “negra e má” passará para o nível inconsciente, sendo por momentos uma crença antiga aparentemente rejeitada e superada, correspondendo ao recalçamento do mau objecto.

No entanto, e utilizando o conceito de “reaparição psicopatológica dos maus objectos” (Fairbairn, 1943/2000, p.102), a situação inconsciente pode ser reactivada, quer porque o confronto não corresponde às expectativas esperadas, idealizadas numa “saudade - limite” (Sá, 2003, p.18) do ambicionado mas nunca obtido que, no momento, se tinha constituído como a nova crença, de facto, ainda insegura e carente de confirmação, quer porque, como refere Fairbairn (1943/2000), algo externo a precipitou, tornando-a emocionalmente significativa à luz da situação inconsciente.

Nestas circunstâncias, o encontro com o objecto envolve-se num clima de estranheza amedrontadora, que impõe o afastamento pelo surgimento da crença antiga, que corresponde à experiência familiar e vivida de um objecto imprevisível, inconstante e logo ameaçador da integridade. Em vez de se ajustar às necessidades, impõe-se, impedindo o desenvolvimento do verdadeiro *Self*, de que Winnicott fala, e,

deste modo, constitui-se como um corpo estranho, ao qual o *Self* reage defensivamente, o que perturba o seu desenvolvimento espontâneo.

A alternância constante de crenças nunca estabilizadas, seria como uma dúvida angustiante a cada movimento relacional: afinal de contas é mau quando o esperava bom? Ou, afinal não é mau, nem mesmo bom, é tudo o que, desesperadamente, preciso?

Esta dúvida, constante e inquietante, parece ser o cerne da desconfiança básica que refere Salgueiro a propósito da gênese da irrequietude motora. Assim, como Salgueiro (1996a) afirma, para estas crianças “parar é morrer” (Salgueiro, 1996a, p.23), já que o vai e vem permite o reequilíbrio narcísico e protege da angústia, numa tentativa de “se desobsecarem”, dizemos nós, de um objecto estranho, inquietante, quase enlouquecedor no sentido descrito por Badaracco, não fossem as defesas que, como afirma Sá (2003), conseguem deter a emergência desorganizante das angústias psicóticas, tão visíveis na forte componente persecutória referida na literatura sobre a irrequietude motora infantil.

A componente de agitação motora poderá visar a fuga a um “objecto estranho”, inquietante e ameaçador. Não fugir poderá corresponder a ser enlouquecido na proximidade de um objecto potencialmente fusional, dada a fragilidade dos limites sujeito/objecto. Corresponderia à psicotização pela invasão no *Self* imaturo, despojado da sua individualidade e substituído por um falso-*Self* “(...) O Eu foi substituído por um objecto estranho e invasor, que o possuiu como se fosse uma possessão “demoníaca”² (Badaracco, 1986, p.222).

O movimento de proximidade corresponde à inevitabilidade de uma busca de um objecto de suporte, constantemente vislumbrado e novamente reabilitado pela

² Nossa tradução do original “ (...) el yo a sido reemplazado por un objeto extraño e invasor que se ha posesionado del mismo a la manera de una posesión “demoníaca”

defesa, que purifica da maldade, idealizando, numa esperança persistente de alcançar um objecto confiável, que promova o desenvolvimento suspenso numa etapa da separação-indivuação nunca ultrapassada, perpetuando, assim, uma insegurança incompatível com o crescimento saudável.

3. Objectivos do Estudo

A literatura psicanalítica sobre a irrequietude motora foca, em particular, duas dimensões problemáticas, que tentámos sistematizar nesta revisão bibliográfica, que condicionam o funcionamento mental destas crianças.

São elas a falha na função continente materna e as lacunas no processo de separação-individuação, que comprometem a construção de uma identidade coesa, suficientemente delimitada face ao exterior. Estas falhas constituem vicissitudes que marcam profundamente a organização da personalidade, devido ao tipo de fantasmas, defesas e relações, internas e externas, que compõe o funcionamento psíquico.

Os trabalhos teóricos revistos, tentam enquadrar estas crianças em estruturas psicopatológicas, mas são mais escassas as investigações que visam a compreensão psicológica da irrequietude infantil.

Não nos interessa repetir aquilo que já sabemos. Não visamos discussões teóricas acerca da existência ou não de uma estrutura psíquica específica, que pretende definir uma categorização psicopatológica, que pouco avança na compreensão das crianças.

Pretendemos aqui delinear uma investigação que vise procurar o significado mais profundo da expressão da irrequietude motora. Assim, ao centrarmo-nos no referencial teórico psicanalítico, temos como objectivo encetar um processo de atribuição de sentido aos comportamentos, actos, condutas e palavras.

Partimos de uma manifestação de angústia comum, mas procuramos captar e revelar o sujeito, o que implica elaborar um discurso que lhe confira sentido consubstanciado por uma teoria.

Ao tentarmos expressar, como nos parece o propósito da Psicologia Clínica, “o que de mais íntimo rege a lógica de cada ser” (Marques e Aleixo, 1994, p. 460), não partiremos de hipóteses, mas sim de um quadro teórico que nos permita delinear a via de acesso à construção do conhecimento, que oriente a nossa interpretação e defina os percursos possíveis para proceder e alcançar o nosso objectivo.

O nosso objectivo centra-se, então, na procura da singularidade e do valor adaptativo de qualquer acto (pensamento ou acção), inserido na lógica individual, que condiciona e é condicionada pelas relações internas e externas estabelecidas. Mas, sem perder de vista a singularidade de cada ser, procuraremos destacar aquilo que existe de comum em crianças com irrequietude motora.

Da literatura, retiramos um conjunto de ideias que nos apontam para dificuldades de simbolização, devidas à incapacidade de elaboração da ausência, associada às dificuldades de diferenciação. Registamos também, na sequência dessas falhas, uma predominância de angústias predominantemente persecutórias relacionadas com a incapacidade de suportar a proximidade, sentida como invasora, ou o afastamento, sentido como abandonico e ameaçador da integridade física e psíquica, constantemente posta em causa.

Ainda assim, estas crianças possuem um conjunto de defesas que, apesar de as deixarem num impasse evolutivo, impedem a invasão e, portanto, a desorganização psicótica.

Parece-nos, então, importante explorar melhor qual o valor da irrequietude, considerando-a simultaneamente uma forma de expressão de angústias e uma estratégia defensiva contra as próprias angústias inerentes ao tipo de relacionamento e funcionamento.

As questões que nos parecem merecer um aprofundamento, dizem respeito à exploração das características do objecto e da relação com ele estabelecida, e de que forma essa representação desencadeia expectativas, receios e defesas.

Como é que a criança manuseia esta vivência, como se aproxima e se afasta face ao que espera e ao que encontra? E como é esse encontro, isto é, como se envolve e comunica com o objecto? O que é procurado e não encontrado, ou encontrado e inquietante? Como manuseia essa inquietação para retomar uma nova procura? Será esse encontro sempre angustiante, ou poderá não ser, ou ser atenuado em determinadas circunstâncias? Como é que estas representações internas se reflectem nas relações externas? Que características da realidade e da relação com o clínico podem interferir, positiva ou negativamente, com os recursos destas crianças?

A nossa proposta supõe uma observação minuciosa da situação clínica que envolve o nosso encontro com a criança. Só estando atentos as diversos registos verbais, comportamentais e relacionais, poderemos aceder a um descritivo que possibilite clarificar os movimentos psíquicos e, assim, alcançar uma visão mais alargada que permita recolocar a observação destas crianças, por forma a aprofundarmos a sua compreensão.

É pois o modelo das relações de objecto que nos orientará na construção do nosso conhecimento acerca destas crianças e na escolha de uma metodologia adequada, obviamente coerente e convergente com o nosso quadro teórico de referência e com o objectivo que estabelecemos.

O instrumento que escolhemos, o Rorschach, será um auxiliar de observação e construção do conhecimento, o seu papel, como elucida Marques (1999), é permitir

destacar alguns elementos que num tempo de observação restrito não se evidenciavam.

Esses elementos serão depois ligados e tornados coerentes com o quadro teórico que determinou o modelo metodológico utilizado. E porque, de facto, os modelos teóricos se desenvolvem, permitem novas concepções que impõe a escolha de um método que se ajuste e que defina as estratégias e os procedimentos para aceder a concepções mais amplas do nosso objecto de estudo.

O Rorschach instituído classicamente, pela Psicologia Clínica como instrumento de diagnóstico, pode servir, como explicitaram Marques e Aleixo (1994 e Marques, 1999), para revelar o funcionamento psicológico do sujeito, pois pode ser concebido como um instrumento que obriga e expressa um trabalho de ligação entre a realidade interna e a realidade externa, sempre dotada de significações subjectivas, permitindo, desse modo, o acesso à compreensão e conhecimento do ser psicológico do sujeito. Utilizar o Rorschach com este propósito implica inscrevê-lo numa metodologia ou forma de proceder coerente com os modelos teóricos psicanalíticos, que constituem a nossa referência neste trabalho.

A metodologia que aqui estabelecemos é, portanto, a metodologia projectiva conceptualizada com suporte no referencial psicanalítico. Neste contexto, entende-se a situação- Rorschach como uma tarefa que decorre do confronto entre um material, uma instrução e um jogo interpessoal dinâmico. O processo-resposta é um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, subordinado pela relação intersubjectiva (Marques, 1999).

O Rorschach, enriquecido pela teoria psicanalítica, nomeadamente pelo recurso às concepções de relação de objecto, representa uma situação projectiva que envolve

processos mentais assimiláveis aos processos mentais do sujeito. Para acedermos a tais processos é necessário, e constitui-se como um objectivo do nosso trabalho, estabelecer um conjunto de procedimentos ordenados através de uma determinada metodologia que operacionalize os conceitos teóricos que se revelam fundamentais no estudo dos nossos sujeitos.

Fundamentado numa teoria, operacionalizado através de procedimentos e inscrito numa metodologia, o Rorschach constitui-se como um método de investigação, potencializado para alargar a nossa visão sobre os sujeitos e, conseqüentemente, sobre a irrequietude motora.

Após a explicitação dos nossos objectivos, importa agora estabelecer, com clareza, o método por nós escolhido, o Rorschach, e definir a metodologia, que integra, devidamente ordenados, os procedimentos e os momentos de análise necessários à expressão e revelação das crianças que constituem os sujeitos deste estudo.

A integração das análises individuais pretende encontrar pontos comuns, que não esbatem a individualidade, mas permite-nos repensar a via motora de expressão de angústias e a sua lógica inscrita num determinado funcionamento mental e numa dinâmica de relações objectais.

4 - MÉTODO

4.1. Origem do Rorschach e suas evoluções

4.1.1. O Rorschach para além de uma visão psicométrica e psicopatológica

Herman Rorschach (1884-1922) nasce em Zurique e, à semelhança de seu pai, sempre se mostrou interessado e dotado para o desenho. Hesitante entre uma carreira artística ou médica, acaba por optar pela segunda, vindo a especializar-se em Psiquiatria. É na Universidade de Zurique que contacta com Bleuler e Jung e passa a frequentar, desde 1909, o grupo psicanalítico de Zurique. Em 1919 tornou-se vice-presidente da Sociedade Suíça de Psicanálise. Foi neste contexto que começou a apresentar o seu teste e a conquistar adeptos e discípulos.

A ideia de elaborar um teste de manchas de tinta não começou com Rorschach. Desde a publicação de um teste deste tipo por Binet e Simon (1895, *in* Anzieu, 1976/1986), sucederam-se diferentes tentativas de estudar a imaginação utilizando este tipo de instrumento. A motivação de Rorschach não se relacionou com esses trabalhos, mas sim com um trabalho de um estudante de medicina, que chamou a atenção para diferentes destaques dados a partes das manchas. A originalidade de Rorschach residiu nos seus estudos com o objectivo de transformar a prova em teste de personalidade e, para tal, contribuiu a sua formação clínica aliada às suas concepções projectivas psicanalíticas.

Após alguns anos de pesquisa, o autor publica, em 1921, o seu livro *Psychodiagnostik*. Pouco tempo depois, H. Rorschach vem a morrer deixando iniciados diversos estudos que cimentavam a teoria de suporte ao seu teste.

A adesão ao seu trabalho foi, nos primeiros anos, muito reduzida. Novos desenvolvimentos surgiram, passada uma década, com os trabalhos Binder na Suíça e com os de Beck, que desenvolveu o teste nos Estados Unidos (Anzieu, 1976/1986). A partir daí o interesse pelo teste não parou de crescer, expandindo-se a diferentes países e começando a diferir quanto aos seus sistemas de interpretação. A título de exemplo, Exner (1966, *in* Anzieu, 1976/1986), classificou cinco grandes sistemas de interpretação do Rorschach, só nos EUA, (que vão da Fenomenologia e da Psicanálise à Psicometria) e que se associam a nomes como Rapaport, Klopfer, Hertz, Piotrowski e Beck.

O teste de manchas de Rorschach foi enriquecendo a partir de duas fontes: uma resultante das sistematizações e dos dados dos empiristas e a outra do suporte e inspiração na teoria psicanalítica. O consenso que o Rorschach alcança enquanto instrumento importante e valioso para a Psicologia Clínica perde-se, como afirma Marques (1999), quando se confrontam os dois paradigmas que marcam a sua evolução. Por um lado, procurou-se validá-lo através de um modelo associado a uma lógica psicométrica dos testes e da medida e, por outro, procurou-se a sustentação no modelo psicanalítico.

A primeira linha de trabalhos visa estabelecer dados formais e quantitativos, valorizando-se a atenção e rigor dos procedimentos de um teste que se pretende padronizado, tendo como objectivo a discriminação de grupos psicopatológicos. A segunda linha pretendeu estabelecer critérios mais clínicos, qualitativos, compreensivos e interpretativos, evidenciando os mecanismos inconscientes e pré-

conscientes presentes nas respostas, dado que se considera a existência de uma relação entre percepção e projecção.

As discussões em torno do Rorschach, nomeadamente sobre o que traduz a resposta-Rorschach, conduzem a um impasse dado o carácter inconciliável das opiniões, pois enquanto uns defendem a mobilização de processos cognitivos, outros consideram a importância da apercepção e projecção para justificar a acção inconsciente e a existência de conflito-angústia.

Criticando as controvérsias em torno do Rorschach, Anastasi (1988), faz referência à proliferação de estudos acerca dos critérios de validação do Rorschach. Realça a acumulação de resultados negativos e inconclusivos, embora coloque objeções aos critérios escolhidos, nesses estudos, para a validação. É neste sentido que faz referência a um autor, que relativamente ao Rorschach diz “Continuam a existir clínicos entusiasmados e estatísticos duvidosos”³ (Adcock, 1965, *in* Anastasi, 1988, p. 621). O autor entende que esta aparente contradição se desfaz se reconhecermos que não se pretende com a utilização destas técnicas uma busca de objectividade inserida numa lógica de teste psicométrico, pois o especial valor deriva da sua interpretação qualitativa, assente em procedimentos clínicos.

Anzieu (1976/1986) analisa, igualmente, as objeções aos métodos projectivos e conclui que muitos destes estudos reflectem mais conclusões apriorísticas do que resultados científicos bem fundamentados. Deste modo, afasta a denominação de “teste”, e o seu valor enquanto tal, situando o real valor noutra forma que se situa noutra forma de praticar a Psicologia Clínica apoiada nas concepções dinâmicas.

³ Nossa tradução do original “There are still enthusiastic clinicians and doubting staticians”

Como afirma Anzieu (1976/1986), os métodos projectivos representam o ponto fulcral da mudança e do alargamento que se impõe para a aplicação coerente das concepções teóricas da Psicanálise na Psicologia Clínica.

De facto, as duas linhas de evolução do Rorschach relacionam-se com a dicotomia entre objectividade e subjectividade que tem marcado a evolução da Psicologia Clínica relativamente aos seus modelos de suporte científico.

A introdução do referencial psicanalítico na Psicologia Clínica, não foi acompanhada por uma compatibilização com a sua tradição fundada no positivismo e na experimentação. Desta forma, as concepções psicanalíticas não produziram “alterações substanciais nas práticas mais correntes, sobretudo nas da avaliação psicológica” (Marques, 1999, p.18)

Como refere Penna, no prefácio à publicação de Anzieu (1976/1986), a violenta oposição e tentativas de descredibilização científica dos testes projectivos foi desencadeada por objeções à própria Psicanálise. Com efeito, a introdução das concepções dinâmicas na Psicologia Clínica, como refere Marques (1999), não foi acompanhada por um rigor e uma coerência com as teorias até aí mais objectivas, originando uma acumulação de saberes e saber-fazer pouco integrados entre si e pouco consensuais. Esta dicotomia, entre objectividade e subjectividade marcou e fragilizou o estatuto e desenvolvimento da Psicologia Clínica.

Os modelos de referência determinam e supõem diferentes concepções de sujeito e de metodologias utilizadas. Cada paradigma tem a sua lógica, as suas vias de acesso ao conhecimento e, também as suas limitações. Portanto, a utilização dos instrumentos contextualizados num determinado referencial teórico e num método,

que obedece a uma lógica própria, podem e devem ser bem fundamentados e coerentes, não invalidando outras vias assentes noutros paradigmas.

Uma vez escolhida a via psicanalítica, a investigação em Psicologia Clínica precisa estabelecer novas concepções e métodos para aceder ao sujeito psicológico, mantendo uma coerência indispensável entre a conceptualização teórica e metodológica.

Ao escolhermos, como fizemos no presente trabalho, o referencial psicanalítico, tivemos que abandonar a lógica clássica e adoptar métodos e procedimentos coerentes com a nossa fundamentação teórica, que iremos estabelecer no presente capítulo.

4.1.2. Alargamento a novas concepções: a via psicanalítica em Psicologia Clínica

O modelo das ciências exactas do Sec. XIX permaneceu, durante muito tempo, uma referência obrigatória para qualquer disciplina que aspirasse à cientificidade (Ciccione, 1998/ 2000) e, sendo assim, a Psicologia não foi uma excepção.

Surgindo inscrita no modelo médico, surge aliada à Psiquiatria e Psicopatologia e procurou utilizar procedimentos considerados científicos e experimentais subjugados aos princípios do positivismo, empirismo e racionalismo. Nesse contexto, o principal objectivo é o diagnóstico e, para tal, utilizam-se estratégias de avaliação psicológica sujeitas à imposição da objectividade, medida e comparação. A submissão a estes imperativos científicos, impôs a Psicometria como indispensável a qualquer avaliação psicológica.

É assim que, inicialmente, a Psicologia Clínica, enquanto ciência do individual, encontra a sua especificidade, ou seja, no medir funções e aptidões e categorizar os sujeitos com recurso à comparação estatística, possível através do método dos testes.

Como afirma Marques (1999), foi o empirismo e o racionalismo que iniciaram as vias do «cientismo», impondo os valores do positivismo e da objectividade, com o indispensável recurso à Matemática. Esta linha, marcou uma tradição, resistente até hoje, na Psicologia.

As concepções positivistas e o método único foram sujeitas a intensas discussões e críticas, particularmente devido aos limites que comportam. É neste sentido que Thom (1980/1985, *in* Marques, 1999) afirma que a principal falha da concepção positivista é arriscar-se a cair na insignificância. De facto, a investigação científica aliada à demonstração, razão e medida gerou polémica, particularmente após as críticas de Hegel e Husserl.

Hegel introduz uma outra Lógica inscrita na noção de subjectividade, abrindo caminho a novas concepções, “produzindo-se assim a passagem do paradigma do conhecimento dos objectos para o da compreensão mútua entre os sujeitos” (Marques, 1999, p.73).

Até à actualidade, Psicologia encontra-se marcada pelas etapas de evolução das ciências em geral, podendo-se destacar dois paradigmas fundamentais que a fundam e fundamentam: o experimental, associado aos métodos quantitativos e o psicanalítico (Marques, 1999).

A introdução do paradigma psicanalítico na ciência psicológica provocou alterações profundas nas conceptualizações e compreensão, no entanto, os procedimentos metodológicos permaneceram subjugados à tradição psicopatológica

e experimental, não tendo originado uma indispensável revisão nas metodologias e instrumentos dada a especificidade de cada modelo.

Para lidar com esta instalada dicotomia entre objectividade-subjectividade, a Psicologia foi tentado um compromisso, procedendo em dois tempos. Num primeiro o sujeito é abordado como objecto, utilizando-se o método dos testes e, posteriormente ou paralelamente, introduz-se a subjectividade que “humaniza” a conduta e acrescenta conhecimento sem prescindir da subjugação ao rigor científico que a quantificação impõe. Assim sendo, a Psicologia Clínica, segundo Marques (1999), passa de um para outro movimento embora estes sejam de natureza e essência inconciliáveis. Ao introduzir a subjectividade inerente às concepções psicanalíticas, apenas reteve os modelos sem encontrar uma essencial coerência com os métodos e usos dos instrumentos, só possível com o abandono da lógica clássica.

Os modelos aos quais nos referenciamos determinam e condicionam a concepção de sujeito e a metodologia para a ele aceder. Se pretendermos uma significação mais profunda do sujeito, terão que ser construídas novas vias de construção do conhecimento submetidas e coerentes com outros referenciais teóricos.

Quando, como acontece neste nosso trabalho, visamos demarcarmo-nos de uma lógica associada à objectividade, para aceder a elementos compreensivos da subjectividade, o processo de conhecimento parte da procura de uma lógica que sustente as condutas e as atitudes individuais e singulares do sujeito. Aceder a esse sujeito psicológico “ passa, sobretudo, pelo trilhar de um caminho do sentido que se vai construindo numa relação a dois, que procura descobrir a natureza da actividade

mental, interna e externa, do sujeito e da forma como ele estabelece e revela relações, ligações e transformações” (Marques, 1999, p. 137).

Este conhecimento deve ser encarado como um processo de construção e reconstrução realizado intersubjectivamente, implicando, assim, uma nova atitude e consequentemente, uma alteração dos procedimentos. Tratando-se de um percurso a dois, conceptualizado com recurso à noção de intersubjectividade, impõe-se que o indivíduo seja considerado não como objecto de estudo, mas sim como sujeito, com papel activo e interactivo. Por sua vez, o psicólogo deixa de desempenhar um papel receptivo e detentor do “saber último” sobre o sujeito, para passar a ser parte activa, interactiva e facilitadora do processo de conhecimento, construído e partilhado a dois.

Como refere Marques (*op. cit.*), enquanto co-agente e co-actor desse processo o psicólogo recebe, acolhe e dá sentido aos comportamentos, actos, condutas e palavras, numa lógica próxima da «*rêverie*» de que fala Bion (1967, *in* Marques, 1999).

Torna-se, portanto, essencial tornar claro o estatuto que conferimos ao nosso objecto de estudo: o de sujeito activo e interactivo, que emerge num contexto interactivo no qual se desenrola a relação intersubjectiva que sustenta o processo de conhecimento.

Este processo de atribuição de sentido só poderá ocorrer com recurso a quadros de referência teóricos bem estabelecidos que orientam a interpretação e conhecimento, mas sobretudo, definem os percursos possíveis para poder proceder e alcançar tais objectivos. (Marques, 1999).

De acordo com a opinião de Marques (*op. cit.*), os instrumentos são considerados facilitadores da expressão e revelação do sujeito e como teorias

materializadas, pois servem concepções claramente definidas e assentes num corpo teórico coerente e convergente, que clarifica, também a concepção de sujeito que se utiliza. Deste modo, mais importante que o instrumento usado e os resultados que ele permite, é a atenção que tem de ser dada ao processo de expressão de cada sujeito, no caso do Rorschach, ao processo de elaboração de uma resposta, processo esse complexo e desenvolvido num certo percurso que ocorre num determinado contexto espacial, temporal e principalmente relacional.

O Rorschach, aos olhos do paradigma psicanalítico, com o qual nos sintonizamos no presente estudo, evoluiu sob a influência marcante dos estudos da Escola de Paris, embora haja outros trabalhos realizados noutros pontos da Europa e, também, nos EUA. Tendo em vista uma explicitação do percurso histórico e evolutivo que cimentou o método Rorschach, alargando-o progressivamente a novas concepções e potencialidades, revela-se importante explorar as concepções dos autores que mais contribuíram para a consolidação do Rorschach enquanto método dotado de um estatuto teórico e metodológico coerente.

4.2. O Rorschach enquanto método de investigação em Psicologia Clínica

Como afirmou Lerner (1991), a integração das teorias psicodinâmicas é relativamente recente, mas tem fornecido as bases conceptuais para um uso mais compreensivo e clínico do Rorschach. A transformação da concepção clássica de teste para a concepção de método, foi aprofundadamente reflectida e enriquecida pelo trabalho de Marques (1999) que visou, precisamente, “dotar o Rorschach de

qualidades que permitam o seu uso em contextos teóricos, metodológicos e da prática mais amplos” (Marques, 1999, p. 157).

Tomando o Rorschach como objecto de estudo, inscrito no referencial psicanalítico, a autora apresenta os desenvolvimentos do Rorschach reflectindo sobre as concepções dos autores europeus, com especial destaque para as teses francesas, e as oriundas dos Estados Unidos da América.

Marques (*op. cit.*), referencia Lagache e Loosi-Usteri valorizando as concepções que alargaram o que o próprio H. Rorschach já havia estabelecido acerca da interpretação das manchas, que considerou apelarem a uma forma especial de percepção, ou apercepção, de acordo com o conceito de Bleuler, já que nesse processo haveria sempre uma combinação entre sensação, memória e associação, o que nos conduz para a noção de interpretação.

Lagache, fazendo associar imaginação e imagem, introduziu o conceito de “rêverie imageante” (Lagache, 1943, *in* Marques, 1999), para realçar o tipo de conduta adaptativa na situação projectiva que conjugará realidade e subjectividade. Loosi-Usteri (1958, *in* Marques, 1999), acrescentaram que a resposta Rorschach pode ser vista como um acto criador surgido a partir do caos inicial das manchas Rorschach, sem forma precisa, que o sujeito precisará dominar através de um acto criador. Esta concepção concilia-se com a de Baer (1950, *in* Marques, *op. cit.*), que, a partir das perspectivas Kleinianas, refere que é a frustração e a perda de objecto que a situação Rorschach induz, pelo que a resposta impõe um processo equivalente ao trabalho característico da elaboração da posição depressiva.

Dos EUA surgiram trabalhos como os de Rapaport *et Col.* (1946, *in* Marques, 1999) que estabeleceram, de uma forma mais sistematizada, as relações entre o

Rorschach e a Psicanálise, de acordo com os modelos da teoria estrutural veiculados pela *Ego Psychology*, de forma que o teste passou a ser considerado um método para operacionalizar conceitos psicanalíticos. Aliás, é de referir que a designação de método já fora proposta pelo próprio Rorschach, que, no entanto, não chegou a cimentar a articulação da teoria do teste com a teoria psicanalítica.

Os trabalhos que se seguiram foram dotando o Rorschach da fundamentação teórica psicanalítica e, desta forma, os fenómenos puderam passar a ser interpretados e não apenas assinalados, agrupados e explicados (Marques, 1999).

Schafer (1954, *in* Marques, *op.cit.*) é uma referencia fundamental na conceptualização da aplicação da linguagem metapsicológica ao Rorschach. Considerou a situação-Rorschach como uma relação dinâmica, interpessoal, interactiva e complexa, com dados reais e fantasmáticos. Este autor enfatizou a dimensão relacional, associando-a aos fenómenos transferenciais e contra-transferenciais, que ocorrem no processo-resposta Rorschach, comparável a um trabalho de sonho, que produz movimentos da fantasia à realidade, do processo primário ao secundário (Marques, *in* Chabert (prefácio), 1998).

Schafer (1957, *in* Marques, *op.cit.*) considerou que a situação Rorschach induz não só a perda de objecto, como também a perda de controlo, que seria uma regressão às formas típicas do funcionamento primário, mas com o objectivo de desempenhar tarefas adaptativas, isto é, ao serviço do Ego, regressão sempre temporária, num *continuum* psíquico que traduz uma oscilação do nível de funcionamento da consciência, à qual chamou “*shift*”.

Mayman e Blatt iniciaram, a partir dos anos 60 e 70, trabalhos que introduziram, no Rorschach, as teorias da relação de objecto. Estes estudos deram origem, em diferentes países, ao estudo das representações através do Rorschach.

Exemplos disso são os trabalhos Lerner e Lerner (1988) e Lerner (1991) que visaram a integração da teoria do teste, da teoria da personalidade e da psicopatologia.

Nos anos 80, como assinala Lerner (1991), assistiu-se a uma proliferação de escalas ou grelhas para analisar as relações de objecto utilizando o Rorschach e aplicando alguns conceitos específicos, entre eles os de Mahler, sobre o processo de separação-indivuação, e os de Kernberg sobre a patologia *borderline*.

Blatt (1990, *in* Marques, 1999), considerou que a resposta Rorschach deve ser considerada como indo da percepção para a representação; desta forma, concebeu o Rorschach como uma via de acesso às estruturas cognitivas e representacionais expressas nas respostas.

Lerner (1991), aborda a transferência e contra-transferência no Rorschach através das manifestações da identificação projectiva na situação do teste, pois considera haver sempre uma externalização interpessoal de uma relação e objecto interno.

Leitchman (1996, *in* Marques, 1999), caracteriza o processo de simbolização no Rorschach, enfatizando o contexto interpessoal, que influencia a forma como a situação é abordada e as representações que emergem. Deste modo, afirma que qualquer actividade simbólica ou representação é uma forma de comunicação que veicula um conteúdo e um sentido.

Smith, em 1990, sublinha a dimensão transferencial e a necessidade de alargar o Rorschach aos pontos de vista das recentes teorias de relação de objecto. Propõem, assim, que a resposta Rorschach seja considerada como um fenómeno transitivo, pois a resposta é a criação de uma percepção a partir de uma realidade externa e interna que se concilia num espaço potencial ou transitivo, utilizando o conceito de Winnicott. Portanto, no Rorschach estão envolvidas formas de comunicação e relação específicas “entre psicólogo e sujeito e entre o sujeito e a mancha; devendo a

mancha ser considerada um objecto, no sentido psicanalítico do termo” (Marques, 1999, p.179). Winnicott (1953/1975) refere que criar novos objectos é reencontrá-los e, assim, à semelhança dos objectos transitivos de que fala este autor“(...) os perceptos Rorschach são simultaneamente criados - sendo criar dar sentido - e encontrados- sendo encontrar dar imagens aproximadas dos atributos das manchas.” (Marques, 1999, p. 179).

Em França, os estudos os de Rausch de Traubenberg e Chabert marcaram a expansão da abordagem conceptual Rorschach inserido no referencial teórico psicanalítico.

Rausch de Traubenberg (1983), conceptualiza o Rorschach como “ um espaço de interacções entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna da vivência” (*cit. in* Marques, 1999, p. 180). Desse espaço de interacções fazem parte as características do estímulo, o valor simbólico da situação e manchas, a instrução, as componentes da resposta e o processo-resposta. Preconiza, assim, que descodificar o sentido no Rorschach é aceder às interacções entre real e imaginário regidas pelas necessidades de representação de si.

A obra de Chabert, na qual se destacam os trabalhos de 1997 e 1998 (Chabert 1997/1998 e 1998/2000), com propósitos psicopatológicos que visam o diagnóstico diferencial, centra-se numa conceptualização e análise em torno da representação de si, do outro e da relação, dando conta da construção da identidade e dos processos identificatórios.

Esta subordinação à psicopatologia e ao uso para fins diagnósticos e estruturais é criticada no trabalho de Marques (1999) que visa propôr um outro uso, sem tanta

saturação dos habituais critérios diagnósticos. O Rorschach pode também “ ser utilizado como instrumento que permite revelar os processos mentais que fundam a relação de sujeito a/com objecto” (Marques, 1999, p. 189). O objectivo da autora foi tornar o Rorschach sensível ao estudo dos processos de desenvolvimento e de expansão mental e, para tal, estabeleceu parâmetros de análise que, uma vez estabelecidos em conexão com a teoria, dão conta dos processos que ocorrem no sujeito e nas suas relações. A operacionalização de posicionamentos teóricos permitirá a construção de parâmetros, que ordenados por uma determinada metodologia, permitem o acesso a novas possibilidades interpretativas e compreensiva do objecto de estudo.

E porque este posicionamento é também o nosso no presente trabalho, parece-nos oportuno esclarecer, com maior detalhe, esta conceptualização do Rorschach, que se deverá aliar a uma metodologia que dote o instrumento de potencialidades para servir os nossos propósitos de investigação, situados precisamente no plano observacional e descritivo, de modo a construir um olhar sobre a irrequietude sem tanta saturação das preocupações diagnósticas e estruturais .

Este nosso objectivo de investigação concilia-se com aquilo que Marques preconiza como a atitude que deverá presidir à avaliação psicológica em Psicologia Clínica, dado que entendemos que, “ A natureza primeira do saber e do conhecimento em Psicologia Clínica é a de conferir sentido, com abstenção absoluta de julgamento, de identificação do comum e do não comum, é o expressar do que de mais íntimo rege a lógica de cada ser” (Marques e Aleixo, 1994, pp. 460-461). Sendo assim, não interessa designar comportamentos ou atitudes, pois o essencial é identificar o

sentido para o sujeito. Aceder à individualidade e à procura do valor adaptativo para o sujeito, implica afastarmo-nos da lógica de comparação e categorização.

Ciccione (1998/2000), assinala também que em Psicologia Clínica a observação tem sobretudo por finalidade procurar o sentido. Um sintoma é um compromisso, que está ao serviço de várias exigências em simultâneo e, desta forma, qualquer sintoma é polissémico, complexo e tem vários sentidos. O objectivo da observação clínica “é permitir o desdobramento de um sentido potencial e, por isso, uma simbolização do sintoma, um trabalho de pensamento a partir do sintoma” (Ciccione, 1998/2000, p.73).

Enfatizando esta visão, dizemos como Marques e Aleixo (1994), que captar e revelar este sujeito implica elaborar um discurso que, apesar de não ser equivalente ao do sujeito, dá-lhe sentido consubstanciado numa teoria.

4.2.1. O método Rorschach para além da psicopatologia : O encontro com o sujeito

Marques (1999), fundamentou um novo olhar sobre o método Rorschach, contrariando o enfoque exclusivo nos propósitos diagnósticos. Para tal integrou as concepções de autores, nomeadamente aquelas que aqui já foram referidas, que, dentro do referencial teórico psicanalítico, suportaram a construção de uma teoria do Rorschach, enquanto método projectivo.

Estas concepções têm como suporte a própria situação-Rorschach determinada pelos parâmetros habituais de qualquer situação projectiva. Deste modo, o contributo de Shentoub, é valorizado por Marques (1999), pois referindo-se à situação

projectiva, especificamente ao T.A.T., considerou que “(...) ela (a situação) compreende, com efeito, três termos, o sujeito, o teste e o clínico, e o desenrolar da prova implica necessariamente as interacções susceptíveis de se produzirem entre estes três termos” (Shentoub *et al*, 1990/1999, p.58).

No caso do Rorschach, o material tem características próprias, pois embora estruturado a partir de um eixo vertical, que introduz simetria nas manchas, dotadas, também, de qualidades perceptivas, o material é ambíguo e não tem significado preciso. A instrução paradoxal, típica da metodologia projectiva, remete para uma ligação a um objecto perceptível, mas com recurso a uma interpretação subjectiva, o que traduz associações de tipo projectivo.

Ao solicitar, simultaneamente, condutas perceptivas e projectivas, reenvia para um paradoxo concebido por Winnicott (1951/1975) como uma área transitiva, isto é, área de dupla pertença interno-externo, que permite a criação do objecto transitivo, objecto da realidade externa, mas dotado de significações pessoais. A resposta atesta, assim, a capacidade do sujeito expressar a vida fantasmática sem se desorganizar nesta actividade associativa e criativa.

O material Rorschach, fazendo parte integrante da situação projectiva, representa uma situação disruptiva, definida por Baer (1950, *in* Marques, 1999) como «perda de objecto», que impõe uma tarefa com carácter onírico ou um trabalho de reparação, no sentido kleiniano, que visa restaurar a coerência e revela a capacidade de criação de novos objectos.

O confronto do sujeito com a situação projectiva característica do Rorschach obriga, como refere Marques (1996), a uma mudança psíquica que pode ser conceptualizada como mudança catastrófica, no sentido que Bion, em 1966, referindo-se à mudança de sentido, pois interpretar uma situação sem significado

preciso impõe um processo de ligação e transformação, que obriga à simbolização, mas também obriga e revela o pensamento.

Estas relações, que articulam a resposta e a situação Rorschach com as teorias psicanalíticas, permitem, no entender de Marques (1999), considerar o Rorschach como um mobilizador de representações e afectos, de movimentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes, como um mobilizador de um trabalho criativo através do qual se acede à natureza do sujeito, das representações de si e dos seus objectos e permite dar conta do jogo entre pulsão-defesas-adaptação e do balanceamento entre processo primário e secundário.

Marques, estabeleceu como um dos seus objectivo dotar o Rorschach de novas potencialidades para além das consagradas na psicopatologia, e que atrás estão indicadas, para tal clarificou e cimentou o estatuto teórico e metodológico dentro dos paradigmas consagrados pela significação. Ao enriquecê-lo, tornou-o mais sensível à interpretação e à procura de sentidos, dos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais “(...) sobretudo aqueles que dão conta do crescimento e da expansão mental, que impõe uma actividade de ligação, de transformação e de (re)criação” (Marques, *op. cit.*, p. 191).

Esta autora, ao repensar a metodologia projectiva e especificamente a situação-Rorschach, integra, por um lado, a noção de contexto enquanto rede de significações construídas no decurso de uma interacção, no qual as respostas deverão ser consideradas como um objecto construído numa interacção intersubjectiva e, por outro, expande a conceptualização do método Rorschach, integrando o modelo das transformações de Bion, tomando-o como modelo teórico de referência.

Para operacionalizar os conceitos teóricos, aplicando-os ao processo-resposta Rorschach, a autora concilia três noções fundamentais: A comunicação, a interpretação e a simbolização (Marques, 1996 ; Marques, 1999).

A noção de **comunicação** sublinha os elos de ligação que se estabelecem entre as diferentes partes do sujeito e entre o sujeito e a situação projectiva. A (re)colocação de objectos, no contexto de uma relação continente-conteúdo, dá lugar a transformações que emergem no processo resposta.

A **interpretação** explicita o carácter projectivo do processo-resposta, sempre dotado de subjectividade, que permite a atribuição de significados e sentidos contextualizados na situação intersubjectiva

A **simbolização** permite estabelecer como é que o objecto externo surge significado em ligação com o mundo interno do sujeito.

O Rorschach suscita a conversão de impressões sensoriais em pensamentos comunicáveis, isto é, implica a existência de uma função simbólica, considerada como uma actividade de “ligação do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as actuais, como um processo contínuo de união e integração, expresso através de palavras e conceitos” (Marques, 1999, p. 39).

Portanto, a partir desta conceptualização, formula o processo-resposta como “(...) um «novo objecto» que nasce da confrontação - ligação e separação- entre o objecto interno e externo, que impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido submetido ao contexto situacional e relacional” (Marques, 1999, p.192), reveladora assim, da natureza dos objectos internos mobilizados pelos objectos externos, da natureza das ligações e recriações de uns

por outros, o que nos permite analisar a própria natureza do sujeito e das suas relações objectais.

Desta forma, “a resposta Rorschach contém sempre o que de mais significativo ordena e rege o mundo interno do sujeito que a produz e aquilo que de mais significativo, também, ele retém das características do mundo externo” (Marques e Aleixo, 1994, p.461).

O Confronto com a situação Rorschach desencadeia um processo psicológico que implica uma ordenação, para Marques e Aleixo (1994), uma ordenação que contém a marca do sentido que foi possível conferir, mas pleno de significações, que assinalam a individualidade e a singularidade.

Analisar um Rorschach, nesta perspectiva, que é também a nossa neste trabalho, é aceder à essência da compreensão e conhecimento do ser psicológico e, portanto, implica uma atitude que deve presidir à avaliação psicológica e ao uso dos instrumentos de acordo com um método de investigação em Psicologia Clínica enquadrado, com coerência, com o quadro teórico de referência .

Os instrumentos são auxiliares de observação e construção do conhecimento, o seu papel, como clarifica Marques (1999), é permitir destacar alguns elementos que de outra forma não se evidenciavam. Esses elementos serão depois ligados e tornados coerentes com o quadro teórico que determinou o modelo metodológico utilizado.

Este novo olhar sobre o Rorschach, permite aceder à compreensão e conhecimento do ser psicológico do sujeito, propósito este que implica a escolha de um metodologia que se ajuste e que defina as estratégias e os procedimentos para aceder ao objecto e objectivo de estudo. Mas, antes de definirmos os nossos

procedimentos de análise, é oportuno concentrarmo-nos na especificidade deste instrumento quando utilizado na infância, como acontece neste trabalho.

4.3. O Rorschach na infância: das controvérsias às potencialidades

Os estudos sobre a utilização do Rorschach em crianças foram crescendo, particularmente desde os anos 40, no entanto, como assinala Leichtman (1988) no capítulo que assinou na obra de Lerner & Lerner (1988), a aplicação do Rorschach continua a ser controversa, com desacordos, especialmente quanto aos critérios metodológicos. As diferentes opiniões levantam questões relativas à técnica, à interpretação, à associação entre etapas do desenvolvimento e desempenho na prova, o que origina interrogações acerca das possibilidades do uso do instrumento em crianças muito pequenas ou com graves perturbações psíquicas.

O interesse do Rorschach em crianças surgiu a partir de trabalhos europeus, como os de Lopfe, em 1925, os de Loosli-Usteri, em 1938, e os de Dworetzki, em 1939. Nos EUA, destacaram-se os trabalhos de Klopfer e Margulies, Fox, Hertz, Ford, nos anos 40 e os de Ames e *col.* a partir dos anos 50. Estes últimos, realçaram a importância de distinguir imaturidade, anomalia e individualidade, propósito que foi sendo cada vez mais pertinente nos estudos do Rorschach na infância, originando trabalhos longitudinais, que visavam estudar a normalidade e a evolução das respostas numa perspectiva desenvolvimental (Trautenberg e Boizou, 1984/1999).

As grandes controvérsias, alimentadas especialmente pelos grupos de trabalho de Ames e Klopfer, situaram-se em torno de questões metodológicas. No entanto, como refere Leichtman (1988), quem aponta mais objeções são os clínicos que

tentam utilizar os referenciais de análise dos adultos, que se revelam desadequados em crianças.

Entre posições extremadas há uma variabilidade de posturas, que sugerem diferentes graus de adaptação na administração e análise de acordo com o funcionamento infantil. Estes factos permitiram concluir que a controvérsia serve, fundamentalmente, para constatar que existem estádios de desenvolvimento, que originam desempenhos, relações e protocolos diferentes.

Estas diferenças desenvolvimentais levaram o autor atrás referido, a definir três estádios no desempenho das crianças nesta prova. Num primeiro, registou a tendência à perseveração, num segundo, por volta dos 3 anos, a tendência à confabulação e, por último, no terceiro, a partir dos 6 anos, o Rorschach adquire o estatuto de Rorschach, ou seja, esbatem-se as divergências, já que a postura face ao teste se torna mais próxima da dos adultos.

De facto, conforme a idade, ou em cada estágio, há diferenças evidentes no tipo de respostas, na compreensão da tarefa, na relação e papel do examinador, no comportamento e formas de expressão. No entanto, como refere Leichtman (1988), apesar do uso do Rorschach em crianças pequenas ou perturbadas não seguir os tramites usuais para a interpretação, o seu uso pode ser útil para a compreensão das crianças, se for encontrado um quadro interpretativo adequado. Desta forma, enfatiza duas alterações essenciais: uma que preconiza alterações nas condições de aplicação, pois a análise da dinâmica interpessoal e do comportamento e atitudes assume um peso maior que o habitual, e outra que aponta para a necessidade de interpretar tendo em conta que o desenvolvimento influencia o desempenho.

Neste caso, podemos apreender a tarefa como uma oportunidade para observar o comportamento e cada estágio pode fornecer dados importantes sobre as atitudes,

formas de interagir com o examinador e com material e sobre a natureza das respostas-Rorschach. Como realça Leichtman (1988), se colocarmos de lado a questão acerca da administração e análise semelhante à do adulto, o Rorschach pode ser utilizado para investigar o estágio de desenvolvimento infantil e os aspectos da personalidade. Considera, ainda, que as questões das diferenças no desempenho alargam o potencial do Rorschach enquanto instrumento de investigação em clínica infantil e constituem um desafio à teoria do Rorschach, particularmente no que respeita ao processo de resposta.

Algumas destas questões são, igualmente, lançadas por Traubenberg e Boizou (1984/1999), que assinalam a importância de reflectir sobre as diferenças entre imaturidade e desvio, as polaridades do desvio, os diferentes modos de defesa contra a angústia e de expressão da problemática. As autoras resumem as questões a uma única reflexão centrada nas diferenças entre Rorschach infantil e adulto.

O Rorschach faz apelo a uma actividade perceptiva "(...) enriquecida ou alterada pela vivência, a problemática ou a fantasmática, vivência que, no caso da criança, se exprime muito amplamente" (Traubenberg e Boizou, 1984/1999, introdução, p.XXI). Desta forma as autoras realçam a importância da recolha subordinada a um procedimento clínico de investigação para facilitar, como refere Marques no prefácio deste trabalho, a captação, com a maior proximidade possível, da expressão infantil, caracterizada pela grande diversidade e mobilidade colorida, com maior ou menor peso, pelo imaginário e pela fabulação.

O Rorschach infantil pode servir para destacar, a partir de um conjunto determinado de manifestações, as características gerais de certas condutas e estruturas psicológicas, no entanto, propor padrões de assinalamento diagnóstico é ficar aquém das potencialidades compreensivas do Rorschach. As autoras atrás

referidas enfatizam os limites de tais interpretações, pois os sinais devem ser interpretados em termos de desenvolvimento, ou em termos de reacções comportamentais, dado que na criança, muito mais que no adulto, o significado dos dados depende do contexto e do modo como esses dados emergem.

O significado dos dados são associados, por Traubenberg e Boizou (1984/1999), a algumas especificidade no Rorschach das crianças. A evolução para registos mais progredientes é feita com avanços e retrocessos. A verbalização desempenha um papel primordial, mas a designação também tem valor fantasmático. Aliás, a resposta formal, bem mais frequente nas crianças, raramente é a-conflitual. A pressão da necessidade de expressão prima sobre a realidade objectiva e origina uma forte implicação projectiva que, apesar da propensão para a externalização da vivência, nem sempre tem uma dimensão regressiva ou delirante.

Traubenberg e Boizou (*op. cit.*), realçam, também, as diferenças entre crianças e adultos no que respeita ao significado simbólico dos cartões. As autoras apontam diferenças de acordo com a idade e com o nível de evolução psicosexual. Desta forma, as projecções podem corresponder a níveis mais arcaicos, associados a representações do materno pré-genital e perigoso, ou mais evoluídos, suscitando representações mais relacionais, de tipo mais edipiano.

Significação simbólica (Rausch de Traubenberg e Boizou, 1999)

Cartão

I

- Subordinado à posição de primeiro cartão (instalação de um contacto)
- Angústia do desconhecido/dependência face ao adulto ou atitudes defensivas
- Representações mais socializadas: respostas adaptadas e banalidade
- Representações mais arcaicas: relação positiva ou não com mãe pré-genital
- Tripartido reenvia para representações sexuais mais ou menos evoluídas ou relações de dependência perigosa ou securizante com imagens parentais.

II

- Sendo bilateral, solicita representações de relações (pré-edipianas ou edipianas)
- Apreensão unitária reenvia para o arcaico relacionado com mãe pré-genital.
- As crianças mais novas expressam, frequentemente, fantasmas associados ao nascimento
- O vermelho presta-se a projecções sexualizadas associadas à castração ou agressivas com maior ou menor nível de secundarização.

III

- Solicita o face-a-face, a representação humana. Representação de si em relação
- Na polaridade arcaica, ajudado pelo vermelho, reenvia para a mãe pré-genital perigosa.

IV

- Evoca força, potência e autoridade. Daqui relações mais positivas ou negativas
- Nível mais arcaico: Desperta temas agressivos, fuga, impotência, identificação ao agressor. É a relação com o materno pré-genital onnipotente, mas que também pode surgir num domínio mais depressivo reactivando a necessidade de suporte
- Num nível mais evoluído: reenvia para a relação com a figura paterna

V

- Apela à projecção na unidade/integridade/ representação de si
- Muito sensível à expressão das falhas associadas às dificuldades de diferenciação.

VI

- Sensibilidade surda ao simbolismo sexual. Provoca, frequentemente mal estar e origina fraca expressão nas crianças
- Pode originar a exploração do dinamismo e energia

VII

- Reenvia para o simbolismo feminino/imagem materna
- Nível mais arcaico e agressivo surge associado ao perigo. Mais depressivo surge associado às falhas
- Os afectos positivos surgem associados à securização e procura de continente
- No nível mais evoluído desperta a imagem humana ou simbologia feminina.

VIII

- **Cartões –cor: não há simbologia privilegiada associada à cor, nem despertam tantas representações relacionais como nos adultos. São frequentes comentários subjectivos positivos ou negativos**

IX

- Prevalência dos animais laterais expressando intenções que reenviam para a problemática
- Evocam representações do interior do corpo, com ou sem temática de destruição, consoante o nível mais ou menos arcaico
- Abordagem difícil pela inexistência de percepto prevalecente. Suscita hesitações/recusas
- Nível mais arcaico: projecção do materno pré-genital
- Nível mais evoluído: Tratado em D ou Dd e posto em relação

X

- Pouca impacto pela posição de último. Muitas vezes o favorito
- Nível mais arcaico: fragmentação suscita ameaça de aniquilamento e surgem representações do materno pré-genital perigoso
- Nível mais evoluído: fragmentação lúdica e securizante

O mais importante nas crianças, segundo estas autoras, é captar os modos de interacções que existem entre o tipo de apreensões, os modos de expressão e a temática. A actividade defensiva é inerente ao desenvolvimento psíquico, portanto, “(...) só se torna patológica se houver sistematizações empobrecedoras e entraves duradouros à elaboração dos conflitos” (Boekholt, 1993/2000, p. 40). Os conflitos exprimem-se em função do apelo dos cartões e do modo defensivo pessoal, segundo Traubenberg e Boizou (1984/1999), revelando uma série de desníveis que indicam as posições de fragilidade e as vias de recuperação. Estes são pontos essenciais a analisar inseridos na significação dinâmica, com especial atenção à amplitude de oscilação dos movimentos regredientes e progredientes, pois uma degradação pode não ter o valor patológico que tem no adulto e, pelo contrário, atestar uma defesa eficaz ou uma originalidade que não compromete o processo de recuperação.

Como realça Boekholt (1993/2000), a riqueza do funcionamento psíquico da criança situa-se na capacidade de se movimentar em diferentes registos, apelando simultaneamente para o fantasma e para o controle, para o corpo e o pensamento, para o afecto e para a relação.

4.4. O método Rorschach no estudo de crianças com irrequietude motora: definição dos procedimentos de análise

Ao longo da nossa reflexão acerca das concepções sobre a irrequietude motora infantil, explicitámos o nosso interesse em constituir um novo olhar, concentrando-nos, para tal, na procura da criança recorrendo a uma lógica de observação, descrição e compreensão do funcionamento psíquico individual.

Desta forma, estabelecemos os seguintes procedimentos com o objectivo de aceder à dinâmica das relações objectais, característica do funcionamento individual:

- 1- Expectativa inicial: actualização das experiências passadas nas actuais/ das relações internas nas externas
- 2- Significação da experiência emocional : o encontro e a relação com o objecto Interno/externo
- 3- Qualidade da transformação simbólica: reconstrução do objecto e representação de si
- 4- Angústias e mecanismos defensivos: a sequência de um processo

O estabelecimento destes eixos de análise relacionam-se, como seria expectável, com os conceitos que retivemos da revisão da literatura, que apontam para as vicissitudes no desenvolvimento e suas consequências ao nível da dinâmica de relações objectais, directamente relacionada com o tipo de angústias e a organização defensiva.

Assim sendo, quisemos delinear uma metodologia que permitisse operacionalizar e aprofundar alguns conceitos que ajudassem a revelar a natureza do sujeito e suas relações.

- Com o **primeiro procedimento** de análise, abrimos a possibilidade de observar, através das expressões comportamentais, verbais e manifestações de angústia, directa ou indirecta, as modalidades de investimento na situação-Rorschach, aqui entendida como uma actualização das experiências/relações passadas, o que nos dará conta do conceito de confiança/desconfiança básica, mas também dos movimentos relacionais interno/externo, que poderão esclarecer as significações internas, o seu impacto nas relações externas e a forma como desencadeiam, ou não, defesas.
- No **segundo procedimento**, aprofundaremos o tipo de encontro com o objecto interno/externo. Interessa-nos dar sentido a experiência emocional que funda a percepção e que ocorre num determinado contexto e é sustentada por determinada interacção. O encontro com o objecto mancha é aqui assimilado ao encontro com o objecto externo dotado de significações subjectivas, o que nos permitirá estudar a reactividade à procura/encontro com o objecto, à significação e tolerância à sua ausência inicial. Desta forma, as características do encontro, do objecto criado e o reflexo na relação externa, serão elementos importantes de análise para uma melhor compreensão do funcionamento individual e das vicissitudes que poderão influenciar a contenção interna e a capacidade de estar só, traduzindo esta quando conquistada, a possibilidade de reparar a perda do objecto o que favorecerá os investimentos associativos e relacionais.

- O **terceiro procedimento** visa, precisamente, aprofundar a compreensão das vicissitudes no processo de elaboração da posição depressiva. Este passo na maturação psíquica atestará a conquista da interiorização do bom objecto e do processo de separação-indivuação. Desta forma, ao estudarmos a possibilidade de aceder à transformação simbólica, analisamos a possibilidade de realizar um trabalho transitivo, exigido na situação-Rorschach, capacidade esta que revela a plasticidade e riqueza do funcionamento psíquico, bem como expressa as representações de si, do objecto e da(s) relação(ões).
- Por último, com o **quarto procedimento**, propomo-nos estudar as angústias e os mecanismos de defesa que caracterizam o funcionamento psíquico individual e que se revelam na situação- Rorschach, composta por três termos (sujeito, teste e clínico) que compõem uma situação de conflito e revelam, portanto, a forma como o sujeito se adapta, as dificuldades e angústias com que se depara e as estratégias que utiliza, eficazes ou não, para as neutralizar. O que nos interessou especialmente, foi analisar a sequência do processo, pois esta poderá fornecer elementos de análise fundamental para a compreensão dos movimentos regressivos e progressivos, tanto a nível associativo como a nível relacional. Detectarmos as fragilidades e potencialidades é uma tarefa essencial quando visamos demarcarmo-nos de diagnósticos para, assim, estarmos atentos às lógicas individuais e as condutas com valor defensivo e adaptativo, por mais espectacular que possam parecer, à primeira vista, determinadas expressões de angústia e degradações na qualidade dos investimentos.

Após esta conciliação dos nossos objectivos com o nosso quadro teórico de referência e com o método e metodologia escolhida, iremos desenvolver os procedimentos de análise, explicitando a forma de operacionalização dos conceitos no Rorschach. De seguida, explicitaremos os diferentes momentos de análise que compõem a nossa metodologia de acordo com o método Rorschach.

Procedimentos de análise

4.4.1. Expectativa inicial: actualização das experiências passadas nas actuais/ das relações internas nas externas

A propósito da interligação entre sentir, pensar e aprender, Salgueiro afirmou que “(...) estados de afecto deslizam para estados de conhecimento” (Salgueiro, 1996 b, p. 55). Com esta afirmação o autor enfatiza a necessidade de construção de matrizes organizadoras, exteriores à criança, a primeira das quais será a mãe, capaz de acolher, conter, organizar e estimular adequadamente, sendo essa a condição essencial para a construção de matrizes promotoras da construção complexa do corpo activo, de onde emergirá a mente.

São as experiências inseridas num contexto de contenção e apoio que permitem explorações frutificantes. “ (...) A criança que se sentiu acolhida, confortada e serenada, dirige-se naturalmente para as pessoas e para as situações estimulantes e aproveita-as para crescer (...)” (Salgueiro, 1996 b, p. 56). Será pois da crença de um

“ambiente benigno” (Winnicott, 1958/1983), que advém a confiança essencial a novos investimentos.

No mesmo sentido, Coimbra de Matos refere que “ De facto, conheço com, através de e pelo afecto. Penso em função do que sinto, desejo e espero ou receio e evito (...) (Coimbra de Matos, 1996, p. 83). A vida psíquica, oriunda da vida de relação, alimenta-se de estados, movimentos, laços, esperanças e projectos. É da qualidade das relações primárias, que constróem o tipo de vinculação infantil, que deriva a qualidade de todas as relações sociais e afectivas. Desta forma, os sentimentos negativos vão condicionar, em termos psíquicos, a eclosão de defesas, o que em termos intersubjectivos corresponde à resistência na relação. (Coimbra de Matos, 1996).

Podemos dizer que “ Os sentimentos e a relação de uns e outros face a uns e outros, são a repetição de relações e vinculações anteriores, que têm por matriz a relação com as figuras parentais” (Marques, 1999, pp. 200-201).

Integrando as opiniões dos diferentes autores a propósito das crianças com irrequietude motora, constatamos que existe unanimidade na constatação da existência de uma insegurança originária das falhas nos vínculos precoces. Esta insegurança básica, na designação de Salgueiro (1996 b), origina uma desconfiança básica a par de uma necessidade, não satisfeita, de reabastecimento narcísico. Por conseguinte, origina ciclos de aproximação-afastamento, referidos por outros autores como ambitendência mal-adaptativa (Mahler, 1968/1982), ou rotura relacional (Coimbra de Matos, 1994/2002), que caracterizam o tipo de relação dos estados limite.

Este tipo de relação é causa e consequência das organizações defensivas, a denegação, a idealização e a clivagem do objecto desencadeiam ou fortes

investimentos que, como refere Coimbra de Matos (1994/2002), rapidamente originam desinvestimentos, pela não correspondência ao ideal desejado, e pelo (re)aparecimento do objecto frustrante, ou originam aproximações repletas de desconfiança associada à insegurança que caracteriza esta problemática.

Desta forma, a expectativa inicial, isto é, a expectativa face à nova situação (1º cartão) e as expectativas face às situações que se seguem, após os diferentes encontros (restantes cartões) ocorridos em diferentes contextos, pode ser indicadora do tipo de relações internas e externas.

Citando Camões nos *Lusíadas*, será que estas crianças fazem uso de “um saber de experiências feito”, e assim, tendem a assumir uma postura evitante e uma expectativa de um encontro não desejado, ou será que mantêm a esperança de um encontro satisfatório? Que tipo de encontros dão origem a desinvestimentos e rupturas? O que ocorre após a ruptura, isto é, quais são as condicionantes para uma retomada do investimento? Resumindo, o que esperam/ temem/desejam, o que alcançam, que desilusões, que esperanças?

Chabert (1998/2000) refere que nas problemáticas associadas à dependência, os sujeitos abordam a situação projectiva com circunspecção e desconfiança. A sensibilidade aos estímulos externos “mobiliza, em simultâneo, um dano desmesurado e uma inquietação profunda relativo ao impacto do encontro” (Chabert, 1998/2000, p. 143). No entanto, sugere que a situação pode ser aceite com prontidão e alívio, pois a prova, enquanto mediador, amortece as ameaças de uma relação a dois.

Esta autora destaca como mais frequente um envolvimento inicial muito investido que provoca, desde logo, forte reactividade, originando funcionamentos dominados pela extrema inibição associativa (pouca produtividade, recusas, pouca exploração,

pobreza associativa) ou, pelo contrário, pela produtividade muito “projectiva” e mal controlada, por vezes com forte investimento na relação com o clínico, com procura de suporte e anáclise, repetindo o apoio sobre o material do teste.

Surge, assim, o interesse em explorar a ressonância afectiva da experiência emocional ocorrida no processo-resposta Rorschach. Que características da realidade externa e interna condicionam a possibilidade do re(encontro), que encontro, que objecto e que relações internas e externas desencadeia?

4.4.2- Significação da experiência emocional : o encontro e a relação com o objecto Interno/externo

Da literatura referente às crianças irrequietas retivemos a ênfase dada pelos autores às falhas na relação primária. Esse objecto relacional, que não foi “suficientemente bom” (Winnicott, 1956/2000), impediu a introjecção do bom objecto, constante e securizante. Consequentemente, a falha na introjecção da função α (Bion, 1962/1990), ou do Eu-auxiliar (Winnicott, 1960/1983), impede a capacidade de estar só, vista por Winnicott (1958/1983) como a conquista da companhia subjectiva na presença de solidão objectiva, ou por Bion (1962/1990), como a capacidade de elaborar a ausência.

Destas dificuldades advêm significações negativas da ausência, que, por um lado, avivam as dificuldades de autonomização e maturação do Eu, e, por outro, reactualizam a presença do mau objecto, que não se ajustou às necessidades de crescimento e, portanto, debilitou o Eu, tornando-o dependente, vulnerável, ameaçado, pouco diferenciado.

Estas vicissitudes no desenvolvimento desencadeiam as falhas associadas às dificuldades de aceitar a perda do objecto, pelo sofrimento incontido e pela incapacidade de uma continuidade de relacionamento através de ligações simbólicas apaziguantes. O conceito de objecto transitivo (Winnicott, 1953/1975), é útil na descrição das dificuldades destas crianças, particularmente no que respeita à possibilidade criar e reencontrar objectos seguros.

Como afirma Chabert (1998/2000), o processo-resposta Rorschach corresponde ao que se passa na criação-reencontro do objecto transitivo “ (...) tempo de reencontro entre um sujeito e um objecto num espaço psíquico constituído como «espaço de solidão» (Donnet, Green, 1973, p. 269), necessário ao trabalho fantasmático” (Chabert, 1998/2000, p. 138). A situação projectiva, como enfatiza esta autora, permite o arranjo desse espaço de solidão, no seio do qual se origina uma mediação associativa, que revela a vivência emocional da perda do objecto e os movimentos e os pensamentos que foram possíveis.

Também Rausch de Traubenberg, conceptualiza o Rorschach como um espaço de interacções “(...) entre a actividade perceptiva e fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna da vivência (...)” (Rausch de Traubenberg, 1983, in Marques, 1999, p.180).

O material Rorschach, representa uma situação disruptiva de perda de objecto (Baer, 1950, in Marques, 1999), um fenómeno transitivo (Smith, 1990, in Marques, 1999), que emerge como conflito-angústia, que provoca no sujeito uma reacção revelando o continuum perceptivo que vai da percepção à rêverie (Schaffer, 1954, in Marques, 1999).

É “ à volta destas figuras possíveis que se articula a questão da relação de objecto, da sua falta e/ou do seu significado. Aquém da transitoriedade descobrem-se

representações de objectos instáveis, precários, difíceis de estabelecer na recusa da dupla pertença, ao sonho e ao real” (Chabert, 1998/2000, p. 139). Os conteúdos, a reactividade e o comportamento inquieto, retraído, desconfiado, excitado, ou a alternância com respostas idealizadas e fortes investimentos, dão conta de associações desagradáveis, por vezes insuportáveis e violentas.

Pode acontecer que a falta do objecto o arraste para o seu desaparecimento no espaço psíquico, porque, como refere Chabert (*op.cit.*), a perda não pôde ser elaborada através de uma representação.

A impossibilidade de um investimento simultâneo, em termos negativos e positivos, marca relações de objecto singulares. Pode surgir “(...) um extremo apego, mesmo uma hiperdependência em relação aos objectos externos, sobreinvestidos, ao que parece para atenuar as falhas de objectos internos insuficientemente sólidos e fiáveis” (Chabert, 1998/2000, p. 141) ou, inversamente, pode surgir uma hipersensibilidade aos seus efeitos excitantes e destabilizadores, originando reacções de ódio.

Sendo a situação-Rorschach uma situação que ocorre num contexto intersubjectivo, a relação com o clínico terá a marca dos movimentos progressivos ou regressivos. Como afirma Marques (1999), este percurso revela as possibilidades do sujeito investir e vincular-se ao objecto externo, coloridos com as características dos elementos que advêm da realidade interna. Portanto, quando o sujeito é confrontado com os cartões e aceita a instrução que o conduz à interpretação, “(...) revela as características do investimento e da relação com o objecto externo- psicólogo, cartões e situação projectiva estabelecida num contexto clínico (...)” (Marques, 1999, p. 150).

Como refere Marques (1999) esse processo tem que ter a marca do interno e externo, ligados e separados, sem que haja esmagamento, confusão ou dominância de um pelo outro. Assim, importa percebermos a possibilidade e qualidade simbólica para acedermos, com maior finura, às representações do objecto e de si e em que medida elas revelam angústias que traduzem e originam relações externas e representações de relações.

4.4.3. Qualidade da transformação simbólica: reconstrução do objecto e representação de si

A riqueza fantasmática é um ponto de discórdia na literatura sobre as crianças inquietas. Enquanto uns defendem que a acção substitui as carências na mentalização, outros autores, como Berger (1999/2001), defendem que a actividade fantasmática pode ser rica e consegue expressar-se quando se proporcionam enquadramentos adequados.

Um ponto referenciado pela maioria dos autores, é a fantasmização de domínio agressivo/ persecutório, consequência das dificuldades de separação/individuação, que provocam uma diferenciação incompleta resultante da impossibilidade de acesso a um objecto e a uma imagem de si unificada.

A literatura revela, ainda, que a fantasmização agressiva traduz, o que Berger (*op. cit.*) designou por, a presença constante de um inimigo, sentido como um objecto tirânico e intrusivo, ameaçador do Eu e do bom objecto, ambos insuficientemente estabilizados.

Analisar a qualidade de transformação simbólica e as representações que ela traduz, permite aceder ao impacto do objecto ou da falta dele, às características

procuradas e às perturbadoras, ao tipo de relações vivenciadas ou expectáveis e às estratégias para gerir as relações internas e externas.

O Rorschach é por excelência um revelador das capacidades de simbolização e, como afirma Marques (1999), este é um organizador fundamental, pois as respostas veiculam uma imagem, um conceito e um símbolo. As respostas são recriações que advêm do confronto entre o conhecido e o desconhecido. Poder assimilar e recriar exige o estabelecimento de redes de relação que “são réplica renovada de outras relações já estabelecidas e indicadoras das que se podem estabelecer” (Marques, 1999, p. 193).

Interpretar as manchas é respeitar as características objectivas, colorindo-as com elementos da realidade interna, portanto, deixando participar a subjectividade, mas mantendo separadas as características que advêm do interno e externo, para que a reunião e ligação possam operar (Marques, *op. cit.*).

Conseguir utilizar a área transitiva proposta pela situação, implica o encontro entre o real e o imaginário e “a capacidade de se situar no entre-dois” (Chabert, 1998/2000, p. 137). O campo transitivo, que se manifesta entre o objectivo e subjectivo, é a possibilidade da ilusão aceite, o que supõe, como enfatiza a autora, a recusa do objecto plenamente satisfatório, sendo essa uma condição para a criação.

O reconhecimento da falta do objecto e a sua significação, tem sempre a marca da originalidade pessoal, no entanto, dará sempre conta da utilização dos limites dentro e fora, entre sujeito e objecto e das relações estabelecidas numa rede de comunicações. Pontalis (1988, *in* Chabert, 1998/2000), refere que primeiro é necessário acalmar a angústia que suscita a ausência, assegurando que o objecto amado está inteiramente ao alcance do nosso olhar e que ele nos reflecte a nossa identidade.

A perda do objecto, isto é, o contacto com o lado ambíguo e sem significado preciso da mancha, pode gerar a perda do outro, que arrasta consigo a perda de si, ou pelo contrário, pode desencadear a consciência da perda do visível, mantendo no interior a sua existência enquanto objecto interno, assegurando o sentimento de continuidade de existência do objecto e do próprio, separados, mas ligados, diferenciados, mas comunicantes.

O processo das respostas é baseado na capacidade de diferenciação entre si e o outro. “Reencontramos a noção da identidade, isto é, a possibilidade de reconhecer os seus limites, de se conceber como uma unidade em correspondência com o meio e, portanto, com o outro.” (Traubenberg e Boizou, 1984/1999, p.114).

Estas autoras referem que a projecção bem sucedida do esquema corporal nas respostas não humanas revela-se em três aspectos: O aspecto perceptivo deve ser bem destacado e delimitado, qualquer que seja o tipo de apreensão. Confabulações, contaminações ou sobreposições atestam dificuldades de diferenciação. O modo de expressão é outro aspecto a analisar. É fundamental a delimitação e a flexibilidade, isto é, a capacidade de oscilar entre posições diversas, sem perder a possibilidade de centração. O conteúdo é, por fim, outro aspecto fundamental. O importante é que sejam bem localizados e inteiros. Portanto, qualquer conteúdo pode remeter para uma boa diferenciação na condição de ter limites estáveis e adequados.

Nas respostas humanas, as condições para se revelar a diferenciação são as mesmas. No entanto, é necessário ter em conta os cruzamentos com objectos ou figuras de outros reinos que poderão, dependendo da sua expressão mais arcaica ou mais evoluída, demonstrar criatividade ou, pelo contrário, confusão e invasão fantasmática pouco controlada.

De facto, a representação de si é reflexo do desenvolvimento libidinal, do nível de relações com o objecto, das necessidades, dos receios e da maneira como as imagens parentais são vivenciadas. As imagens parentais estão implicitamente presentes em todo o teste, mas para Traubenberg e Boizou (1984/1999), a atenção deve dirigir-se para os cartões I, IV, VI e VII, pois a solicitação dessa projecção é maior.

As dificuldades no acesso à identidade e, conseqüentemente, à identificação, revelam as vicissitudes da relação de objecto, pois, a diferenciação exterior/interior, a projecção do sentimento de não existência, da falta de limites e da permanência de uma fusão, que bloqueia a individuação, demonstram a persistência de relações onde ainda domina a onipotência, os laços com o materno-arcaico, a confusão entre sujeito/objecto e a ameaça de fusão ou intrusão. Face a estas falhas, as respostas podem tornar-se caóticas, mal construídas, inacabadas, sincréticas, estranhas ou monstruosas.

No entanto, como referem Traubenberg e Boizou (1984/1999), raros são os protocolos tão caóticos, pois muitas vezes coexistem tentativas de estruturação apoiadas sobre o eixo médio dos cartões, que centra e diferencia. Uma procura activa da unidade participa desse movimento, muitas vezes facilitada pelo carácter mais unitário dos cartões I, IV, V e VI. e, também, pela busca incessante de limites ou atitudes de compensação que visam negar as fragilidades. Na criança o recurso ao mágico e poderoso revelam sobrecompensações e tentativas de ultrapassagem dos interditos e dos medos. Paralelamente, as imagens parentais são evitadas ou minimizadas no seu papel ou sobrevalorizadas na sua potência, o que dá conta do nível de evolução libidinal e do tipo de conflito.

Fica evidente a interdependência entre a construção da imagem de si e o estabelecimento das relações de objecto. A representação de relações é facilitada

nalguns cartões, nos bilaterais reenvia para o face-a-face, nos pastel, avivam as solicitações emocionais e nos vermelhos, reactivam os modos de relação mais agressivos ou mais intensos pulsionalmente. (Chabert, 1997/1998).

Traubenberg e Boizou (1984/1999), enfatizam a importância do estudo da relação (dual, simbiótica ou não, triangular) nos protocolos das crianças e as expressões fantasmáticas relativas às fases oral, anal ou fálica.

Num contexto arcaico, pré-genital, dominam as relações duais que reenviam para a indiferenciação, dependência passiva ou agressiva, que desencadeiam temor e suscitam temas ligados à devoração com indistinção agredido-agressor. Nos registos mais evoluídos surgem expressões de analidade, que atestam a necessidade do domínio agressivo pertencente à fase fálica, associados a defesas mais obsessivas. A expressão da genitalidade atesta a atenuação da dimensão agressiva-directa e revela a simbologia sexual.

Traubenberg e Boizou (1984/1999), chamam a atenção para a necessidade de tomar em conta a idade da criança e a persistência em determinados registos mais ou menos regressivos e arcaicos. O importante é identificar o funcionamento preponderante e a mobilidade regressiva-progressiva.

4.4.4. Angústias e mecanismos defensivos: a sequência de um processo

A revisão da literatura sobre a irrequietude motora infantil aponta para o predomínio das defesas primitivas (identificação projectiva patológica, denegação, confusão, clivagem do objecto ou afectiva, idealização e projecção evacuativa do mau) resultantes de angústias associadas às falhas da separação/individuação, que

desencadeiam ciclos de angústia claustrofóbica e agorafóbica reveladores das falhas no acesso à identidade sólida e diferenciada. Há unanimidade na constatação de um polimorfismo defensivo, na função de drenagem da dor através da sintomatologia comportamental e nos ciclos de investimento e desinvestimento na procura da conservação do bom objecto e do equilíbrio narcísico.

O estudo das manifestações de angústia, dos mecanismos defensivos e das estratégias (eficazes ou não), permitirá aprofundar o estudo do funcionamento mental, se olhadas tendo em conta o processo relacional e associativo. Que particularidades do encontro com o objecto desperta angústia? Que reacções desperta, interna e externamente? Que defesas são mobilizadas e qual a eficácia das mesmas? Em que medida há flexibilidade regressiva-progressiva?

Como referem Traubenberg e Boizou (1984/1999), a angústia surge quando o equilíbrio de forças se rompeu, dado que as defesas controlaram mal a pressão fantasmática.

A expressão das angústias no Rorschach, pode ser directa ou indirecta. No primeiro caso, situam-se ao nível do comportamento e reflectem reacções somáticas maiores ou menores de agitação, tensão postural, palidez, sudação. Estas podem ser acompanhadas de comentários que reflectem o medo, o desejo de fuga, desconfiança. As manifestações indirectas associam-se com as perturbações no processo-resposta, que assinalam a invasão da angústia: Imagens que referem ameaça, força inabitual, representações para-humanas, reacções de choque, restrições ou excesso na produtividade, acompanhadas por alterações no débito, ritmo e estilo de verbalização. (Traubenberg e Boizou, 1984/1999)

As autoras referem, também, que estas manifestações podem surgir independentemente do grau de adaptação das respostas, mas no caso de más

adaptações, a invasão da angústia revela maior gravidade na perturbação e tende a alargar-se a todo o protocolo.

Os mecanismos de defesa são, segundo a definição de Bateman e Holmes (1997/1998), configurações psicológicas que desempenham um papel fundamental na possibilidade de lidar com a ansiedade de origem externa ou interna. É essencial realçar o lado adaptativo das defesas, pois como clarifica Bergeret (1998), as defesas só se revelam patológicas quando são ineficazes, perturbando o funcionamento mental na sua flexibilidade, harmonia e adaptação.

Chabert (1997/1998), enfatiza a importância da etapa de apreciação dos mecanismos defensivos, particularmente útil para determinar a flexibilidade ou rigidez, isto é o seu carácter operante, que permite um desimpedimento ou, pelo contrário, a ineficácia.

A importância de analisar a associação entre angústias e defesas inserindo-as numa sequência a estudar, relaciona-se com os diferentes significados das defesas, consoante o contexto conflitual em que se inserem.

Nos funcionamentos limite, onde inserimos a problemática destas crianças, destaca-se a heterogeneidade defensiva. A este respeito, Chabert (1998/2000) foca a existência de momentos de funcionamento tipo psicótico e momentos mais típicos das neuroses. Como tal, o estudo destacado do contexto e da sequência revela-se pouco enriquecedor. A autora refere que estas defesas, nestes sujeitos, não correspondem exclusivamente aos registos correspondentes, pois a angústia de castração, quando surge, surge condensada com a angústia de perda do objecto. Da mesma forma, as respostas de tipo psicótico raramente conduzem à destruição e a um desaparecimento definitivo do objecto “ este é mantido, graças à projecção do ódio, graças ao apego à realidade externa, que preservam, ao mesmo tempo, a

diferenciação (mesmo ameaçada) e a presença (mesmo instável)” (Chabert, 1998/2000, p. 156).

O recurso a defesas mais primitiva, como a idealização, clivagem e a recusa, marcam, segundo esta autora os protocolos destes sujeitos. Lerner e Lerner (1980, *in* Chabert, *op. cit.*) ao estudarem as defesas primitivas destacaram o apego e a idealização do objecto e a procura de controlo e domínio sobre o objecto através da agressividade. Estes investimentos no objecto, que ocorrem num registo de oscilações rápidas entre a idealização e a depreciação, são reveladores da clivagem. Este mecanismo defensivo surge no Rorschach através de respostas com afectos muito contrastados (hiperpositivos ou hipernegativos).

Esta defesa, correlacionada com a fragilidade dos limites, associa-se à identificação projectiva patológica, pela falha na diferenciação que arrasta uma perda de domínio contida em respostas repletas de agressividade oral (mandíbulas, dentes, etc) ou personagens ameaçadoras (bruxas, monstros, animais inquietantes, etc.).

A par destes momentos de grande ameaça, podem coexistir momentos de procura de reforço das fronteiras ameaçadas de dano. Chabert (1998/2000), foca o recurso iterativo aos determinantes formais num esforço de enquadramento e procura de continentes. A sensibilidade intensa ao material, faz surgir, inversamente, uma redução da formalização e uma emergência de respostas C, particularmente associadas ao sangue.

“Com efeito, a dificuldade ou a extrema precariedade dos processos de ligação, que permitiriam assegurar a contenção da excitação pulsional, prova o carácter frágil das operações de interiorização” (Chabert, *op. cit.*, p. 148). Mais adiante a autora refere o paradoxo defensivo que advém das falhas de diferenciação. A projecção associa-se à clivagem em momentos de alternância, isto é, há momentos

hiperadaptivos colados à realidade externa e à procura de limites e momentos hiperprojectivos, em que a realidade é deformada, excessivamente interpretada, portanto, sem compromisso entre os dois tipos de conduta.

As falhas da pára-excitação dos movimentos pulsionais pode, segundo Chabert (1998/2000) desencadear defesas custosas essencialmente em termos de recurso ao comportamento.

A nós interessa-nos descrever a sequência entre as angústias e as defesas, nomeadamente a defesa motora. Na análise da sequência integram-se todos os parâmetros atrás descritos, pois todos se interligam e todos compõe uma sequência que traduzirá a lógica individual e os traços comuns associados à problemática.

4.5. Etapas da Análise dos Protocolos recolhidos

Tendo em conta os nossos objectivos e as vias metodológicas estabelecidas para os alcançar, iremos analisar os protocolos, de acordo com os procedimentos de análise atrás definidos, análise essa que comportará dois momentos complementares:

- **Primeiro momento:** Análise resposta a resposta, cartão a cartão, por forma a proceder à leitura, interpretação e significação do percurso do sujeito no processo de construção das respostas e, desta forma, analisarmos a lógica individual que sustenta as condutas e as atitudes inseridas na dinâmica do funcionamento mental.

- **Segundo momento:** síntese dos elementos recolhidos em cada protocolo, realizada através da realização do Psicograma resumido e através da organização dos dados essenciais revelados pelos quatro procedimentos de análise estabelecidos.

Nesta síntese, especialmente no que respeita à análise da sequência do processo, integram-se todos os parâmetros atrás descritos, pois todos se interligam e todos compõe uma sequência que traduzirá a lógica individual. Para melhor expressarmos os recursos defensivos na abordagem e organização dos conflitos, recorreremos, em complemento, à grelha de procedimentos de elaboração das narrativas elaborada por Boekholt (1993/2000) para a decomposição das provas projectivas temáticas em clínica infantil (T.A.T. , C.A.T. e Patte Noir). Desta forma, pretendemos clarificar as estratégias, a eficácia da mobilização defensiva, bem como os pontos de fragilidade.

- **Terceiro momento:** integração das análises dos três protocolos, de modo a destacarmos as particularidades individuais e agruparmos elementos comuns, que permitam aceder a uma compreensão mais alargada das crianças irrequietas relativamente à dinâmica relacional interna e externa e à função, adaptativa ou não, da conduta motora enquanto mecanismo defensivo e via de expressão de angústias.

4.6- Sujeitos

Seleccionámos crianças consideradas irrequietas tanto pelos pais como pelos professores.

Duas das crianças, a Bruna e o David, foram indicadas pela professora e pela psicóloga da escola n.º 1 do Beato , numa zona degradada de Lisboa. O Pedro foi enviado à consulta de Psicologia Clínica a pedido da escola e dos pais.

Tinham idades entre os 6 e 9 anos, na altura da recolha dos protocolos e frequentavam o 1º ano do ensino básico (Bruna e Pedro) e, no caso do mais velho (David), frequentava o 3º ano.

Bruna

Dados anamnésicos:

A Bruna, com 7 anos e meio, é a filha mais velha de um casal que, há um ano teve um outro filho, um rapaz. Desde esta altura a agitação da Bruna intensificou-se inserida num registo agressivo para com outras crianças e de numa oposição para com os adultos.

Os pais, um casal bastante jovem, pouco instruído e com sérias dificuldades financeiras, têm entre eles uma relação muito conflituosa. O pai, taxista de profissão, está muito ausente da vida familiar e, quando está presente, agride frequentemente a mulher, assumindo esta uma postura passiva e victimizada.

Esta mãe, muito isolada socialmente e sem actividade profissional, queixa-se com muita frequência à professora da filha, assumindo-se sem força para cuidar da casa e

dos filhos. É notório o registo muito deprimido no qual predomina a passividade e o desinvestimento relacional. Nada a anima, os filhos consomem-na. A Bruna é constantemente desvalorizada pela mãe, que reage à falta de aquisições escolares confessando que a filha é parecida consigo “burrinha” “ não dá para os estudos”. A Bruna fica muito agitada quando a mãe a expõe e chega a bater-lhe em público, sem que a mãe altere a sua postura permissiva e victimizada.

Com o pai a Bruna tem uma relação para-incestuosa (estando a ser investigada a possibilidade de existir, de facto, abusos físicos dada a reacção assustada à proximidade e contacto físico, especialmente de adultos homens).

Este pai tem uma relação muito desadequada, por um lado, aproxima-se muito dela, considera-a a sua menina e alia-se a ela desvalorizando a mãe e, por outro, está muito ausente ou presente mas alcoolizado, tornando-se muito violento para a mãe. A estas cenas a Bruna reage isolando-se no quarto. Permanece silenciosa, embora agitada, e não dorme durante toda a noite, adormecendo depois durante as aulas, o que sucede com frequência. A estes períodos de sonolência sucedem-se períodos de grande turbulência, nos quais perturba a sala, agride crianças, opõe-se aos adultos e recusa qualquer regra. A agitação é uma constante e torna-se muito difícil conseguirem que se acalme. Na opinião da professora, a Bruna não estabeleceu, ainda, qualquer relação de confiança ou amizade com crianças ou adultos.

O relato do seu nascimento e primeira infância é repleto de lacunas. É descrita sem grandes memórias acerca do seu desenvolvimento. Lembra-se, principalmente, que tudo correu normalmente e que não dava muito trabalho, até à altura da sua segunda gravidez. A partir daí começou a ficar “revoltada” e conflituosa. Quando entrou para a escola, nesta altura, não se adaptou e assim continua até ao momento.

A postura da mãe é desistente, a Bruna vai assumindo muitas tarefas em casa e, segundo a mãe, consegue ser cuidadora e, por vezes, carinhosa com o irmão.

Pedro

Dados anamnésicos:

O Pedro, de 6 anos, é o filho mais novo de um casal muito dissonante. O pai, com 55 anos, é 20 anos mais velho que a mãe. Ela é que cuida dos filhos e da casa, praticamente sozinha, enquanto ele vive de alguns negócios ilegais na área dos audiovisuais. Tem problemas judiciais devido a agressões e, também em casa é maltratante, física e psicologicamente ou, então, está longos períodos ausente. Mantém outras relações em paralelo. De uma primeira relação tem duas filhas de 27 e 26 anos, de outra mulher tem mais duas filhas de 16 e 8 anos e, da mãe do Pedro, tem também uma filha com 9 anos. Durante a consulta com os pais, este pai oscilou entre momentos de intensa agressividade e momentos de grande desamparo. Após uma crise de choro, levanta-se com brusquidão e abandona a consulta.

O ambiente em casa é caótico. A mãe oscila entre a submissão e a revolta. O momento da 1ª consulta coincidiu com a sua tentativa, posteriormente bem sucedida, de se separar definitivamente deste homem. A primeira tentativa foi adiada devido à gravidez do Pedro. Nessa altura, desesperada por ter engravidado, decide abortar, mas a parteira a quem se dirigiu não assumiu o risco devido aos muitos abortos que esta mãe fizera em pouco tempo.

Relata uma gravidez e um parto em depressão profunda. Não engordava, vomitava muito. Diz: “parecia que o meu corpo rejeitava”. Sentia-se sozinha, ainda

para mais com todos os familiares a residirem no Brasil, e desesperada com o prolongamento da relação com o pai do Pedro. Recorda que passou a gravidez a elaborar estratégias para ter suporte financeiro e conseguir separar-se. Assim que o Pedro nasce, começa a trabalhar a um ritmo acelerado. Comenta “O Pedro e o meu negócio (actualmente muito bem sucedido) são irmãos, nasceram ao mesmo tempo”. O Pedro acompanhava-a para todo o lado, era calmo e mamava bem. Conta que era a sua companhia e a sua força e quando se separou dele 15 dias, tinha o Pedro perto de 1 ano, foi de férias a chorar e deixando o Pedro inconsolável.

Até aos 6 anos tomava dois biberons por dia. É muito agarrado à mãe e muito reactivo face a pequenas frustrações. Torna-se agressivo para adultos e crianças, não aceita regras, reage aos castigos aumentando agitação. Desde os 3 anos tem crises de asma e manifesta constantemente uma respiração ofegante.

Frequenta o 1º ano com serias dificuldades de adaptação devido ao seu comportamento. Não suporta estar sentado, deambula pela sala implicando com colegas ou fazendo palhaçadas e, se confrontado reage com grande agressividade física. No entanto, quando aceita trabalhar, revela muito boas capacidades, fica muito satisfeito com o sucesso e tem atitudes muito meigas com a professora.

David

Dados anamnésicos:

O David tem 9 anos e dois meses e é o único filho de um ex-casal, divorciado há 6 anos.

A mãe, empregada de limpezas, refere-se a este filho como a única coisa boa da sua vida e tem grande dificuldade em permitir a proximidade entre filho-pai.

O pai, padeiro de profissão, sempre trabalhou por turnos e, portanto, a sua presença em casa era muito inconstante. Ainda hoje é muito imprevisível, ora aparece sem aviso, cheio de presentes e muito efusivo afectivamente, ora desaparece longos períodos de tempo e não cumpre os compromissos que tem com o filho, esquecendo-se de o ir buscar à escola. O David valoriza muito o pai e reage a estas desilusões com períodos de choro raivosos e grande agitação motora.

A mãe tem com o filho uma relação muito dependente. Trá-lo para dormir com ela, afirmando que assim consegue evitar a enurese nocturna, pois acalma-o e compensa-o do sofrimento causado pelo pai. O David reage com grande irritação e agressividade às críticas que a mãe faz ao pai.

Entre os dois a diferença de gerações não é explícita, portanto, a mãe faz autênticas cenas de ciúmes por perceber que ele gosta do pai e, por sua vez, o David insulta e agride a mãe, que habitualmente consegue detê-lo através da chantagem emocional, mostrando-se sacrificada e hiperprotectora.

Na escola o David tem queixas constantes de comportamento, vive a fazer palhaçadas, não pára sossegado, tem muito pouca tolerância à frustração e, se contrariado reage em explosões de raiva muito difíceis de serenar. No entanto, tem um excelente aproveitamento escolar e é bastante meigo, principalmente com os adultos. Com a professora tem uma relação muito próxima e um grande desejo de a agradar. Fica preocupado quando a vê zangada e tenta compensá-la através das suas boas produções escolares, particularmente na matemática.

O nascimento e desenvolvimento do David é relatado num registo afectivo, com uma forte união mãe-filho em detrimento de uma triangulação familiar. A mãe

descreve uma gravidez calma e um desenvolvimento harmonioso. A relação entre o casal praticamente não existia, a este respeito diz: “ sempre fomos só os dois, eu e o meu filho, quando o pai se mete é só para atrapalhar, não consigo fazer ver ao David que “aquilo” não presta, só o faz sofrer!”.

Descreve a mudança do David em torno dos 12 meses de idade, quando começou a andar. Até aí era um bebé calmo e comilão mas, quando começou a andar, tornou-se um turbilhão, sempre agitado, mexia em tudo, deixou de comer e dormir bem. A tensão em casa aumentou, pois a mãe culpava o pai pelas ausências e falta de apoio. Achava a criança nervosa com a tensão familiar e, portanto, tornou-se muito permissiva e cada vez mais próxima do filho, achando que este não pode passar sem os seus cuidados e companhia.

4.6.1- Recolha dos Protocolos

Os protocolos do David e da Bruna foram recolhidos na sala da psicóloga da escola, durante o mês de Maio de 2004. Por último, o protocolo do Pedro foi recolhido em gabinete privado, em Setembro de 2004.

Por forma a facilitar a adesão à prova, procurou-se aplicá-la após um período de familiaridade com a psicóloga. Este período foi particularmente importante nas crianças da escola n.º 1 do Beato, com as quais não existia uma relação prévia.

Com a criança com quem já existia um relacionamento, devido à relação clínica estabelecida, a recolha do protocolo revelou-se, por vezes mais complexa, pois a proximidade relacional possibilitou o aparecimento de comportamentos mais

desinibidos, que necessitaram de mais intervenção do clínico para evitar recusas explícitas ou comportamentos muito agitados, que a afastava da tarefa proposta.

As condições de aplicação basearam-se nas propostas de Traubenberg e Boizou (1984/1999). Deste modo, tendo em conta a influência do contexto relacional na produção, procurou-se criar condições óptimas, que possibilitassem a expressão num ambiente securizante, flexível e orientado para a compreensão da dimensão afectiva individual, através de um inquérito alargado simultâneo à produção das respostas. O objectivo foi clarificar o conteúdo, a localização e fazer surgir as qualidades expressivas que determinaram as respostas, mas para além do esclarecimento das respostas, interessou-nos também manter o interesse na prova, embora sem induzir a produção.

Como afirmam os autores atrás citados, “não se deve sacrificar a produção ao procedimento” (Traubenberg e Boizou, *op. cit.*, p.37). O importante é conseguir frutificar os dados enriquecendo a produção, embora mantendo o rigor para impedir uma invasão na espontaneidade das respostas das crianças.

De facto, pretendemos que a actividade proposta se assemelhasse a um jogo com possibilidade de livre expressão, tão alargada quanto possível. Essa proposta partiu, então da seguinte instrução: “*Gostas de ver imagens? Vou-te mostrar algumas imagens e tu dizes-me o que se pode ou o que se poderia ver nelas.*”

5- Apresentação e análise dos protocolos de Rorschach

5.1-Análise das respostas cartão a cartão

Protocolo de Rorschach de Bruna, 7 anos e 6 meses (Maio de 2004)

Vou buscá-la à sala. Olha-me intrigada e desconfiada. Em conversa informal mostra-se distante e tensa, esfregando as mãos com muita pressão. Responde sinteticamente enquanto me olha de lado. Aceita a tarefa com tensão corporal e com uma expressão intrigada. Senta-se em meia cadeira, de lado e de forma a estar mais próximo da porta. Olha-me pouco e quando o faz a sua expressão é tensa, carregada e pouco confiante.

I 3”

Uma borboleta Ajeita-se, senta-se direita. Expressão menos tensa Aqui a parte dela por dentro (?) aqui a coisa que ela tem. Toca no D central e mostra no seu corpo a parte do tronco. Aqui asas. Aqui antenas (?) (...) ela é mais ou menos boa e mais ou menos má (?) Não consigo dizer porquê...não sei! Mexe-se na cadeira balançando-se para os lados repetidamente.

G F+ A Ban

A aceitação da tarefa é envolta numa expectativa negativa, sendo visível a desconfiança relacional. No entanto, consegue dar uma resposta bem adaptada e banal, que proporciona alívio pelo resultado bem sucedido. A definição do objecto já não consegue obter o mesmo sucesso. Há dificuldade na explicitação das partes e na diferenciação interno/externo. O recurso ao próprio corpo, como referência, surge como tentativa de ultrapassar essa dificuldade e as carências linguísticas.

Esta falha no domínio do objecto é acompanhada por uma indefinição das qualidades afectivas do mesmo. Assim, este surge como algo desconhecido afectivamente, pouco previsível e incerto, o que a remete para uma incompreensão e para uma inquietação manifesta corporalmente. Mexe-se e balança-se, parecendo procurar sensações fortes distractoras e compensatórias, que facilitam o distanciamento do objecto frustrante. O seu vai e vem pendular podem traduzir a incapacidade de fixação numa representação constante, suficientemente definida e, se assim fosse, seria estável e securizante.

II 30''

Senta-se de lado (...) Não consigo! Acena com a cabeça e distancia-se para trás. (incentivos) (...) uma cara Aproxima-se e logo distancia-se e volta a aproximar-se para tocar com os polegares e com muita pressão, parecendo esmagar. Aqui os olhos (D verm sup) Aqui bochechas (D negros) Aqui boca (D verm inf) Aqui nariz (D central negro) (?) Não sei mais, uma cara. Distancia-se para trás e remexe-se na cadeira.

Choque

G F- Hd

A angústia é, agora, mais visível e desencadeia um retraimento objectal, acompanhada de fuga corporal e de um silêncio tenso. O trabalho do pensamento não se faz e a mancha permanece sem encontrar uma significação. A atitude é de recusa e de distanciamento relacional. No entanto, esta recusa é temporária e cede à proximidade do clínico, embora de forma hesitante, desconfiada e pouco investida.

A transformação resulta numa resposta mal conseguida. O objecto surge deformado, pouco real e tenta, a custo, reconstruir a figura, mas com pouca adaptação e sem prazer na actividade realizada, o que suscita uma reacção de distanciamento seguida de proximidade agressiva/dominadora. Parece pois, que o domínio físico substitui a proximidade satisfatória e o domínio psíquico da situação projectiva. A dificuldade em captar o objecto desencadeia uma proximidade que é feita num domínio agressivo, através do esmagamento da figura com visível descarga da tensão ansiosa.

III

Senta-se direita. Aproxima-se do cartão (...) Não consigo! Balança-se (incentivos) Olha à distancia demoradamente e em silêncio. Nada! Afasta-se para trás e balança-se.

LL. Não...não sei. Afasta-se para trás e encosta as costas às costas da cadeira com grande pressão. Não consigo perceber ! Faz uma expressão zangada, olha o cartão mordendo os lábios e vai-me olhando tensa, distante e zangada.

Recusa

O novo cartão é aceite parecendo abrir uma nova hipótese de busca de proximidade satisfatória. A fuga dá lugar, de início, a uma postura aceitante e mais próxima.

Tenta encontrar um sentido, mas não consegue estabelecer ligações que permitam a transformação e criação de um objecto. O vazio criativo dá lugar a uma significação negativa, que provoca grande tensão e distanciamento relacional. A fuga surge como defesa e o vazio é preenchido por uma actividade centrada em si mesma, auto-estimulante corporalmente.

Os incentivos conseguem uma manutenção do contacto, embora retraído, e uma continuação da pesquisa, mas a atitude desistente sobrepõe-se e dá lugar à procura de estimulações e sensações corporais que a desviem da realidade externa/interna angustiante.

Reage à nova proximidade com uma distancia agressiva e uma recusa associativa, revelando-se incapaz de construir representações humanas, ainda que sugeridas. Esta incapacidade parece revelar não uma dificuldade de expressão, mas sim uma dificuldade de acesso à identidade, que acentua o desprazer no processo e também a necessidade de distanciamento. No entanto, nesse distanciamento é mantido o contacto ocular, o que denota a manutenção da relação, ainda que mediada por precauções devidas ao carácter frustrante e ameaçador da situação.

IV 30"

(...) Não me olha. Mantém-se a fixar o cartão de longe com uma tensão aflita e agarrando-se com pressão ao tampo da cadeira. Vira o cartão em V. Um monstro mau! Balança-se (?) Aqui tem 3 patas e por isso digo que ele é mau (?) A barriga ,

aqui cabeça e braços. Não sei mais. (...) Com as pernas cruzadas mexe nos seus pés com tensão, esfregando-os com força, parecendo coçá-los com as palmas das mãos.

Choque

G FClob (A)

O silêncio e o corte relacional atestam a qualidade da relação baseada em trocas experienciadas como nocivas. A tensão, a zanga e o medo predominam e não viabilizam o encontro positivo. Não conseguindo encontrar/agarrar um objecto de confiança, agarra-se a um objecto externo, que alivia a tensão psíquica e física.

Alivia-se o suficiente para investir numa nova procura, mas, nestas circunstâncias, a significação da experiência é negativa e encontra o mau objecto.

Projecta uma figura monstruosa e malévola, face à qual procura uma distancia e desinvestimento relacional, em simultâneo investe em sensações corporais.

As qualidades malévolas surgem associadas à sua deformação física, que parece associar-se à expressão do fálico mais primitivo e, portanto ameaçador.

O silêncio marca a retracção relacional e, mais uma vez, concentra-se em auto-estimulações fortes de tonalidade agressiva, que descarregam, através do corpo, em circuito fechado, a tensão, inquietação e a tentativa de domínio agressivo. De facto, a estimulação corporal centra-se nos seus pés, precisamente a parte que focou como indicadora das qualidades agressivas do objecto. Desta forma, parece procurar agredir o objecto, o que nos remete para uma indiferenciação eu/outro, devido à confusão e indistinção entre partes suas e do objecto, que traduzem uma projecção invadida pelo processo primário.

V 20 “

Não se aproxima do cartão e, de costas coladas à cadeira, olha intrigada. Franze a testa, coloca a cabeça de lado e mexe nos seus pés com pressão. Uma gaivota (mexe ma mancha com pressão) Aqui asas, aqui patas, aqui cabeça (...) (?) Não sei mais (...) Estava a voar (?) Não sei porquê, mas acho que está a voar. Distancia-se da mesa sentando-se para trás.

G Kan A Ban

A postura física e relacional é distante, amedrontada e desconfiada como que prevendo a manutenção de experiências negativas, que tenta evitar defensivamente. A tensão é visível e controlada através de uma descarga agida no seu próprio corpo. Assim, consegue um contacto mínimo que permite a exploração e, portanto, a continuidade da procura.

Encontra uma gaivota, uma ave popular e amigável e isso parece suscitar uma exploração mais próxima, ainda que num registo tenso. A aproximação tacteada com tensão, parece traduzir uma procura de maior definição. Nessa busca, recorre à parcialização e consegue discriminar, com sucesso, as diferentes partes e reconstruir o objecto, mas a desconfiança impede um envolvimento projectivo mais livre.

Opta de novo pelo silêncio e distanciamento relacional. Ainda assim, cede aos incentivos e envolvendo-se mais, imprime um movimento ao objecto. Este movimento reflecte uma maior liberdade e descompressão, mas não o suficiente para alcançar uma proximidade desejada e, portanto, volta a distanciar-se e optar pelo envolvimento muito cauteloso.

VI

Olha sem se aproximar e em silêncio. Remexe-se na cadeira e senta-se de lado virada para a porta. Mexe nos seus pés esfregando-os com as palmas das mãos com tensão. Não sei! (incentivos). Aproxima-se, roda vagarosamente o cartão sobre a mesa. Não, não me parece nada, não é mesmo nada! Mexe nos seus pés, distancia-se sentando-se para trás. Continua a olhar para o cartão apresentando uma expressão zangada, morde o canto dos lábios e não me olha.

Recusa

A postura distante mantém-se, como se o objecto encontrado não fosse suficiente para suscitar um prazer relacional e, portanto, impera a expectativa de encontro negativo.

Agora a exploração revela-se infrutífera, apesar da procura de diferentes perspectivas. Não reconstitui o sentido, não encontra o objecto e a ausência de significação é significada como uma experiência negativa que dá lugar à zanga e a um prolongamento da inquietação. O novo equilíbrio oriundo da transformação/simbolização não é possível, deixando-a na incoerência e na experiência dolorosa carregada de afectos negativos, que provocam uma tensão crescente que tenta conter através de um corte relacional e de uma descarga agressiva da ansiedade não contida psiquicamente, através de um trabalho do pensamento e restauro do equilíbrio, que permitiria a simbolização.

O corpo e o comportamento relacional parecem ser o palco de um conflito não dominado pelo processo secundário. Desinvestindo a situação e não fazendo uso dos recursos psíquicos, contra-investe o corpo e age exteriormente o conflito.

VII 35''

Senta-se direita e olha distanciada mas interessada. Aproxima-se do cartão sem o tocar. Bate com os dedos por debaixo da mesa com visível agitação. Dois cães ou duas cadelas, não sei... Afasta-se para trás, ficando com as costas coladas à cadeira e, com pressão, esfrega as suas mãos nas costas da cadeira. (?) Aproxima-se e vai tocando nos D sup. Aqui rabo (extremidade do D sup), aqui patas dele, aqui pescoço (junção com D médio) Aqui a cara (D médio). (?) Não sei mais. (esfrega as suas costas contra as da cadeira. Balança-se para os lados. (?) É cão ou cadela porque os cães têm pilinha e as cadelas pipi e eu aqui não consigo ver o que é. Balança-se e olha-me em silêncio.

D F- A

De qualquer forma, a retracção relacional e o desinvestimento não são totais. A ruptura é temporária e consegue, defensivamente, um alívio suficiente para retomar o contacto e tornar-se receptiva e a um novo encontro. O novo objecto/situação é observado com precaução. A tensão é manifesta mas não impede a exploração e procura. A inquietação é aliviada comportamentalmente e tenta sustentar a demora na transformação criativa.

Identifica, sem adequação, dois animais. A resposta surge carregada de imprecisão, como se o objecto encontrado não pudesse ser completamente percebido, o que suscita inquietação e distanciamento relacional com procura de auto-estimulações que compensem a frustração e proporcionem a drenagem da angústia.

Os incentivos permitem a manutenção da exploração e do envolvimento projectivo mínimo, que permite a reunificação das partes, embora sem sucesso, que

provoca inquietação e procura de alívio através de auto-estimulações que drenam a frustração.

A procura de contacto visual parece cumprir duas funções, por um lado sentimos uma avaliação demorada, por outro um pedido de suporte feito num contexto carregado de precauções na proximidade relacional.

VIII 20"

Não se aproxima do cartão, mas olha-o fixamente à distancia, com movimentos oculares lentos, que contornam a mancha. Aproxima-se e com os polegares esmaga os D rosas. Aqui assim um leão ou um tigre e outro aqui (?) Cabeça, corpo dele e aqui as patas. Neste o mesmo (...) Não sei mais. (chega-se para trás e junta os punhos, batendo-os um contra o outro repetidamente e com força (...)) Não sei ! Mantém-se a olhar para o cartão com uma expressão zangada e desconfiada.

D F+ A Ban

De novo, assume uma atitude de exploração carregada de precaução e pouco investida. Ao criar o objecto, de imediato, aproxima-se numa reacção agressiva e dominadora que parece substituir a incapacidade de domínio psíquico e a provável ameaça evitada, a todo o momento, por uma retracção do envolvimento na situação projectiva.

O objecto encontrado, mais uma vez, não surge claramente. A resposta é bem conseguida formalmente, no entanto, não proporciona prazer na descoberta, o que talvez se associe à indefinição do objecto encontrado, dado que a opção por dois animais não parece conter uma alternativa criativa, mas sim uma incerteza inquietante. De facto, o silêncio, a retracção relacional e a tensão ansiosa de

tonalidade agressiva denotam a frustração, insatisfação e forte desconfiança no encontro com objecto. Assim, em vez de suscitar entusiasmo, prazer e proximidade, suscita tensão, medo e raiva contida, convertida em tentativa de domínio agressivo o agressor vivida de forma auto-dirigida.

IX

Olha de longe e em silêncio. Coça-se, com muita pressão, nos braços e esfrega as costas às da cadeira. Agarra as costas da cadeira com as mãos. Continua sempre a fixar o cartão. Aproxima-se e vira o cartão V. Pega no cartão com ambas as mãos e abana-o lentamente enquanto o olha intrigada. Gira-o sobre a mesa repetidamente. Não sei! Chega-se para trás e agarra as costas da cadeira, continuando a fixar o cartão de longe. Não! (incentivos) Não consigo perceber. Aproxima-se e bate com os dedos debaixo da mesa enquanto olha o cartão com uma expressão tensa e zangada.

Recusa

É no mesmo registo que participa na nova situação projectiva. Tenta, a custo significar e procurar diferentes perspectivas. Corporalmente, detém-se em auto-estimulações agressivas, que expressam a tensão e parecem agir corporalmente a tentativa de fixar/segurar o objecto, dada a impossibilidade de o reconstruir simbolicamente. A pesquisa, sem sucesso, dá lugar à tensão e à desistência, acompanhada de grande desconfiança, que não cede a incentivos. Instala-se uma recusa e um distanciamento que contém uma raiva expressa fisicamente e manifesta em comportamentos de auto-estimulação.

X 30"

Não se aproxima do cartão, mas olha-o fixamente. Coça-se na cara com pressão. Aproxima-se e pega no cartão e mostra. Aqui nestas coisas dois bichos que não sei o que podem ser... (D lat azuis) Chega-se para trás e coça-se com força no braço. Não sei! Gira o cartão sobre a mesa lentamente. Pára-o e agarra-o pressionando os lados (?) Bichos assim... assim um bocadinho maus... não sei porquê (?) Não sei dizer como é ! Remexe-se e esfrega as mãos nas suas pernas. Gira o cartão sobre a mesa repetidamente. (?) Continua a girar fixando o cartão e sempre com uma expressão tensa e zangada). Pisa com os polegares os D amarelos inf. Aqui, dois coelhos. Aqui são as orelhas, aqui olhos e aqui o corpo deles. Pisa com pressão. Não consigo perceber bem! Chega-se para trás, fixa o cartão com expressão irritada e mexe no cartão pressionando, com força, diferentes partes da mancha. Aqui dois caranguejos (D cast) (?) A barriga, a parte do corpo, aqui as patas, aqui na bolinha o olho dele. Afasta-se e remexe-se com menos tensão.

D F ± A

D F- A

D F+ A

Prevendo experiências pouco satisfatórias, opta por manter a distancia e explorar de longe. A tensão ansiosa evidente é manifestada numa auto-estimulação agressiva.

Consegue encontrar um sentido, o que motiva uma aproximação tanto ao objecto como ao clínico e desperta um desejo de troca. No entanto, o sentido encontrado não proporciona prazer criativo, pois não consegue restaurar inteiramente o significado, ou seja, há uma falha na compreensão do objecto. Desta forma

transparece uma inquietação, devido à conversão da ausência em experiência negativa e desencadeia uma descarga ansiosa auto-dirigida e de tonalidade agressiva.

A desistência não é total e continua a exploração. Parece tentar conter o objecto para melhor o delimitar, reunificar e dominar psicicamente. O insucesso neste propósito origina uma projecção das qualidades malévolas do objecto, embora tente atenuar o lado assustador e ameaçador, que aliás é pouco compreendido. Parece que o objecto insuficientemente compreendido causasse um temor pelo seu desconhecimento, que faz pairar uma atmosfera inquietante.

Talvez essa incerteza faça manter o vai e vem corporal e relacional. Parece que o objecto se torna mau porque baralha, não se deixa conhecer na totalidade e, portanto é imprevisível, estranho, inquietante, o que se traduz num comportamento tenso, inquieto, distante, mas expectante.

Desta forma, a busca prossegue apesar do clima frustrante. Vê agora um novo objecto, uns coelhos, um animal mais acolhedor, mas que não está adequado perceptivamente. Parece, portanto, procurar a custo uma securização que não é bem sucedida, pois o objecto alcançado não é restaurado na totalidade. Desta forma a inquietação reaparece e origina uma atitude de retracção relacional e tentativa de domínio físico agressivo, provavelmente para compensar as dificuldades de transformação simbólica. De qualquer forma, esse controle, permite circunscrever a angústia e proporciona uma aceitação de um novo envolvimento projectivo na procura de mais significações.

Vê agora caranguejos, um animal com reforço nos limites corporais. Tem uma tonalidade agressiva, mas, sendo pequenos, a ameaça é menor. A resposta é de boa qualidade formal e tem sucesso na tentativa de detalhar e reconstruir o todo com coerência.

Talvez por saber que este é o último cartão, o que delimita a experiência angustiante, permite-se a um maior envolvimento e a uma proximidade menos tensa, o que poderá ter facilitado a resposta mais clara, mais decidida e menos envolta em incertezas e incompletudes. Ainda assim a falta de prazer permanece e o afastamento parece corresponder a uma finalização da tarefa angustiante.

Escolhas

+

V e X

Não consigo dizer (?) não sei porquê (...) Fixa preferencialmente o cartão V. Agitadamente toca com os dedos debaixo da mesa enquanto fixa o cartão V. Coça-se com força nos braços e pernas. Fazendo cada vez mais pressão com o indicador, parece quase esburacar a pele do braço.

-

Escolhe o II e toca com o polegar como que esmagando a mancha. Selecciona também os cartões III e VII. Não sei! (?) não sei Fixa-os alternadamente. (?) Coisas que me parecem coisas más. Coça as costas contra a cadeira e balance-se para os lados.

As escolhas positivas recaem sobre dois cartões em que conseguiu atribuir sentido às manchas, com mais facilidade. Num deles, conseguiu, até, uma projecção com boa qualidade formal e com um movimento adequado. Na última, conseguiu, também, uma projecção final bem sucedida. Portanto, qualquer um dos cartões

proporcionou a transformação da ausência, diminuindo a frustração e atenuando o carácter maléfico do objecto.

A primeira escolha negativa recai sobre o primeiro cartão em que não consegue projectar uma imagem de boa qualidade, após um esforço intenso e angustiante para conter a incoerência.

Escolhe, depois o primeiro cartão em que foi dominada pela ausência de sentido não transformada. O nada e a experiência angustiante daí resultante origina, defensivamente, uma auto-estimulação que aplaca a tensão, que não foi metabolizada simbolicamente. A angustia permanece por elaborar, latejando numa zanga contida no corpo e não apaziguada por objectos contentores.

Escolhe, igualmente o cartão VII . Se no primeiro constatou o vazio objectal, neste constata a presença de um objecto alcançado a custo, mas que permanece desconhecido, pouco definido, o que impede o pleno uso do objecto. Assim, defende-se através do distanciamento e recorre a estimulações compensatórias, que atenuam a tensão psíquica acumulada, transposta para uma dimensão corporal.

Tempo total: 20 minutos

Protocolo de Rorschach de Pedro, 6 anos e 3 meses (Setembro de 2004)

O Pedro vem à consulta de Psicologia, em Fevereiro de 2004, devido às queixas dos pais relativamente ao seu comportamento muito agitado e também a pedido da escola, que refere igualmente comportamentos irrequietos, agressivos, provocatórios e controladores com adultos e crianças. Depois de uma avaliação psicológica realizada em Março do presente ano, é confirmada a necessidade de uma intervenção psicológica, embora os intensos conflitos familiares tenham impedido o seu seguimento, só iniciado em Setembro de 2004. É na 2ª consulta, após o seu retorno que é aplicado o Rorschach, sendo a proposta aceite com grande interesse e curiosidade inicial.

I 1”

Pega no cartão e coloca-se lado a lado comigo quase com contacto físico. Aproxima o cartão e afasta-o logo de seguida, com uma expressão facial de estranheza. O que é isto? VA Um monstro! Olha fugazmente e procura os outros cartões. Olha-me e atira o cartão com desdém (?) É monstro aqui ! faz gesto circular mostrando toda a mancha (?) É assim, é um monstro mau. Impacienta-se e vira-se para o armário de brinquedos ficando de costas, mas volta a olhar curioso para o cartão seguinte.

Choque

G Clob F (H/A)

A expectativa inicial é positiva. Revela curiosidade, interesse e procura uma proximidade relacional manifesta num contacto físico com o clínico e com o material.

A reactividade é intensa e imediata expressando-se num choque que provoca uma reacção de afastamento físico acompanhado de rejeição, manifestação de desconfiança e estranheza face à percepção de algo inesperado, que reactiva uma atribuição de sentido negativo e desencadeia uma erupção emocional e uma projecção pouco controlada.

Procura, socorrendo-se da relação com o clínico, uma atenuação da angústia suscitada. Tenta, assim, confirmar ou infirmar a percepção do mau objecto. Faz manipulações parecendo procurar diferentes perspectivas e acaba por fornecer uma resposta que nos remete para um mau objecto, de reino e características pouco explícitas, que provoca desconfiança e impõe uma retracção relacional pelo evitamento do olhar e tentativa de fuga ao estímulo, procurando uma nova experiência. A atitude é de crescente frustração, defendendo-se da angústia através de um desprezo do objecto e da situação.

A proposta de localização é aceite neste registo de evitamento do envolvimento e da exploração do objecto percebido. A localização é feita globalmente e sem definição precisa das diferentes partes constituintes. Uma nova intervenção tenta incentivar este trabalho de reconstituição feito vaga e fugazmente, no entanto, apenas serve para que consiga enfatizar as qualidades malélicas do objecto perturbador. A forma de circunscrever e evitar a progressão da angústia invasora é mediada por um comportamento expresso de evitamento da relação e da situação, procurando focalizar outros estímulos que reduzam a tensão evidente. Ainda assim, a possibilidade de retomar a relação e o investimento na situação é mantida,

verificando-se uma apetência para uma nova experiência aceite com expectativa positiva.

II 2''

Pega com ambas as mãos. Um monstro! (Λ V Λ V muito rápidas). Foste tu que fizeste estes desenhos? (?) Olha-me com estranheza e perante a minha negação atira o cartão para cima da mesa e passando por detrás de mim lança a mão ao monte de cartões. (?) Com grande impaciência diz: Vejo um monstro aqui no vermelho, assim. Aponta de longe num gesto circular e abre o armário dos brinquedos.

D Clob F (H/A)
Perseveração

O cartão é agarrado traduzindo empenho na procura de um sentido. A significação é muito rápida e evidenciando o significado negativo desse processo de significação. A resposta remete-nos para o mau objecto que desperta inquietação. As manipulações rápidas parecem procurar outras perspectivas que confirmem ou infirmem o objecto encontrado. As novas explorações em vez de permitirem um domínio da situação e uma tranquilidade, provocam estranheza e desconfiança com tonalidade persecutória transposta para a relação com o clínico. A sua atitude revela agora uma tentativa de controlo da angústia, passando de dominado a dominador. A angústia face ao mau objecto é manifestada de forma directa através da conduta agida, da tensão e da necessidade de evitar um envolvimento com a situação. Desta forma, em vez de procurar uma exploração do objecto, procura um distanciamento através de uma localização vaga, indefinida, atirada mais com o intuito de finalizar a tarefa e travar a angústia, o que denota a força da projecção, que se sobrepõe à adaptação ao percepto. A centração no vermelho pode enfatizar a tonalidade ameaçadora do objecto persecutório, no entanto, a necessidade de afastamento e

procura de estimulações alternativas impedem uma clarificação das características inquietantes. A carga emocional não consegue ser modulada por defesas mentais que permitissem a continuidade da implicação projectiva, portanto, recorre a defesas com valor de ruptura. O desinteresse e o desprezo pela situação impõem-se como forma de evitamento da experiência ameaçadora, frustrante, contrária à expectativa inicialmente positiva, como tal, a procura de uma nova experiência procura reduzir a tensão e evitar as potenciais ameaças.

III 1”

Pega no cartão com desdém. Um monstro bom! Não consigo... Atira para a mesa cada vez com mais irritação e logo de seguida remexe no armário e diz que está farto. Não se interessa em voltar a olhar e diz que não sabe explicar como é o monstro.

I.L. Não parece mais nada (recusa olhar) Isso é tudo monstros.

G Clob F (H/A)
Perseveração

Sendo este o 3º cartão, antecedido por dois encontros decepcionantes e angustiantes, a atitude inicial é de retracção relacional manifestada com desprezo, indiferença, sinal da necessidade de evitar uma implicação projectiva pouco controlada. A resposta fornecida rapidamente, denota, não uma exploração do percepto, mas sim uma tentativa de purificação das características maléficas do objecto percebido anteriormente, que se impõe de forma perseverante devido à força da dimensão projectiva pouco modulada por defesas que permitam o movimento progressivo. Assim, não há uma adaptação ao real, há um domínio do mau objecto interno suficientemente invasor para se impor sem possibilidade de controle. A denegação não consegue evitar a angústia vivenciada nesta situação

significada como ameaçadora. Não conseguindo mobilizar defesas mentais suficientes para permitir uma contenção da angústia, a estratégia é a desistência acompanhada de manifestação de intensa frustração e recusa da situação num registo de domínio maníaco.

A reacção ao I.L. surge na sequência desta recusa de proximidade relacional. Nega continuar um envolvimento penoso que actualiza experiências angustiantes. Remata enunciando a força da dimensão projectiva. A realidade objectiva é subjugada à ao fantasma, isto é, às experiências internas persecutórias, projectadas intensamente, e impeditivas de uma abertura a novas significações. Nestas circunstâncias, qualquer relação ou qualquer elemento da realidade externa é deformado e carregado de significado ameaçante. A solução é uma ruptura defensiva que parece amparar a invasão fantasmática e a relação que lhe a desencadeou.

IV 1"

Praticamente não olha o cartão nem lhe pega. Num olhar de relance diz: Um monstro mau, é mau! Volta a remexer o armário com total desinteresse pela continuação da prova. Faço perguntas mais directas sobre o monstro (onde o vê, a cara ou o corpo todo, se faz medo ou não). Detém-se a olhar sem interesse. É mau, são todos maus, são todos monstros, sei lá como são, não se percebe nada desses desenhos! A irritação é grande e insiste para brincar a outra coisa ficando sempre virado de costas remexendo o armário de brinquedos atrás de mim.

G Clob F (H/A)
Perseveração

A atitude face ao cartão é reveladora da necessidade de afastamento defensivo devido à expectativa de um encontro previsto como negativo. O breve contacto

visual é repleto de precauções e distanciamento físico e recusa de nova implicação emocional. A oposição maciça e violenta, parece ser a única atitude que pode evitar a descarga ansiosa destruturante. A fuga impõe-se e são reafirmadas as qualidades maléficas do objecto. Ao relacionar-se com desprezo ,tenta retomar algum controlo sobre uma situação e um objecto algo incompreensível e assustador, assim, ao desqualificar atenua a carga ameaçadora atribuindo-lhe um estatuto estático de desenhos, que perdem peso enquanto objectos potencialmente destrutivos. Esta estratégia defensiva de ancoragem na realidade inanimada parece deter a projecção evacuativa que fragilizou os limites entre objecto e simbólico, situação passada e presente. Ao evitar uma extensão da equação simbólica, tenta fugir ao domínio do objecto e impõe uma fronteira entre interno e externo, embora não seja suficientemente sólida para permitir a contenção da angústia suscitada pela projecção pouco modulada pelo processo secundário. Afastar-se relacionalmente e procurar outras estimulações surge como fuga ao atemorizador e procura de estimulações alternativas.

V 5”

Vira-se subitamente e olha fugazmente o cartão. Mons... Olha, vira-se ficando de lado para mim, pega no cartão detendo-se a olhar e aproxima-o um pouco mais dos seus olhos. Olha-me com surpresa e diz: Este parece um morcego (?) é bom, ajuda as pessoas. Tem aqui a cabeça, asas e patas. Mostra tocando e contornando com o dedo. Atira o cartão e diz: Pronto...chiça! Faz um esgar de retracção e desvia o olhar para os brinquedos.

G F+ A Ban

A reacção imediata revela a continuação de um corte relacional e associativo que impede o reencontro previsto com o objecto maléfico. Independentemente da realidade externa, o mau interno está omnipresente e só um comportamento de evitamento e recusa activa da proximidade parece deter a invasão fantasmática em curso. No entanto, persiste uma propensão à mudança, pois apesar da reacção externa transmitir um aparente corte radical, parece existir uma vigilância subtil na busca de características ou qualidades do outro que permitam um novo relacionamento e uma transformação da experiência negativa. Deste modo, logo que percepção características externas distintas, modifica radicalmente a postura relacional. Aproxima-se fisicamente, reinveste e procura com empenho e apetência relacional um nova experiência. A contradição com o expectável negativo é inesperada e, como tal, é fonte de surpresa positiva. Identifica, com adequação a resposta banal. O movimento de integração proporciona prazer e permite a continuação da exploração. Atribui imediatamente qualidades positivas bem vincadas e em claro contraste com o mau objecto. Toca-o, explora-o como que reassegurando a dimensão unitária do objecto suscitada pelas características fechadas da mancha. Este trabalho provoca alguma inquietação. Talvez prevendo uma inconstância do objecto ou uma transformação súbita que se imponha à representação actual, bem delimitada e definida, distancia e distancia-se marcando com um "pronto" o final bem sucedido de um percurso sofrido. Ainda assim, esta necessidade de finalização súbita após o sucesso, remete-nos para a dimensão imprevisível, fugaz e temporariamente inconstante do bom objecto. Nestas circunstâncias, o alívio é momentâneo, dado que a segurança da proximidade não é estabilizada e mantém-se, portanto, necessária uma distância que salvguarde o reaparecimento do mau objecto. Essa distância é procurada com um desvio estratégico para estimulações alternativas.

VI 2”

Vem de novo para o meu lado. Pega no cartão. Parece um cristal, assim. Contorna a mancha com o dedo (?) É um cristal, só isso e tem essa forma.

G F± Nat

Após o sucesso conseguido no cartão anterior, a nova situação é aceite com mais proximidade e tranquilidade física e relacional. Segura o cartão dando mostra de um investimento retomado. Identifica um objecto com definição imprecisa quanto à forma, embora se esforce por delimitá-lo, contornando-o, para reforçar fronteiras pouco consistentes.

O objecto encontrado, tem uma conotação positiva, valiosa, sólida, embora seja, simultaneamente, frágil, duro, frio, anguloso e, portanto, multifacetado. Esta multiplicidade de ângulos proporciona diferentes perspectivas do objecto e da realidade vista através dele. A luz que a sua transparência permite transmitir, é deflectida em direcções pouco previsíveis, desviadas, pelos múltiplos ângulos e faces do objecto. Este carácter indefinido do objecto é sustido pela ênfase na forma enquanto determinante da resposta e pelo contorno delimitador que reforça a forma imprecisa.

VII 1”

Pega e logo de seguida atira-o para a mesa dizendo: Uma folha. (?) assim cortada. Faz o contorno com o dedo desenhando-a no ar. Volta a virar as costas com desdém procurando outro foco de interesse.

G F± Pl

Inicia com uma atitude de procura. Pega no cartão para explorá-lo, mas logo de seguida afasta-o numa reacção brusca de desligamento com frustração evidente face ao objecto encontrado. Identifica uma folha, mais uma vez um objecto sem forma precisa. Visualiza-a cortada fazendo referência à forma, que neste caso o remete para a falta de integridade do objecto, parcialmente destruído e com vitalidade temporária, isto é, incapaz de persistir no tempo sendo previsível e, já em curso, o processo de degradação inevitável. O contorno é agora feito no ar e não no cartão o que pode acentuar a volatilidade dos limites e a necessidade de afastamento físico da situação vivenciada. Aliás a insatisfação é evidente e acompanhada de nova ruptura relacional manifestada com desprezo pelo objecto e procura de objectos ou estimulações alternativas que impõe o afastamento e aplacam a angústia de uma experiência frustrante.

VIII 3"

Olha de relance. Volta a olhar. Pega e olha interessado. Ahh! Isto são esquilos (D rosas) à volta também de cristais... de coisas (restante mancha). (?) Os esquilos são aqui, estavam a cheirar (?) cheira...bem! . Responde num tom desinteressado. Pousa sobre a mesa e toca com os dedos nos esquilos, contornando-os. (?) As coisas...olha são cristais, isto e isto. Toca rapidamente e vira-se para remexer no armário.

D kan A Ban

D F± Nat

O olhar fugaz atesta a expectativa negativa e a precaução quanto ao envolvimento potencialmente perturbador. No entanto, mantém-se possível uma

possibilidade de retomada do investimento e da procura de uma nova experiência. Nota-se a manutenção da procura encapotada por um desprezo e uma aparente ruptura defensiva. Ao identificar características externas mais consistentes, com formas melhor delimitadas e habitualmente fáceis de reconhecer, muda radicalmente de atitude, agarra o cartão, implica-se com apetência e prazer e manifesta surpresa positiva pela situação vivenciada. Consegue, de facto, um resposta de boa qualidade e o conteúdo é um animal afável, normalmente conquistador de simpatia, ternura e graça pela agilidade, beleza, aspecto fofo, portanto, repleto de características positivas que despertam desejo de proximidade e contacto físico. Quando significa o resto da mancha como cristais, a sua atitude muda repentinamente. Começa por revelar a indefinição do objecto, pois após uma pausa passa apenas a estatuto de coisa mal identificada pois perde a consistência inicial passando a algo pouco definido.

A atitude dos esquilos relativamente a essa parte indefinida é de exploração sensorial do desconhecido, como forma de avaliação das qualidades do objecto. Permitirá uma proximidade ou impele ao afastamento? Esta exploração parece deixá-lo duvidoso e avança com uma atribuição positiva carregada de hesitação e seguida de um alheamento defensivo. Os esquilos são agora explorados também fisicamente mas sem a mesma tonalidade defensiva, parecendo agora procurar uma estabilidade dos limites. Quando incitado a explorar melhor o objecto, que despertou inquietação, mais uma vez revela-se duvidoso e atribui o significado inicial, embora este seja inquietante a ponto de motivar uma fuga defensiva com procura de estimulações alternativas.

IX 1”

É um monstro! Diz num olhar de relance continuando a remexer o armário (?) Volta a olhar sem interesse e responde. É um monstro bonito, feio e bom...(olha fugazmente) não, é bonito e bom. De imediato retoma a tarefa paralela que o afasta da prova e o posiciona de costas atrás de mim. Recusa continuar.

G F± (H/A)
Perseveração

De novo, volta a perceber o mau objecto, que suscita afastamento e busca de estímulos distractores, que proporcionam uma ruptura e busca de estimulações mais satisfatórias. No entanto, a intervenção consegue trazê-lo de volta à relação e a uma nova tentativa de busca, que permanece possível, embora num registo de precaução, receio, alerta, revelado defensivamente através de um desinteresse/evitamento, que tenta atenuar o medo e a frustração.

O objecto surge carregado de contradições, que não apontam para uma ambivalência, mas sim para uma confusão resultante de uma dificuldade de clarificação das qualidades do objecto.

Não conseguindo percebê-lo, completamente, evita-o olhando fugazmente e, de seguida, lança-se numa tentativa de purificação das características maléficas. Define-o, então, como bonito e bom e, desta forma denega aquilo que provoca o evitamento e a ruptura expressa comportamentalmente. Desta forma, manifesta desinteresse, distanciamento relacional e recusa da tarefa que não proporciona satisfação e provoca inquietação.

X 1”

Informo que é o último e aproximo o cartão virando-me na sua direcção, já que tinha recusado continuar . Aceita olha-lo, parecendo querer despachar a tarefa. Pega o cartão, atirando-o logo em seguida em voo para cima da mesa, com desprezo evidente. Monstro bonito e bom, só isso. (?) É tudo isso aí, sei lá como é ! Faz gesto circular em torno da mancha diz : Isto é monstro bonito e bom porque... (força uma risada com ironia) tem muitas cores! Responde como que atirando uma justificação que finalize a tarefa.

Sabendo que é o último cartão pega nas pistolas e vai para o extremo oposto da sala colocar o cinto das pistolas e pedindo para irmos brincar de matar os inimigos.

Aceita voltar para fazer as escolhas, embora comente que estamos a perder muito tempo e portanto tenta despachar a tarefa para a finalizar.

G F± (H/A)
Perseveração

Apesar da ruptura, mantém-se sempre uma possibilidade de retomada da relação e da procura do objecto. Assim, a aceitação da proximidade faz-se sem grande oposição, embora ocorra num registo receoso. A atitude é de toca e foge, sem preocupação de exploração ou adequação ao real objectivo. A expectativa negativa não permite um contacto tranquilo que desse lugar a uma verdadeira significação, resultante de um trabalho do pensamento.

A ausência, nestas circunstâncias, é significada de acordo com a intensa dimensão projectiva invasora, trazida já do cartão anterior, o que denota a expectativa negativa de um encontro frustrante e ameaçador.

A necessidade é de evitar o envolvimento, o que é conseguido através de um desinvestimento acompanhado de uma ruptura agressiva, que traduz uma tentativa de

domínio da situação e do objecto ameaçador. De modo a atenuar a angústia, tenta desprezar, ironizar e encontrar uma pseudo-descontração lúdica.

Neste contexto, procura um afastamento total da situação e concentra-se na sua necessidade de domínio do agressor. Assim, arma-se e solicita ajuda para aniquilar os inimigos, procurando uma relação de proximidade protectora, que o securize face a um meio sentido como persecutório e inquietante.

ESCOLHAS

+ V

Esta, porque é um morcego que ajuda as pessoas (?) porque ele fecha isto (D inf) e ... Faz gesto mostrando uma pinça a fechar. Vai ... atirar os maus para a água dos crocodilos.

- II

É monstro mau (?) É assim mau, este é que é o mau que fez isto, que `tava a matar. (?) Não consigo percebê-lo. É tudo! Impacienta-se sem dar mais explicações. Atira o cartão com força e retoma o interesse pelas pistolas pedindo insistente e impacientemente que venha jogar ao jogo em que juntos matamos os inimigos que vão surgindo.

Escolhe como favorito o cartão que marcou uma viragem no decorrer do protocolo. Foi neste cartão que teve acesso a uma percepção banal, adequada e bem definida, que associou a qualidades positivas, securizantes. O objecto surge como detentor de força e armas suficientes para o protegerem de vivências persecutórias. Parece traduzir a resistência da esperança e da procura de um objecto bom,

consistente, forte, uno, que forneça a possibilidade de alcançar uma segurança ainda não conquistada.

A escolha negativa recai sobre o cartão que parece ter confirmado, violentamente, as suspeitas de ameaça suscitadas pelo vermelho. É neste cartão que sobressai a dimensão persecutória do objecto e da situação. A percepção é invadida por uma componente interpretativa, que conduz ao levantamento de suspeitas sobre a intenção das relações inseridas num contexto vivenciado projectivamente como inquietante, ameaçador, estranho e, portanto, não confiável. O vermelho remete-o para o perigo e para a agressividade concretizado num monstro mortífero carregado de intenções que atestam a invasão das angústias e o domínio de projecções que estreitam a separação entre o real/imaginário, interno/externo e avivam os angústias expressas num registo primário.

Tempo Total : 20 minutos

Protocolo de Rorschach do David , 9 anos e 2 meses (Maio de 2004)

Encontro o David num sofá junto da sala dos professores. Enquanto come, vai folheando uns cadernos escolares e, simultaneamente, vai-se atirando para cima do sofá ficando de cabeça para baixo e ri, olhando as pessoas ao contrário. Perante os comentários de quem passa, ri, e continua. Entusiasma-se muito com a proposta que lhe faço e acompanha-me curioso e muito sorridente. Pelo caminho conversa, espontânea e animadamente, sobre ele. Conta o que faz no recreio, como é a escola, etc.

Assim que se senta olha-me a sorrir e inclina-se sobre a mesa numa atitude expectante e muito interessada.

I 2''

Inclinado sobre o cartão, olha-o. Olha-me e ri tenso. Aqui parece um vampiro (?) Pelas asas aqui, pés aqui e cara e corpo Ri com tensão. Isto é difícil! Chega-se para trás e sorri, olhando-me. Pega o cartão e olha-o intrigado (?- como o vês?) Não estava a fazer nada ! Vira e olha as costas do cartão. Pousa-o e olha-me com um riso tenso.

G Fclob (H/A)

A prova é aceite com uma expectativa inicial positiva: Há entusiasmo, proximidade relacional espontânea, com gosto de partilha e interesse em cativar.

Esta curiosidade inicial dissipa-se com o impacto do objecto encontrado. Esse encontro provoca tensão, procura de contacto relacional apaziguador e tenta camuflar a tensão através de um riso que funciona como descarga ansiosa.

O Objecto encontrado, quase de imediato, o que revela a força projectiva, é um vampiro, um animal associado às histórias de terror e aos seus hábitos sugadores e parasitários.

Consegue identificá-lo correctamente, mas o impacto provoca um efeito de choque, sendo visível a tensão e a retracção relacional e corporal acompanhada de um comentário que define a situação como dolorosa. No entanto, apesar da estranheza e desconfiança, decide retomar a investigação, provavelmente para tentar avaliar e controlar melhor a situação.

A intervenção incita à explicitação das qualidades do objecto. Então, referindo-se à intenção maléfica do objecto, denega-as e tenta suster a ameaça através de uma atitude de hipervigilância e controlo externo. A desconfiança fica a pairar e finaliza a tarefa afastando o cartão e procurando um contacto relacional acompanhado de descarga de tensão ansiosa.

II 2"

Ihh!...Expressão aflita Ah!, aqui é o vampiro a fazer mal. A morder o sangue de uma pessoa Pega, vira o cartão para si e pousa enquanto me olha a sorrir. Sangue aqui (D verm inf. e sup) (?) Só vejo o vampiro aqui (D negro). As asas (lat), a cabeça (Extremidade sup central). Aqui também há sangue (manchas verm no negro) do sangue que mordeu (?) a pessoa não 'tá aqui.

D F Clob (H/A)
Perseveração

D C sg

O intenso e imediato choque parece corresponder à confirmação das expectativas negativas. A intensidade da projecção sobrepõe-se à adequação à forma do percepto e a estimulação da cor é suficiente para libertar a angústia até aí mais contida.

Refere uma relação agressor-agredido que está subentendida. A relação suscita um afastamento relacional e uma tentativa de controlar a situação inspeccionando o cartão, e disfarçando a tensão evidente. O controlo é parcialmente conseguido e, portanto, decide retomar a relação, através do olhar, e aceita explorar melhor a situação.

Concentra-se no sangue e tenta, com pouco sucesso, adequar a projecção às características da mancha. A intensidade desta projecção origina uma desorganização das sequências temporais, uma confusão entre presente e passado.

Num primeiro momento a projecção desencadeia uma confabulação, fruto de uma reacção bruta à cor, que serve de contexto à emergência da vivência persecutória de ameaça à integridade, devoração e aniquilamento. Num segundo momento, tenta enquadrar na realidade objectiva e, para tal, parece procurar identificar perceptivamente a sua projecção. O recurso ao passado e a retirada de cena da personagem humana, parece possibilitar o controlo de uma cena que surgiu quase alucinatoriamente.

III 3”

Uh!...Ri, afasta-se para trás e olha-me V Aqui vampiro. Já mordeu o sangue. Aqui dentes (pontas cinza sup. em V) Aqui asas (D negros). Os olhos (preto mais carregado no D sup V) e aqui sangue (D verm).

I.L. Dá para ver Coloca o cartão de novo em V. Aqui as pernas e aqui as mãos e os pés. (partes inf. e sup do negro).

Sugiro o cartão na posição habitual. Não, assim não vejo. Olha e tenta identificar fixando. Não dá.

D FClob (H/A)

Perseveração

D C Sg

Denotando pouca distanciação símbolo/objecto, afasta-se fisicamente do objecto que parece persegui-lo continuamente. Esta perseverância atesta a incapacidade de controlo de controlo da angústia e da ameaça suscitada. A rapidez com que dá as respostas é, também, um indicador da carga projectiva pouco modulada.

Ao dar uma resposta mal delimitada, confabula um objecto extrapolando a partir de elementos que remetem para a relação agressiva, onde a devoração se evidencia.

No I.L. não consegue identificar a resposta banal humana, embora faça um esforço procurando outras perspectivas e procurando partes do corpo que não consegue adequar ao percepto e não possibilitam uma unificação.

A reconstrução em posição habitual é procurada, com determinação, mas sem resultado.

IV 4”

Ui, ui! Que difícil, é tudo preto ! Afasta-se do cartão com brusquidão e ri olhando-me. Aqui o vampiro não está a fazer nada. Só está a voar. Aqui a cara (D sup) aqui asas (lat.) (É tudo?) Também podia ver outra coisa, podia ser um urso. Aqui a cara e aqui o corpo e barriga e pernas (?como é o urso?) É um urso...não!...não é um urso! Então, o urso via porque tem barriga grande e pernas...É urso mais ou menos, não parece bem...não sei bem. Olha de perto. Gira o cartão sobre a mesa repetidamente com expressão de estranheza...Faz gesto sacudindo a mão com firmeza, como se dissesse “safa” (?) É que está lá fora a vigilante a gritar! (o que corresponde à verdade embora seja um ruído muito distante. Faz de novo o gesto, que acompanha com uma expressão de apreensão e tensão, que se desfaz num sorriso tenso).

G kan (A)

perseveração/ Obs cor

G F+ A

De novo, ocorre uma reacção de choque ao cartão, sendo claro o impacto negativo. Tentando controlar a angústia emergente, afasta, repentinamente, o objecto percebido ao mesmo tempo que foca às características do estímulo que justificam tal reactividade e, portanto atenuam a dimensão projectiva e proporcionam um conforto, também procurado pelo olhar e pelo riso.

A resposta traduz a perseveração, como se não fosse possível libertar-se de um objecto persecutório. Tenta livrar-se ,denegando as qualidades malévolas e coloca-o em voo, talvez afastando-o.

Ao diminuir a carga ameaçadora, fica disponível para um novo investimento e a exploração resulta numa resposta diferente. Vê um urso ao qual não atribui características persecutórias evidentes. Consegue identificar, com sucesso, as

diferentes partes, mas, quando solicitado a explorar melhor as qualidades do objecto, recua, hesita e mostra dificuldade na permanência do objecto, pois parece persistir uma área incompreensível, imperfeita, que não permite a estabilização da representação mental. Essa dificuldade de domínio do objecto, provoca incerteza, inquietação e estranheza. Dessa forma parece desinvestir o objecto e a situação e procura estimulações externas, que parecem ser interpretadas de acordo com o clima de inquietação suscitado pela situação projectiva. A incerteza e a incapacidade de transformação simbólica suficientemente eficaz remete para o mau objecto e relacionalmente agressivo, que obriga a uma hipervigilância e a um estado de alerta perante um ambiente interno/externo sentido como ameaçador.

V 1”

Só há vampiros !?!? Olha-me com estranheza e apreensão (?) Suspira. Então, aqui parece uma borboleta Gira o cartão com o dedo sobre a mesa. e não pode ser mais nada! Recosta-se com serenidade e olha-me sorrindo e suspirando. Depois olha de novo , com surpresa. Diz: Não é! É uma gaivota.....também não é gaivota, é borboleta. Aqui o corninho, aqui pernas, aqui as asas Toca e fixa os dedos nas asas enquanto olha demoradamente (?) vejo-o bonita! Não está a fazer mal nenhum! Diz uma entoação tranquila. (?) Gaivota não é, porque não tem estas coisas. Toca nas extremidades sup do D central.

Comentário objectivo

G F+ A Ban

G F+ A

De novo emerge a percepção do vampiro, numa projecção que atesta o carácter persecutório do objecto e a angústia invasora. Para atenuar a estranheza, devido à ameaça contínua, recorre à relação. A reformulação da instrução surge como um alívio suspirado. Assim, consegue transformar a mancha num novo objecto não ameaçador. A angústia é sustida com uma tentativa de bloqueio rígido a novas transformações, o que parece traduzir precisamente a fluidez do objecto e a necessidade de seu controlo. Consegue, desta forma, uma tranquilidade temporária, mas esta rapidamente é dissipada, pois o objecto mantém-se pouco estabilizado enquanto representação mental.

Identifica, agora, uma ave, embora o faça anulando a resposta anterior, o que denota a fluidez da permanência do bom objecto e, portanto, a possibilidade do seu desaparecimento. Esta falta de constância dá lugar à inflexibilidade e não permite uma plasticidade e multiplicidade de significações. Este funcionamento empobrecedor é notório na hesitação entre representações, que parecem não estabilizar, apesar das localizações bem sucedidas. A dúvida surge na negação da mesma e pelo comportamento, que parece corresponder a uma tentativa de fixar o objecto, estabilizando a imagem. A ênfase dada à ausência de características negativas vem reafirmar a necessidade de sustenir uma ameaça iminente pelo reaparecimento do mau sustido pela denegação e clivagem do objecto.

VI 1”

Ih! Olha-me e ri. V Já parece um caracol giro!...Não, uma árvore. Se não fosse um caracol era uma árvore. Aqui o tronco (eixo central) aqui folhas (extremidades inf em V) e aqui a Faz círculos com o dedo no resto da pare sup da mancha em V. a árvore. (?) O caracol Vira em > e mostra-me com entusiasmo pegando no cartão.

aqui a cabeça (D ponta sup) e se aqui estivesse fechado, seria a casca, a casa dele (D abaixo da extremidade sup) (?) Está aberto. Para ser árvore tem que estar aberto Diz com determinação. Vê-se primeiro a árvore e portanto a casca do caracol não pode ser fechada (aberta ou fechada?) Olha-me confuso, olha o cartão fixando o olhar. Está aberto! Fica com as mãos em cima e olha-me parecendo baralhado. Confirmo que o que disse ele acena afirmativamente mas sem determinação. Pousa o cartão e afasta-se para trás ficando a olhar em redor da sala.

D F- A

D F- Bot

Agora, consegue alguma tranquilidade e investe na procura do bom objecto.

Identifica fugazmente um caracol, apressando-se na atribuição de qualidades positivas. No entanto, a percepção não é adequada e logo se esbate em hesitações entre duas respostas com pouca associação, o que denota a dimensão projectiva pouco modulada e a incerteza face às características e natureza do objecto. As incertezas são sustidas numa tentativa de impedir a maleabilidade das transformações. Procura, assim, imobilizar o percepto optando por um objecto mais sólido, seguro no eixo central. Aliás o abandono da resposta anterior é sustentado pela falta de “casa”, ou de um continente suficientemente delimitado, que permitisse a reconstituição do objecto representado.

A determinação com que se agarra a esta resposta e as tentativas de justificação, pouco adequadas, remetem-nos para a inconsistência de um objecto seguro, unificado, estável e bem definido. Em consequência disso, envereda numa confusão e tenta socorrer-se da relação e do olhar fixo no cartão para clarificar a sua incerteza. Não conseguindo esclarecer, com clareza, as suas dúvidas, desinveste e procura

estimulações externas que desviem o foco da atenção e o afastem da situação angustiante.

VII 5"

Ih!! Que estranho! Gira em cima da mesa até pegá-la em V. Isto parece um daqueles maus que às vezes aparece na T.V. Ri e olha-me (?) Mostra com o seu corpo como o vê e, para tal, endireita-se, levante e encolhe os ombros com uma expressão carrancuda. A cara (eixo central D central em V), os ombros ao lado, os braços (D médio), as pernas e os pés (D inf V) (?) Parece mau porque tem os ombros assim Mostra fazendo. Os bons não têm isto assim, os braços assim como está aqui, assim encolhidos. Dá ideia que é mau! Faz um sorriso tenso e olha o cartão distanciando-se para trás. Não ia matar, mas ia destruir algumas coisas. Olha o cartão à distancia, aproxima-se e gira-o sobre a mesa fazendo uma expressão intrigada e apreensiva. Olha mais de perto inclinando-se muito sobre a mesa. Olha-me sério e afasta-se com um suspiro e um sorriso mais tranquilo.

G K (H)

A estranheza persiste e é manifestada, desde logo, no impacto do cartão. Gira-o para estabilizar uma imagem e assim que o faz, transforma a mancha num mau objecto, pouco definido e contextualizado numa história, por forma a distanciar e circunscrever a angústia suscitada, que se expressa numa tensão ansiosa e numa procura de securização na relação.

Para tentar definir a figura, recorre ao seu corpo e revela a personagem ameaçadora mal adaptada devido à prevalência da dimensão projectiva sobre a adequação à forma.

Pode-se detectar uma clivagem entre bom/mau com pouca plasticidade e integração.

A tensão física acompanha a percepção da ameaça. Tentando delimitar o perigo, distancia-se fisicamente e denega a intenção mortífera do objecto, embora persista a sua destrutividade, ainda que mais atenuada. O controlo do risco permite uma reaproximação e um novo investimento receoso. Sente-se na necessidade de reavaliar a situação e a intenção do clínico, pois a angústia invasora atenuou a diferenciação objecto/símbolo e fez infiltrar a realidade de elementos interpretativos.

Ainda assim, consegue reavaliar a realidade externa de forma a conseguir uma maior ancoragem na realidade e , portanto, reduz a vivência interna angustiante e desorganizante.

VIII 2”

Pega e vira V. Assim uma flor Toca na mancha como que fazendo-lhe festas. Aqui o ramo (D verde) Aqui as pétalas (D rosas) e aqui a flor (D rosa/laranja)...E aqui um gato e aqui outro (D rosas), não tinha reparado! Expressão de entusiasmado, olha-me e sorri. Têm pernas e aqui não têm olhos, mas têm boca Inclina-se sobre o cartão e olha fixamente. A perna está a derreter!... Olha-me admirado. Parece que está espalmada no chão... Mostra a junção do rosa lat com o laranja. Este também está! Expressão de apreensão. Acho que era o rabo do gato! Mexe no local, pressionando. O rabo é comprido e chega aqui (ao laranja) ...Este parece bom (drt) e este mau (esq), Têm feitios diferentes. Gira o cartão sobre a mesa. (?) porque este vai fazer mal e este bem.

D FC PI

D F+ A Ban

Tendo sido capaz de atenuar uma ameaça, procura agora um bom objecto e um contacto agradável. A resposta é adequada e proporciona prazer, de modo que prossegue a exploração, com eficácia criativa acompanhada de gosto pela descoberta entusiasmante.

O animal encontrado é amigável e, embora lhe detecte falhas, tenta repará-las mostrando, com afinco, a boca. Ainda assim, esta falha parece perturbá-lo e decide explorar melhor o objecto. Esta avaliação deixa-o, novamente, angustiado. A falha parece remetê-lo para a dimensão da falta de integridade e de limites corporais suficientemente sólidos ou contentores. Olha-me admirado com a transformação e degradação, inesperada, do cenário, até aí prazeroso e agora inquietante.

Parece delimitar a invasão da angústia através do recurso ao rearranjo da imagem e à clivagem, que divide bom e mau, com intenções, características e qualidades distintas. Desta forma, circunscreve o mau e a angústia invasora, e tenta conservar o bom e as boas experiências alcançadas.

IX 15”

Gira o cartão sobre a mesa fazendo um ar de estranheza. Apoia-se quase estendido sobre a mesa e olha fixamente o cartão. Borboleta Gira o cartão e quando este pára pressiona a mancha com os dedos. Por causa destas asas aqui (laranja) Aqui a cabeça (verde cl entre o laranja), aqui mais asas (D verde central) e aqui o rabo, a perna ou o rabo (D rosa) ... Olha com estranheza o cartão, olha-me e volta a olhar o cartão. (?) Então, é gira! Porque tem cores bonitas! Fica a toca-la. Gira o cartão repetidamente. Olha-me com apreensão. Coloca em V ...Vejo quase o mesmo monstro de à bocado. A cabeça (D rosa), ombros (D verde) e aqui as pernas (laranja) (?) É bom! Tem as pernas afastadas e aqui... (toca no verde) e mais nada! Afasta-se para trás, mexe nas

costas da cadeira e desvia o olhar, ficando a olhar distraidamente à volta de toda a sala.

coment. obj

G F- A

G K (H)

A inquietação mantém-se e é visível no contacto inicial e mais demorado na transformação da mancha. A custo tenta procurar um objecto e, com pouca adequação, tenta destacar um objecto securizador. No entanto, é visível a tensão pela possibilidade de emergência da angústia invasora. Tenta, com afincos, colorir o percepto e dotá-lo de características positivas, mas esta representação não se estabiliza e continua a exploração num registo apreensivo. Por fim, emerge o mau objecto, já antes percepcionado, como se estivesse sempre potencialmente presente, ameaçante e incontrolável. Tenta atenuar a ameaça denegando as características agressivas. Mas quando se concentra nos ombros, anteriormente assinalados como em postura ameaçante, inquieta-se e rompe bruscamente a cadeia associativa e o investimento na tarefa. Decide, então, distanciar-se da situação perturbadora e investe na procura de estimulações alternativas tácteis e visuais.

X 3"

Gira o cartão. Toca a mancha com os dedos enquanto a fixa. Parecem coisas que andam nas árvores, não sei o nome dele. Esfrega o D cinza sup. Aqui o bico da boca, aqui as asas (rosa) Mexe como que alisando. Gira repetidamente o cartão sobre a mesa. Monstros maus (azuis lat) e aqui também (castanho) (?) Ri com tensão. Olha-me. Inclina-se sobre o cartão apoiando a cabeça na sua mão. Maus porque estão a

estragar as flores (?) As fores são aqui (Amarelo, laranja lat, amarelo central e verde inf) Olha em redor da sala distraidamente. Volta a olhar para o cartão e gira-o. ...O monstro é bom! Estou a ver melhor aqui a cara (cinza sup), aqui (...) aqui as pernas (verde inf) e aqui as asas (rosa), ombros (cinza sup) ...as pernas estão muito afastadas, mas pronto! Riso tenso. ...Aqui (amarelo central) parecem coelhos ou ratos (?) São...são ratos, mais ratos que coelhos, coelho é maior...vejo só a perna e olho e o resto do corpo...Perna, olho, rabo, corpo Olha enquanto mexe intrigado. (?) Não, não está completo...(?) falta perna, olho e mais nada, perna e olho (?) E é mau, porque está a subir às pernas dele, Mostra com gesto circular toda a mancha. que é bom...o monstro é mau para as flores, mas é bom para as outras coisas.

D F ± A/ bicho

D kan (H/A)/ Pl

Com facilidade retoma o investimento na tarefa. Procura um contacto táctil para facilitar a exploração e a descoberta. A resposta dada é mal definida e confusa. Vai tentando identificar partes de algo, que não chega a ter identidade animal ou humana ou para-humana. É algo mal delimitado, incapaz de ser reunificado e restaurado. Explora tactilmente e gira o cartão à procura de um sentido que não é compreendido.

A ausência transforma-se, assim, na presença do mau objecto com intenções malévolas de destruição do bom (flores). Esta possibilidade fá-lo distanciar-se e procurar estimulações alternativas apaziguantes.

Conseguindo uma delimitação da angústia, investe novamente e tenta, agora, transformar o objecto em bom, denegando o mau e purificando-o de elementos inquietantes que parecem poder emergir. De facto este objecto mantém-se incompleto, deformado e incapaz de ser reconstituído com sucesso e tranquilidade.

Os novos objectos percebidos surgem, do mesmo modo, mal estabilizados, mal definidos, incompletos e percebidos como ameaçadores.

A atenuação das características negativas tenta circunscrever o lado persecutório, o que de alguma forma é conseguido com sucesso de modo que a clivagem parece atenuar-se, conseguindo admitir uma parte boa e má no mesmo objecto.

Escolhas

+

IX

Porque é uma borboleta bonita e simpática, embora de outra forma V seja um monstro...bom também, mas...Vira e pausa.

-

II e III

Porque estão a morder sangue de uma pessoa Expressão tensa e aflita. (?) A pessoa ficou morta.

Escolhe um cartão em que está presente um bom objecto, embora noutra perspectiva se transforme num monstro, ora bom, ora mau. A clivagem consegue suster, temporariamente a ameaça, mas a presença do mau e a impotência para o eliminar motivam, de novo, uma desistência das associações em curso e torna-se evidente o desinvestimento da proximidade.

A escolha negativa faz sobressair as qualidades agressivas, devoradoras e mortíferas do mau objecto, que parece omnipresente e, portanto, desencadeador de forte tensão psíquica e física.

Tempo total: 35 minutos

5.2. Síntese das análises dos Protocolos

Protocolo da Bruna

Psicograma resumido

R: 9 G% 44 F% 78 A% 89

Tt médio 24" D% 56 F+% 50 H% 11

F% alarg. 100

TRI OK/OC

F+% alarg. 56 recusas 3

FC 1kan/0 E

Choque 2 Ban 3

RC% 44

F Clob 1

Cartão I

Expectativa inicial	Negativa / postura distante-evitante/desconfiada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Positiva/ proximidade postural/ alívio inicial
Relação com o clínico	Aproximação → retracção após dificuldades no processo
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Boa adaptação formal/ dificuldades na definição e delimitação
Representações De si	Unitária
	Dificuldades de diferenciação e de integração corporal
	Do objecto Indefinição/incerteza quanto às qualidades afectivas
	Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Necessidade de incentivos/ pausas/ hesitações/dúvidas	
Inquietação física /balanceamento corporal	
Distanciamento relacional/quebra no envolvimento	
Desprazer no processo	
Perturbação no processo associativo-reconstrução incompleta	
Sequência do processo:	
Desconfiança→adequação com evocação do obj. Banal→parcializa com confusão dentro/fora→apego a elementos parciais externos e a referência pessoal→clivagem do objecto→desinvestimento→auto-estimulações(balanceamento corporal)	
Estratégias	
Recurso ao evitamento	

Recurso ao exterior- descrição parcializada Recurso ao corpo- auto-referência e auto-estimulações
--

Cartão II

Expectativa inicial	Negativa / postura distante-evitante-desconfiada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional Negativa. Vazio tenso. Desprazer na proximidade, tonalidade agressiva. Retracção	
Relação com o clínico	Afastamento- aproximação hesitante e fugaz após incentivos
Transformação simbólica	
Qualidade do processo Vazio criativo inicial. Má adaptação formal/ dificuldades na definição e delimitação	
Representações De si	Parcelar Má integração corporal/ representação Desadequada /inquietante
	Do objecto Deformado, insatisfatório, mal definido
	Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia Choque/ necessidade de incentivos/pausas Inquietação: afastamentos e aproximações agressivas Perturbação e desprazer no processo/ pouco investido/má qualidade Distanciamento e desinvestimento/quebra no envolvimento Sequência do processo: Choque, retracção, dúvida de si → parcialização → evitamento ou proximidade agressiva → parcialização s/ reunificação → desinvestimento → distanciamento com agitação	
Estratégias Recurso ao evitamento Recurso à relação-auto-desvalorização Recurso ao exterior- descrição parcializada Recurso ao corpo- distanciamento ou proximidade agressiva	

Cartão III

Expectativa inicial	Positiva- procura de proximidade
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional Vazio criativo- significação negativa da ausência com crescente tensão ansiosa	
Relação com o clínico	Proximidade seguida de afastamento-recusa
Transformação simbólica	
Qualidade do processo Vazio criativo-insucesso no movimento restaurador/ (re)encontro	
Angústias e recursos defensivos	

Manifestações de angústia:

Silêncio e retracção com auto-desvalorização
 Recurso a auto-estimulações
 Distanciamento relacional / bloqueio da actividade mental

Sequência do processo:

Proximidade procurada → actividade de ligação bloqueada → auto-estimulações →
 distanciamento relacional e objectal → auto-estimulações

Estratégias

Recurso ao evitamento
 Recurso ao corpo- distanciamento e auto-estimulações

**II. Reacção agressiva à proximidade → evitamento agressivo → recusa → distância
 com manutenção do contacto ocular**

Cartão IV

Expectativa inicial	Negativa / postura distante-assustada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	
Choque. Recusa da proximidade. Tonalidade assustada-agressiva	
Relação com o clínico Corte relacional- aproximação hesitante	
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	
Má adaptação formal/ dificuldades na definição e delimitação eu/outro	
Representações De si	Deformação corporal
	má integração corporal/ insucesso na adequação
Do objecto	Deformado, ameaçador, Fállico-agressivo
Da relação	Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia	
Choque - evitamento- distancia e silêncios	
Significação com invasão fantasmática ameaçadora	
Recurso a auto-estimulações	
Desinvestimento/ desprazer no processo	
Sequência do processo:	
Choque → evitamento → recurso ao corpo e procura de suporte externo → apelo ao imaginário no confronto com a ameaça → desinvestimento e auto-estimulações → parcialização com insucesso restaurador → desinvestimento → auto-estimulação agressiva	
Estratégias	
Recurso ao evitamento	
Recurso ao corpo- distanciamento e auto-estimulações	

Cartão V

Expectativa inicial	Negativa / postura distante-evitante-desconfiada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Inquietação- aproximação tensa com procura de definição

Relação com o clínico proximidade hesitante com desconfiança
Transformação simbólica
Qualidade do processo Boa adaptação formal/ sucesso na definição e animação projectiva Representações De si Unitária Expressão de movimento adequado de autonomia Do objecto Total, amigável, mas não apaziguante Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos
Manifestações de angústia: Recurso a auto-estimulações tensas/agressivas Aproximação hesitante- tensa/agressiva Silêncios e Pausas no discurso com necessidade de incentivo Distanciamento objectal e relacional. Envolvimento projectivo evitante Desprazer no processo Sequência do processo: Retracção→auto-estimulação→proximidade hesitante/agressiva no encontro com o objecto→ exploração tacteada na procura de definição → incentivos→maior envolvimento→ distanciamento relacional Estratégias Recurso ao evitamento Recurso ao corpo Recurso ao exterior- acento na descrição

Cartão VI

Expectativa inicial Negativa / postura distante-evitante-desconfiada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)
Expressão emocional Vazio criativo tenso. Significação negativa com visível tensão numa tonalidade agressiva Relação com o clínico Afastamento- aproximação após incentivos-ruptura
Transformação simbólica
Qualidade do processo Vazio criativo-insucesso no movimento restaurador / (re)encontro
Angústias e recursos defensivos
Manifestações de angústia Silêncio e retracção, inquietação corporal Recurso a auto-estimulações Distanciamento relacional e objectal /Bloqueio da actividade mental Sequência do processo: Distanciamento → iniquitação corporal→actividade de ligação bloqueada→adesão a incentivos → proximidade/procura hesitante → bloqueio e retirada com distanciamento relacional e objectal→auto-estimulações e corte relacional com tonalidade agressiva Estratégias Recurso ao evitamento Recurso ao corpo- distanciamento e auto-estimulações

Cartão VII

Expectativa inicial	Positiva/ postura distante, mas interessada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Inquietação, aproximação hesitante/ tensa-agressiva
Relação com o clínico	Proximidade hesitante
Transformação simbólica	
Qualidade do processo Má adaptação formal/ dificuldades na definição e delimitação	
Representações De si	imprecisa, mal delimitada, mal adaptada à realidade Dificuldades de integração corporal
	Do objecto mal estabelecido, impreciso, inquietante
	Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia: Inquietação corporal Envolvimento cauteloso e hesitante- necessidade de incentivos Perturbação no processo associativo- má adequação/ restauração insuficiente Desinvestimento Auto-estimulações Desprazer no processo Sequência do processo: Aproximação inquieta → transformação mal sucedida → retracção e auto-estimulação → parcialização sem restauração → desinvestimento → auto-estimulação → insistência na dificuldade de captação → auto-estimulação com procura de contacto ocular com o clínico Estratégias Recurso ao evitamento Recurso ao corpo- auto-estimulações Recurso ao exterior- apega à descrição Recurso à relação- procura do olhar	

Cartão VIII

Expectativa inicial	Postura distante – evitante, mas interessada
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Aproximação e retracção. Tonalidade agressiva/dominadora
Relação com o clínico	Proximidade agressiva seguida por corte relacional
Transformação simbólica	
Qualidade do processo Boa adequação. Pouca flexibilidade no processo criativo. Pouco investimento	
Representações De si	Unitária Boa delimitação
	Do objecto Total. Ameaçador agressivo/devorador. Estabilização insuficiente
	Da relação Não expressa

Angústias e recursos defensivos
Manifestações de angústia Evitamento/distância Aproximação agressiva Pausa/distancia/desinvestimento Auto-estimulações agressivas Desprazer no processo Sequência do processo: Retracção→delimitação→aproximação agressiva→objecto agressivo/ameaçador → falta de estabilidade criativa→ parcialização→ desinvestimento/distancia/pausas →auto-estimulações agressivas→necessidade de controlo numa tonalidade agressiva Estratégias Recurso ao corpo Recurso ao evitamento Recurso ao exterior- apego à descrição

Cartão IX

Expectativa inicial	Negativa / postura distante-evitante-desconfiada
Significação da experiência emocional	(no encontro com o objecto)
Expressão emocional	Vazio criativo-significação negativa da ausência com tensão visível
Relação com o clínico	Distante- evitante
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Vazio criativo-insucesso no movimento restaurador/ re(encontro)
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia: Silêncios, retracção e auto-desvalorização Inquietação expressa corporalmente Auto-estimulações agressivas Desinvestimento/ bloqueio da actividade mental Sequência do processo: Retracção →auto-estimulações agressivas→tradução corporal do insucesso na procura do objecto→desinvestimento→inquietação com tentativa de controlo agressivo Estratégias Recurso ao evitamento Recurso ao corpo- auto-estimulações	

Cartão X

Expectativa inicial	Desconfiança/postura distante com reservas
Significação da experiência emocional	(no encontro com o objecto)
Expressão emocional	Negativa. Aproximação hesitante. Procura de clarificação/definição. Tonalidade agressiva
Relação com o clínico	Aproximação desconfiada com retracções em vai e vem
Transformação simbólica	

1º resposta	Qualidade do processo	Indefinição formal, restauração incompleta
	Representações De si	Delimitação vaga
	Do objecto	Mau objecto, reconstrução incompleta e inquietante
	Da relação	Encontro com o mau desconhecido/ ameaçador
2º resposta	Qualidade do processo	Inadequação formal, restauração incompleta
	Representações De si	Delimitação mal sucedida
	Do objecto	Objecto amigável, mas insuficientemente estabilizado
	Da relação	Não expressa
3º resposta	Qualidade do processo	Adequação formal, restauração completa com alívio
	Representações De si	Unitária e bem delimitada
	Do objecto	Objecto sobreinvestido nos limites. Reconstrução completa
	Da relação	Não expressa
Angústias e recursos defensivos		
Manifestações de angústia		
Distância e retracção		
Auto-estimulações agressivas		
Pausas/desinvestimentos/ manipulações e buscas/incentivos		
Inquietação e desconfiança		
Aproximações agressivas		
Parcializações sem conquista de reunificação completa		
Sequência do processo:		
Retracção→auto-estimulação agressiva→aproximação hesitante→definição vaga com procura de delimitação→incentivos→encontro com o mau objecto→ retracção no envolvimento→procura do objecto→auto-estimulações tensas e agressivas→transformação mal sucedida no bom objecto→retracção→ procura do objecto com esforço na delimitação →transformação bem sucedida no objecto bem delimitado, menos ameaçador → distanciamento com atenuação da tensão.		
Estratégias		
Recurso ao evitamento		
Recurso ao corpo-auto-estimulações agressivas		
Recurso ao exterior- procura de limites		
Recurso à relação- auto-desvalorizações		

Protocolo do Pedro

Psicograma resumido

R: 11	G% 73	F% 55	(H/A)% 55
Tt médio 1,8"	D% 27	F+% 58	A% 18
		F% alarg 55	H% 0
TRI OK/ 0C		F+% alarg 64	
FC 1 kan/0 E		Choque 1	Ban 2
RC% 36		Clob F 4	

Cartão I

Expectativa inicial	Positiva / postura próxima-interessada
Significação da experiência emocional	(no encontro com o objecto)
Expressão emocional	Negativa/ Choque- rejeição brusca com desprezo
Relação com o clínico	Afastamento brusco-desconfiança
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Projectão mal controlada. Inadequação formal/ definição e delimitação vaga
Representações De si	Indefinição
	Dificuldades de reconstrução/ integração corporal
	Do objecto Mal definido, malévolos, assustador
	Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Choque/ reactividade intensa	
Manipulações/questionamento/necessidade de incentivos/desconfiança	
Controlo pelo desprezo	
Representação do mau assustador	
Invasão fantasmática – perturbação no processo associativo	
Desinvestimento	
Fuga à situação-procura de estimulações alternativas	
Sequência do processo:	
Choque → retracção → encontro com mau objecto → fuga com desprezo → necessidade de incentivos → envolvimento projectivo à mínima → indefinição e localização insuficiente com insistência na perigosidade do envolvimento → inquietação → fuga com procura de alternativas	
Estratégias	
Recurso à relação- perguntas ao clínico, desprezo	
Recurso ao fantasma	
Recurso corporal- Interrupção agida (fuga)	

Cartão II

Expectativa inicial	Positiva- proximidade com motivação
Significação da experiência emocional	(no encontro com o objecto)
Expressão emocional	Aproximação tensa/ desconfiada/choque no encontro → desprezo e retracção Relação com o clínico Aproximação hesitante seguida de desconfiança desprezo e necessidade de domínio
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Domínio da projecção angustiante. Inadequação formal/ definição e delimitação vaga Representações De si Indefinição Dificuldades de reconstrução/ integração corporal Do objecto Mal definido, malévolo, assustador Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia	Reactividade intensa e imediata Manipulações/questionamento/necessidade de incentivos/desconfiança Necessidade de domínio/controlo externo Representação do mau assustador Invasão fantasmática – perturbação no processo associativo Desinvestimento Fuga à situação-procura de estimulações alternativas Sequência do processo: Proximidade/empenho na procura→evoca o mau objecto→equiv choque→ desconfiança /desprezo/control externo→processo perturbado: indefinição, projecção sem control. Perseveração→ desinvestimento→procura de estímulos alternativos Estratégias Recurso ao fantasma Recurso à relação- perguntas ao clínico, desprezo Recurso corporal- fuga com procura de estímulos alternativos

Cartão III

Expectativa inicial	Negativa / proximidade com desprezo
Significação da experiência emocional	(no encontro com o objecto)
Expressão emocional	Aproximação com desprezo e retracção Relação com o clínico Desconfiança desprezo e bloqueio
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Qualidade do processo Domínio da projecção angustiante. Inadequação formal/definição e delimitação recusadas Representações De si Indefinição Dificuldades de reconstrução/ integração corporal Do objecto Mal definido, denegação das qualidades malévolas Da relação Não expressa

Angústias e recursos defensivos**Manifestações de angústia:**

Reactividade intensa e imediata. Pouca exploração perceptiva

Desconfiança/desprezo e retracção com auto-desvalorização

Representação e imposição do mau assustador

Invasão fantasmática – perturbação no processo associativo

Desinvestimento

Fuga à situação-procura de estimulações alternativas

Sequência do processo:

Proximidade com desprezo/ sem empenho → onnipresença do mau objecto → denegação e auto-desvalorização → processo perturbado: indefinição, projecção sem controlo. Perseveração → desinvestimento com desprezo → procura de estímulos alternativos

I.L. Bloqueio relacional e associativo

Estratégias

Recurso ao fantasma

Recurso à relação- desprezo

Recurso ao controlo- denegação

Recurso corporal- interrupção agida com procura de estímulos alternativos

Cartão IV

Expectativa inicial	Negativa / postura evitante/ recusa
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Negativa- angústia intensa com necessidade de fuga/desprezo
Relação com o clínico	Aproximação fugaz. Domínio do desprezo e bloqueio
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Qualidade do processo
Domínio da projecção angustiante.	Inadequação formal/definição e delimitação recusadas
Representações	De si Indefinição
	Dificuldades de reconstrução/ integração corporal
	Do objecto Mal definido, malévol, assustador
	Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Reactividade intensa e imediata, pouca exploração perceptiva	
Desconfiança/desprezo e retracção/bloqueio	
Representação e imposição do mau assustador	
Invasão fantasmática – perturbação no processo associativo	
Desinvestimento	
Fuga à situação-procura de estimulações alternativas	
Sequência do processo:	
Proximidade fugaz com desprezo → onnipresença do mau objecto → centração nas qualidades malévolas com crítica ao material → processo perturbado: indefinição, projecção sem controlo. Perseveração → desinvestimento com desprezo/ bloqueio → procura de estímulos alternativos.	
Estratégias	
Recurso ao evitamento	
Recurso ao fantasma	

Recurso à relação-crítica/desprezo
 Recurso corporal- fuga com procura de estímulos alternativos

Cartão V

Expectativa inicial	Negativa / postura distante/ recusa
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Angústia e necessidade de fuga-surpresa no encontro positivo- prazer no contacto- necessidade de fuga
Relação com o clínico	Proximidade fugaz após o bom encontro
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Boa adaptação formal/ sucesso na definição
Representações De si	Unitária Sucesso na integração corporal
	Do objecto Total. Atributos positivos/ cuidadores, mas ameaçados
	Da relação Relação de ajuda/ apoio
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
	Desinvestimento brusco com desprezo
	Distanciamento relacional
Sequência do processo:	
Evitamento/ envolvimento à mínima → evocação da omnipresença do mau objecto→ reactividade positiva às características compactas do objecto→reinvestimento com apetência relacional e prazer associativo→clivagem com relevo do bom objecto de suporte→ contorna p/ reforçar os limites/estabilidade→ameaça de perda do bom objecto→retirada e desinvestimento brusco→ procura de estimulações alternativas	
Estratégias	
Recurso ao evitamento	
Recurso ao fantasma	
Recurso ao exterior- descrição	
Recurso à relação- desprezo	
Recurso corporal- fuga com procura de estímulos alternativos	

Cartão VI

Expectativa inicial	Positiva/proximidade
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Positiva. Tranquilidade e exploração empenhada
Relação com o clínico	Procura de proximidade e suporte
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	Dificuldades na definição e delimitação
Representações De si	Delimitação imprecisa e procurada
	Do objecto Pouco estável. Multifacetado. Investimento na procura dos limites pouco claros
	Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia	

<p>Pouca exploração perceptiva- reactividade imediata Insistência na procura de limites Insucesso na delimitação consistente Sequência do processo: Investimento relacional e associativo → evoca bom objecto com relevo da fragilidade e múltiplas faces (dificuldade de permanência do bom) → procura de reforço dos limites. Estratégias Recurso à relação- procura proximidade Recurso ao exterior – delimitação/procura contornos</p>

Cartão VII

Expectativa inicial	Positiva- menor motivação
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	insatisfação e desprezo
Relação com o clínico	desinvestimento relacional brusco
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	
Dificuldades na definição e delimitação	
Representações De si	Delimitação imprecisa. Ameaça de desintegração
Do objecto	Impreciso, parcialmente destruído, vitalidade comprometida
Da relação	Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Pouca exploração perceptiva- reactividade imediata	
Insucesso na delimitação consistente	
Evocação de qualidades comprometidas	
Procura mal sucedida de limites	
Desinvestimento relacional e associativo brusco	
Sequência do processo:	
Investimento mínimo → evoca bom objecto com relevo das fragilidades → procura dos limites mal sucedida → desinvestimento relacional e associativo brusco → procura de estimulações alternativas	
Estratégias	
Recurso à relação -desprezo	
Recurso à delimitação do objecto externo	
Recurso ao corpo- procura de estímulos alternativos	

Cartão VIII

Expectativa inicial	Negativa / postura distante- evitante
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Positiva: surpresa e alívio. Inquietação crescente na exploração
Relação com o clínico	Retração → proximidade e desinvestimento progressivo

Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	Qualidade formal com envolvimento projectivo. Degradação progressiva pelo surgimento de dificuldades de delimitação
Representações	De si Acesso à reconstrução unitária Do objecto Objecto reconstruído/afável Da relação Exploração sensorial. Busca e avaliação hesitante
2ª resposta	
Qualidade do processo	Degradação progressiva pelo surgimento de dificuldades de delimitação
Representações	De si Dificuldades de identificação e delimitação Do objecto Objecto instável. Relevância da vulnerabilidade dos limites Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia	
Evitamento/ envolvimento projectivo hesitante	
Surpresa como manifestação da atenuação da angústia	
Degradação da qualidade do processo: perda progressiva da definição/delimitação	
Desinvestimento relacional e associativo	
Procura de estímulos alternativos	
Sequência do processo:	
Retração → investimento e alívio no encontro com bom objecto → degradação das qualidades do objecto (perda de definição/consistência) → exploração sensorial hesitante → desinvestimento relacional e associativo → procura de estímulos alternativos	
Estratégias	
Recurso ao evitamento	
Recurso ao exterior- contornos.	
Recurso ao corpo- procura de estímulos alternativos	

Cartão IX

Expectativa inicial	Negativa / postura distante- evitante-recusa
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Negativa- angústia intensa com necessidade de fuga/desprezo
Relação com o clínico	Aproximação fugaz. Domínio do desprezo e bloqueio
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	
Domínio da projecção angustiante. Limites indefinidos/definição e delimitação recusadas	
Representações	De si Indefinição Do objecto Dificuldades de reconstrução/ integração corporal Do objecto Mal definido. Confusão quanto às qualidades. Denegação do mal através de clivagem Da relação Evoca relação afectiva
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	

Pouca exploração perceptiva- reactividade intensa e imediata
 Desconfiança/desprezo e retracção/bloqueio
 Perseveração do mau assustador com denegação e clivagem
 Invasão fantasmática – perturbação no processo associativo
 Desinvestimento/ bloqueio/recusa
 Fuga à situação-procura de estimulações alternativas
 Sequência do processo:
 Proximidade fugaz com desprezo →omnipresença do mau objecto → definição com confusão→ clivagem com denegação do mau→ processo perturbado: indefinição, projecção sem controlo , perseveração → desinvestimento com desprezo/ bloqueio →procura de estímulos alternativos.
 Estratégias
 Recurso ao fantasma
 Recurso à relação- desprezo/ críticas
 Recurso ao controlo denegação/ clivagem
 Recurso corporal- fuga com procura de estímulos alternativos
 Recurso ao evitamento- tendências de recusa

Cartão X

Expectativa inicial	Negativa / postura distante/ recusa
Significação da experiência emocional (no encontro com o objecto))	
Expressão emocional	Negativa- angústia intensa com necessidade de fuga/desprezo
Relação com o clínico	Aproximação fugaz. Domínio do desprezo e bloqueio
Transformação simbólica	
Qualidade do processo	
Domínio da projecção angustiante. Limites indefinidos/definição e delimitação recusadas	
Representações	De si Indefinição Do objecto Mal definido. Mau objecto Da relação Evoca relação afectiva
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Pouca exploração perceptiva- reactividade intensa e imediata	
Recusa inicial/desprezo e retracção/bloqueio	
Representação do mau assustador seguida de denegação	
Invasão fantasmática – perturbação no processo associativo	
Desinvestimento/ bloqueio	
Justificações arbitrarias/ pouco envolvimento	
Fuga à situação-procura de estimulações alternativas	
Sequência do processo:	
Proximidade fugaz com retracção e desprezo →omnipresença do mau objecto → processo perturbado: indefinição, projecção sem controlo, perseveração→ justificações arbitrarias → desinvestimento com desprezo/ bloqueio →procura de estímulos alternativos e procura de proximidade/suporte no clínico.	
Estratégias	
Recurso fantasma	

Encontro inquietante com procura de suporte no clínico → evoca mau objecto → delimita-o com sucesso mas com tensão → retracção com desconfiança → denegação → hipervigilância/ controlo externo → procura de suporte no clínico

Estratégias:

Recurso à relação- suporte

Recurso ao exterior- descrição

Recurso ao corpo- tensão/ risos

Recurso ao controlo- denegação

Cartão II

Expectativa inicial	Positiva mas receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)	
Expressão emocional	choque/ reacção de medo
Relação com o clínico	Proximidade com desconfiança. Procura de suporte
Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	
Má adaptação formal. Projecção intensa não controlada e invasora.	
Representações	De si Integridade ameaçada
	Do objecto Mau-persecutório/ parasitário/sugador.
	Da relação Parasitária/sugadora/ mortífera (agressividade oral)
2ª resposta	
Qualidade do processo	
Reactividade intensa à cor. Projecção da angústia ligada à agressividade oral	
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Pouca exploração perceptiva- reactividade intensa e imediata à cor.	
Perturbação na qualidade do processo: invasão fantasmática	
Representação do mau assustador- relação mortífera/devoradora	
Manifestações e comentários de inquietação	
Desconfiança e retracção	
Procura de suporte no clínico	
Desprazer no processo	
Sequência do Processo:	
Encontro inquietante com procura de suporte no clínico → evoca o mau objecto perseverante e a relação agressiva oral → retracção com desconfiança → procura de distanciamento espaço- temporal → procura de suporte no clínico.	
Estratégias	
Recurso ao fantasma	
Recurso à relação-suporte	
Recurso ao exterior delimitação	
Recurso ao controlo- afastamento espaço-temporal	
Recurso ao corpo- tensão/ risos	

Cartão III

Expectativa inicial	Receosa
----------------------------	---------

Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)
Expressão emocional Choque/ reacção de medo
Relação com o clínico Proximidade com desconfiança. Procura de suporte
Transformação simbólica
Qualidade do processo Má adaptação formal. Projecção intensa não controlada e invasora. Confabulação
Representações De si integridade ameaçada
Do objecto Persecutório/ parasitário/sugador.
Da relação Parasitária/sugadora/ mortífera (agressividade oral)
Angústias e recursos defensivos
Manifestações de angústia: Pouca exploração perceptiva- reactividade intensa e imediata à cor. Perturbação na qualidade do processo: invasão fantasmática/ confabulação Representação do mau assustador- relação mortífera/devorador Manifestações e comentários de inquietação Desconfiança e retracção Procura de suporte no clínico Desprazer no processo Sequência do Processo: Encontro inquietante c/ retracção e procura de suporte no clínico→confabula (a partir da cor) o mau objecto perseverante e a relação agressiva oral→retracção com desconfiança → procura de suporte no clínico. I.L. Representação humana procurada sem sucesso Estratégias Recurso ao fantasma Recurso ao exterior-descrição Recurso à relação- suporte Recurso ao corpo- tensão/risos

Cartão IV

Expectativa inicial Receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)
Expressão emocional Choque/ reacção de medo
Relação com o clínico Proximidade com desconfiança e procura de suporte
Transformação simbólica
1ª resposta Qualidade do processo Má adaptação formal. Projecção intensa não controlada e invasora.
Representações De si integridade ameaçada. Insucesso na reconstrução
Do objecto Persecutório/ parasitário/sugador. Denegação das características malévolas
Da relação Parasitária/sugadora/ mortífera (agressividade oral)
2ª resposta Qualidade do processo Adaptação formal. Reconstrução mal sucedida. Fluidez do percepto
Representações De si Insucesso na reconstrução. Dificuldades de integração
Do objecto Permanência ameaçada. Fluidez do objecto
Da relação Não expressa
Angústias e recursos defensivos

Manifestações de angústia:

Pouca exploração perceptiva- reactividade intensa e imediata à cor.
 Perturbação na qualidade do processo: invasão fantasmática/ perseveração.
 Dificuldades de reconstrução e permanência do objecto
 Representação do mau assustador- relação mortífera/devorador e denegação
 Manifestações e comentários de inquietação
 Desconfiança e retracção
 Procura de suporte no clínico
 Desprazer no processo
 Atitude de hipervigilância com tonalidade persecutória

Sequência do Processo:

Encontro inquietante c/ retracção e procura de suporte no clínico→ projecção sem controlo, com perseveração do mau objecto→ animação como suporte à denegação do mau→ nova procura de objecto→reconstrução incompleta que atesta a não permanência do objecto bom→tentativas de estabilização→ concentração em estímulos externos com tonalidade persecutória → procura de suporte no clínico.

Estratégias

Recurso ao fantasma
 Recurso à relação- críticas. Apelos
 Recurso ao exterior- descrição
 Recurso ao corpo- tensão/risos
 Recurso ao controlo-denegação

Cartão V

Expectativa inicial	Receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Choque. Alívio parcial no reencontro positivo
Relação com o clínico	Proximidade com procura de suporte
Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	
Boa adequação formal. Defesas rígidas que bloqueiam a flexibilidade	
Representações De si	Integridade conseguida, mas ameaçada com controlo pelo bloqueio associativo
Do objecto	Bom (à custa de clivagem e rigidificação associativa) Permanência ameaçada/ luta contra a perda de objecto
Da relação	Não expressa
2ª resposta	
Qualidade do processo	
Boa adequação formal. Falta de constância e maleabilidade projectiva	
Representações De si	Integridade conseguida, mas ameaçada pela fluidez
Do objecto	Bom (à custa de clivagem e rigidificação associativa) Permanência ameaçada/ luta contra a perda de objecto
Da relação	Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Comentário que atesta a perseveração do mau objecto.	
Dificuldades de reconstrução e permanência do objecto	
Representação do mau assustador- relação mortífera/devorador	

Denegação/ clivagem e rigidificação associativa
 Manifestações e comentários de inquietação
 Desconfiança e retracção
 Procura de suporte no clínico
 Desprazer no processo
 Sequência do processo:
 Perseveração do mau persecutório→procura de suporte no clínico→alívio no reencontro com o bom→clivagem e rigidificação associativa para sustentar a ameaça de perda→fluidez do percepto→procura de estabilização pelo toque e inflexibilidade projectiva→ insistência na denegação/ fixação do bom objecto.
 Estratégias
 Recurso a relação- questões/ olhares
 Recurso ao exterior- procura de delimitação
 Recurso ao controlo- denegação/ clivagem

Cartão VI

Expectativa inicial	Receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Surpresa/alívio no reencontro positivo
Relação com o clínico	Proximidade com procura de suporte
Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	
Má adequação formal. Reactividade imediata com pouca exploração	
Representações De si	Dificuldades de integração. Falha nos limites contentores
Do objecto	Inconsistente, mal definido, incompleto, instável
Da relação	Não expressa
2ª resposta	
Qualidade do processo	
Má adequação formal. Falta de maleabilidade nas transformações	
Representações De si	Integridade ameaçada pela instabilidade e falha na definição
Do objecto	estabilidade e constância procurada, mas ameaçada
	Permanência ameaçada/ luta contra a perda de objecto
Da relação	Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Perturbação na qualidade do processo: pouco envolvimento projectivo e má adequação seguida de reconstrução insegura	
Dificuldades de reconstrução e permanência do objecto	
Procura intensa do bom com rigidificação associativa	
Manifestações e comentários de inquietação/ confusão	
Procura de suporte no clínico e na fixação táctil da imagem	
Desconfiança e desinvestimento relacional e associativo	
Desprazer no processo. Procura de estimulações alternativas	
Sequência do processo:	
Evocação forçada e mal adaptada do bom→fluidez perceptiva e pouca maleabilidade projectiva→procura de objecto seguro/estável/contido→rigidificação associativa para sustentar a ameaça de perda→confusão pela reconstrução pouco segura	

→procura de estabilização pelo toque e inflexibilidade projectiva→ desinvestimento relacional e associativo →procura de estimulações alternativas.

Estratégias

Recurso ao fantasma

Recurso à relação- apelos/ olhares

Recurso ao exterior- procura de delimitação

Recurso ao corpo- Tensão, risos, procura de outros estímulos

Cartão VII

Expectativa inicial	Receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Choque/ reacção de medo
Relação com o clínico	Proximidade com desconfiança e procura de suporte
Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	
Má adaptação formal. Incapacidade de reconstrução. Prevalência da dimensão projectiva	
Representações	De si Insucesso na reconstrução. Dificuldades de integração Do objecto Mal definido. Persecutório/ameaçador. Da relação Destrutiva/mortífera
Angústias e recursos defensivos	
Manifestações de angústia:	
Perturbação na qualidade do processo: domínio da projecção/ má ancoragem na realidade	
Dificuldades de reconstrução	
Representação do mau assustador- relação ameaçadora/mortífera	
Clivagem bom/mau	
Denegação da ameaça mortífera	
Manifestações e comentários de inquietação	
Desconfiança e retracção	
Procura de suporte no clínico	
Desprazer no processo	
Sequência do processo:	
Procura do objecto com inquietação → Circunscrição do carácter ameaçador do objecto→reconstrução mal sucedida com suporte ao próprio corpo→clivagem bom/mau e denegação da ameaça mortífera→retracção e explorações/reavaliação receosas→procura de suporte no clínico.	
Estratégias	
Recurso ao fantasma	
Recurso à relação- suporte	
Recurso ao corpo- risos. Participação corporal	
Recurso ao exterior- procura de delimitação	
Recurso ao controlo- denegação/clivagem	

Cartão VIII

Expectativa inicial	Receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)	

Expressão emocional	Positiva/ proximidade postural/ surpresa
Relação com o clínico	Proximidade/ procura de suporte
Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	Dificuldades na definição e delimitação
Representações De si	Delimitação imprecisa
Do objecto	Investimento na procura do bom objecto. Sucesso parcial limites pouco claros
Da relação	Não expressa
2ª resposta	
Qualidade do processo	Boa adequação. Dificuldades na reconstrução completa. Degradação brusca
Representações De si	dificuldades na integração corporal. Falhas e ameaça de diluição dos limites corporais
Do objecto	Unitário mas fluido/inconsistente. Risco de perda do objecto. Clivagem bom/mau
Da relação	Não expressa
Angústias e recursos defensivos	
<p>Manifestações de angústia</p> <p>Dificuldades de reconstrução: limites pouco definidos</p> <p>Degradação brusca da qualidade e do prazer criativo</p> <p>Clivagem bom/mau</p> <p>Manifestações e comentários de inquietação</p> <p>Desconfiança e procura estabilização do percepto</p> <p>Procura de suporte no clínico</p> <p>Desprazer no processo</p> <p>Sequência do processo:</p> <p>Encontro com o bom → envolvimento com prazer e exploração tátil → nova re(criação) do bom com entusiasmo → reconstrução mal sucedida (relevo das falhas) → degradação brusca com ênfase na perda do objecto e diluição dos limites → reversão da degradação pelo rearranjo da imagem e pela clivagem do objecto .</p> <p>Estratégias</p> <p>Recurso à relação- suporte</p> <p>Recurso ao corpo- tensão /risos.</p> <p>Recurso ao exterior- procura de delimitação</p> <p>Recurso ao controlo- denegação/clivagem</p>	

Cartão IX

Expectativa inicial	Receosa
Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)	
Expressão emocional	Positiva com inquietação após dificuldades
Relação com o clínico	Proximidade seguida de desconfiança e retracção
Transformação simbólica	
1ª resposta	
Qualidade do processo	Má adaptação/ dificuldades na reconstrução e degradação brusca
Representações De si	Dificuldades de integração corporal
Do objecto	Bom, mal reconstruído

<p>Da relação Não expressa</p> <p>2ª resposta</p> <p>Qualidade do processo</p> <p>Má adaptação formal. Incapacidade de reconstrução. Prevalência da dimensão projectiva</p> <p>Representações De si Insucesso na reconstrução. Dificuldades de integração</p> <p>Do objecto Mal definido. Denegação da ameaça</p> <p>Da relação Não expressa</p>
<p>Angústias e recursos defensivos</p> <p>Manifestações de angústia:</p> <p>Dificuldades de reconstrução: limites pouco definidos/ integração mal conseguida</p> <p>Percepção do mau seguida de denegação</p> <p>Manifestações e comentários de inquietação</p> <p>Desconfiança e procura estabilização do percepto</p> <p>Desinvestimento/bloqueio relacional e associativo</p> <p>Desprazer no processo</p> <p>Procura de estimulações alternativas</p> <p>Sequência do processo:</p> <p>Transformação a custo → percepto mal construído → inquietação e desconfiança → insistência na preservação do bom → emergência do mau ameaçador com relevo da dimensão projectiva → denegação → desinvestimento relacional e associativo → procura de estimulações alternativas.</p> <p>Estratégias</p> <p>Recurso ao exterior- procura de delimitação</p> <p>Recurso à relação- olhares. Procura suporte</p> <p>Recurso ao controlo- denegação/clivagem</p> <p>Recurso ao evitamento</p> <p>Recurso ao corpo- inquietação. Procura de estímulos alternativos</p>

Cartão X

<p>Expectativa inicial Receosa/ receptiva</p>
<p>Significação da experiência emocional (No encontro com o objecto)</p>
<p>Expressão emocional Inquietação</p> <p>Relação com o clínico Desconfiança e procura de suporte</p>
<p>Transformação simbólica</p> <p>1ª resposta</p> <p>Qualidade do processo</p> <p>Dificuldades na reconstrução. Indefinição da imagem. Confusão</p> <p>Representações De si Confusão identitária. Dificuldades de integração corporal</p> <p>Do objecto Indefinido/ inominável</p> <p>Da relação Não expressa</p> <p>2ª resposta</p> <p>Qualidade do processo</p> <p>Má ancoragem na realidade. Animação de cena com prevalência da dimensão projectiva.</p> <p>Representações De si Insucesso na reconstrução. Dificuldades de integração</p>

Do objecto Mal definido. Ênfase do carácter maléfico
Da relação destrutiva com submissão/impotência do agredido

Angústias e recursos defensivos

Manifestações de angústia:

Projectões sincréticas e pouco adaptadas

Dificuldades de reconstrução: limites pouco definidos/ integração mal conseguida

Percepção do mau seguida de denegação e clivagem

Manifestações e comentários de inquietação

Manipulações, procura inquieta

Falta de clareza e confusão no relato

Desconfiança e procura estabilização do percepto

Desprazer no processo

Procura de estimulações alternativas

Seqüência do processo:

Procura de clarificação do percepto → percepto mal construído/indefinido → inquietação na busca de sentido → emergência do mau ameaçador com relevo da dimensão projectiva → retracção e procura de estímulos alternativos → denegação/clivagem e confusão no relato → reconstruções incompletas e ressurgimento da ameaça destrutiva → procura da ambivalência num registo confuso e pouco seguro quanto à permanência do bom.

Estratégias

Recurso ao exterior- procura de delimitação

Recurso à relação-suporte

Recurso ao evitamento

Recurso ao controlo- denegação/ clivagem com confusão

Recurso ao corpo- tensão/risos/ procura de alternativas.

Prova das escolhas

Sínteses das respostas nos três protocolos

	Escolha +	Justificação	Escolha -	Justificação
Bruna	X e V	-----	II, III, VII	-----
Pedro	V	Enfatiza as qualidades de suporte do bom objecto	II	Reforça os atributos maléficos, a relação mortífera e a impotência face ao objecto
David	IX	Reforça as qualidades do bom objecto. A Clivagem sustem o mau	II e III	Reforça os atributos maléficos e a relação mortífera

5.3. Discussão das Análises

1. Expectativa inicial: Actualização das experiências passadas nas actuais/ das relações internas nas externas

1º cartão

A expectativa negativa/evitante da Bruna contrasta com a expectativa positiva dos dois rapazes, ambos entusiasmados e motivados na adesão à nova situação.

Na sequência do protocolo

Bruna: II- Mantém o evitamento→III- menor evitamento, com motivação na procura → IV-evitamento/ recusa inicial/aflição → V-evitamento /desconfiança →VI- evitante/desconfiança→ VII – Menor evitamento, com motivação na procura→ VIII- motivação na procura, com reservas→IX- maior evitamento com tensão (recusa)→X-evitamento com motivação na procura.

Neste protocolo, assistimos ao domínio da expectativa negativa, com suporte em estratégias de evitamento através de postura distante, retraída, desconfiada, preparada para a fuga. Há picos de tensão, com tendência a recusa após os cartões III (1º vazio criativo) e mesmo recusa da nova situação/experiência após o cartão VIII (definição correcta do objecto agressivo/devorador). No entanto, mantêm-se sempre possível, ainda que com necessidade de incentivos ou proximidade repleta de reservas, o novo investimento relacional e associativo.

Pedro: II-Positiva com motivação→III-Negativa. Proximidade com desprezo IV-Negativa/evitante/recusa inicial →V- Negativa/evitante/recusa inicial →VI- Positiva com motivação→ VII –Positiva com quebra na motivação → VIII- Negativa

Proximidade com desprezo→IX- Negativa/ evitante/ recusa inicial→X- Negativa com reforço da recusa inicial.

Predomina a atitude negativa com tendência ao desprezo e recusa de proximidade, após o choque do primeiro encontro, confirmado no 2º cartão. Reaparece a expectativa positiva após o encontro com o bom objecto (ocorrido no cartão V), mas a sua pouca estabilidade conduz a nova retracção, num registo de forte evitamento com desprezo. As capacidades de retomar o investimento e o prazer relacional são notórias. A expectativa altera-se positivamente, embora se instale gradualmente o registo evitante na sequência de novos encontros negativos. Os incentivos e atitude do clínico conseguem manter aberta a possibilidade de novos investimentos.

David: II- Positiva mas receosa →III- Receosa. IV- Receosa →V- Receosa →VI- Receosa → VII -Receosa→ VIII- Receosa→IX- Receosa→X- Receosa/receptiva.

Desde o 1º encontro negativo, a expectativa mantém-se dominada pelo receio provocado pela angústia suscitada nos encontros negativos. No entanto, é mantido o interesse e a procura do bom objecto seguro.

Concluindo, verificou-se que nas três crianças permanece a possibilidade de retorno à situação na procura do bom objecto. Os encontros negativos (passados e actuais), desencadeadores de angústia, originam forte reactividade. A desconfiança, receio e reservas dominam a atitude face à prova, originando retraimento e evitamento, no entanto, mantém-se sempre possível um novo envolvimento projectivo e a retoma das ligações ao objecto interno e externo.

2. Significação da experiência emocional: O encontro e a relação com o objecto externo e interno

Cartões Unitários

	Cartão I	Cartão IV	Cartão V	Cartão VI
BRUNA				
Significação da ausência	Positiva / alívio	Negativa/choque	Negativa/tensão	Negativa/vazio
Reflexo na relação	Proximidade	Corte relacional/ tensão	Desconfiança	Distância/tensão
Características do encontro	Perturbador/ Má reconstrução	Ameaçador/ mau objecto	Não apaziguante	Ausência
Reflexo na relação	Desinvestimento	Desinvestimento	Desinvestimento	Distância/Tensão Agressiva
PEDRO				
Significação da ausência	Negativa/choque	Negativa/forte angústia	Negativa inicial Positiva/surpresa	Positiva
Reflexo na relação	Rejeição brusca Desprezo	Fuga/ desprezo	Proximidade fugaz	Proximidade
Características do encontro	Assustador/ mau objecto/mal definido	Assustador/ mau objecto/mal definido	Bom objecto/ risco de perda	Procura defi- nição do bom
Reflexo na relação	Desinvestimento	Desinvestimento	Desinvestimento	Procura suporte
DAVID				
Significação da ausência	Negativa/tensão	Choque/medo	Negativa inicial Positiva/surpresa	Positiva/ surpresa
Reflexo na relação	Retração/des- confiança	Desconfiança/ procura suporte	Procura de suporte	Procura de suporte
Características do encontro	Mau objecto	Mau objecto	Bom objecto/ risco de perda	Risco de perda Fluidez do bom
Reflexo na relação	Procura de suporte	Desconfiança/ Procura suporte	Proximidade	desinvestimento

Cartões Bilaterais

	Cartão II	Cartão III	Cartão VII
BRUNA			
Significação da ausência	Negativa/tensão	Negativa/tensão	Negativa/tensão
Reflexo na relação	Retracção	Corte relacional/tensão	Desconfiança
Características do encontro	Perturbador/Má reconstrução	Ausência	Perturbador/Má reconstrução
Reflexo na relação	Desinvestimento	Desinvestimento	Procura desconfiada
PEDRO			
Significação da ausência	Negativa/choque	Negativa/tensão	Negativa/tensão
Reflexo na relação	Rejeição/desconfiança/Desprezo	Corte relacional/tensão	Desinteresse/desprezo
Características do encontro	Assustador/ mau objecto/mal definido	Ameaçador/ mau objecto	insatisfatório/obj mal definido
Reflexo na relação	Desinvestimento	Desinvestimento	Desinvestimento
DAVID			
Significação da ausência	Negativa/choque	Negativa/choque	Negativa/choque
Reflexo na relação	Retracção/desconfiança	Retracção/desconfiança	Procura de suporte
Características do encontro	Mau objecto/assustador	Mau objecto/assustador	Mau objecto/assustador
Reflexo na relação	Procura de suporte	Procura de suporte	Proximidade/procura suporte

Cartões Cor

	Cartão VIII	Cartão IX	Cartão X
BRUNA			
Significação da ausência	Negativa/tensão c/ agressividade	Negativa/tensão	Negativa/tensão
Reflexo na relação	Distância	Corte relacional/tensão	Distância
Características do encontro	Insatisfatório/ameaçador	Ausência	Perturbador/procura de definição e limites
Reflexo na relação	Corte com tensão agressiva	Corte com tensão agressiva	Menor tensão
PEDRO			
Significação da ausência	Positiva/surpresa	Negativa	Negativa
Reflexo na relação	Proximidade fugaz	Fuga/ desprezo	Fuga/ desprezo
Características do encontro	Exploração insatisf-perca da definição	Assustador/ mau objecto/mal definido	Assustador/ mau objecto/mal definido
Reflexo na relação	Desinvestimento	Desinvestimento	Desinvestimento Procura novo contexto/suporte
DAVID			
Significação da ausência	Positiva	Negativa/tensão	Negativa / tensão
Reflexo na relação	Proximidade/partilha	Desconfiança/procura suporte	Procura de suporte
Características do encontro	Angustiante/diluição do bom	Procura do bom/encontro c/ mau	Angustiante/encontro c/mau e procura do bom
Reflexo na relação	retracção/desconfiança	Desconfiança/Procura suporte	Procura de suporte

Analisando os quadros das sínteses, podemos começar por destacar as **particularidades individuais** de cada criança.

No caso da Bruna, a única com uma expectativa inicial negativa, verifica-se que também é a única que reage positivamente ao primeiro impacto, parecendo aliviada por um encontro positivo não esperado. A proximidade reactiva-lhe a precariedade dos limites tornando o encontro e, simultaneamente, a relação externa perturbadora.

Como que confirmando as suas expectativas iniciais, mantém-se, até ao fim, distante, desconfiada, tensa, num registo agressivo. Todos os (re)encontros, quando possíveis, são dominados pelo desprazer, devido ao carácter ameaçador das imagens ou, principalmente, pelo carácter pouco estabilizado dos objectos (imprecisos, incompletos, mal definidos e delimitados), portanto, inquietantes, pela sua dificuldade de captação do outro bem diferenciado.

Verifica-se no Pedro que as ausências reactivam angústias muito intensas e transbordantes, sendo manifestas as reacções bruscas num registo amedrontado, encoberto por forte desprezo nas relações externas. A omnipresença do mau objecto é de tal forma ameaçadora, que desencadeia um afastamento sem exploração. No entanto, a partir do cartão V, fica clara a permanência de uma procura do bom objecto, que suscita proximidade e procura de suporte externo. A procura da conservação do bom não é bem sucedida, pela pouca estabilidade, definição e limites. A invasão do mau é detida pelo desprezo e desinvestimento externo.

O David tem forte reactividade e pouco controlo das intensas angústias. O mau objecto e as relações que surgem nos encontros, suscitam ameaças de aniquilamento numa tonalidade agressiva oral. A relação externa é frequentemente avaliada com

desconfiança, no entanto, a procura de suporte é uma constante. Paralelamente, e também após o cartão V, a procura do bom objecto é feita com afinco, embora a fluidez do bom e o risco de perda estejam sempre presentes, provocando desconfiança e algum desinvestimento na relação externa. Ainda assim, é nesta criança que se regista maior apetência relacional, numa clara procura de uma relação externa contentora.

Quanto aos **pontos comuns**, verificamos que a significação da ausência ocorre com forte predomínio das reacções negativas e da transformação numa experiência insatisfatória ou mesmo assustadora e persecutória. Quando há encontros inicialmente positivos (respostas bem adaptadas, bons objectos, prazer, proximidade), gradualmente estas características perdem-se pela pouca estabilidade, definição, fluidez e delimitação do objecto e seus atributos. A procura do bom objecto e a luta pela sua conservação é evidente nos três protocolos (com maior grau de desistência no caso da Bruna), contudo, domina a precariedade do bom e o risco, ou mesmo o confronto com ressurgimento do mau.

Os encontros negativos ou a degradação do bom, suscitam desinvestimentos relacionais externos pela forte ameaça persecutória, no entanto, mesmo nos casos em que o pedido de suporte externo não é evidente, mantém-se sempre possível a retoma do investimento noutro encontro e na relação externa.

3. Qualidade da transformação simbólica: reconstrução do objecto e representação de si

Cartões Unitários

	Cartão I	Cartão IV	Cartão V	Cartão VI
BRUNA				
Qualidade do processo	Má Delimitação e definição	Inadequação, má delimitação e definição	Boa adequação. Animação project.	Vazio criativo
Represent. de si	Unitária. Má diferenciação/integração	Unitária. Má integração	Unitária/mov. Autonomia	
Represent. do objecto	Indefinição nas qualidades	Ameaçador/falico-agressivo	Bom/ bem definido	
Represent. da relação	Ausente	Ausente	Ausente	
PEDRO				
Qualidade do processo	Controlo ineficaz. Inadeq. Delimitação vaga	Controlo ineficaz. Inadeq. Delimitação recusadas	Boa adequação. sucesso na delimitação	Má definição e delimitação
Represent. de si	Má integração e definição	Má integração e definição	Unitária. Boa integração	Delimitação imprecisa
Represent. do objecto	Mal definido. Mau/assustador	Mal definido. Mau/assustador	Bem definido. Ameaça de perda	Instavel. Procura Limites
Represent. da relação	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
DAVID				
Qualidade do processo	Boa adequação. Angústia intensa	Má adequação. Sucesso parcial (2ª resp)	Boa adequação. Inflexibilidade	Má adequação. Inflexibilidade
Represent. de si	Unitária. Bem definida	Integrid em risco. Insucesso na reconstrução	Integridade conseguida, mas ameaçada	Má Integração e definição
Represent. do objecto	Mau/sugador/ Purificado/imobilizado	Mau/sugador/ Purificado	Atenuação da ameaça. Luta na conservação bom	Mal definido. conservação do bom ameaçada
Represent. da relação	Ausente	Agressiva-oral. Mortifera	Ausente	Ausente

Cartões Bilaterais

	Cartão II	Cartão III	Cartão VII
BRUNA			
Qualidade do processo	Inadequação, má delimitação e definição	Vazio criativo	Inadequação, má delimitação e definição
Represent. de si	Parcelar Má integração		Má integração e delimitação
Represent. do objecto	Deformado/ mal definido		Impreciso/ mal definido/inquietante
Represent. da relação	Ausente		Ausente
PEDRO			
Qualidade do processo	Controlo ineficaz Inadeq. Delimitação vaga	Controlo ineficaz Inadeq. Delimitação vaga	Má definição e delimitação
Represent. de si	Má integração e definição	Má integração e definição	Delimitação imprecisa. Ameaça desinteg
Represent. do objecto	Mal definido Mau/assustador	Mal definido Mau/assustador	Vitalidade comprometida
Represent. da relação	Ausente	Ausente	Ausente
DAVID			
Qualidade do processo	Má adequação. Angústia intensa	Má adequação. Angústia intensa	Controlo ineficaz Inadeq. Delimitação vaga
Represent. de si	Integrid em risco Insucesso na reconstrução	Integrid em risco Insucesso na reconstrução	Má integração e reconstrução
Represent. do objecto	Mau/sugador/ Purificado	Mau/sugador/ Purificado	Mal definido Mau/assustador
Represent. da relação	Agressiva-oral Mortífera	Agressiva-oral Mortífera	Destrutiva/ mortífera

Cartões Cor

	Cartão VIII	Cartão IX	Cartão X
BRUNA			
Qualidade do processo	Boa adequação Pouca flexibilidade	Vazio criativo	Sequência: sucesso na reconstrução completa
Represent. de si	Unitária/ boa delimitação		Alcança a reconstrução
Represent. do objecto	Devorador/ pouco estável		Atenuação do mau c/ sobreinvestimento dos limites
Represent. da relação	Ausente		Ausente
PEDRO			
Qualidade do processo	Adaptação Degradção nos limites	Controlo ineficaz Delimitação vaga	Controlo ineficaz Delimitação vaga
Represent. de si	Reconstrução seguida de falhas na delimitação	Má integração e definição	Má integração e definição
Represent. do objecto	Instável. Limites vulneráveis	Mal definido Mau/assustador	Mal definido Mau/assustador/ purificado
Represent. da relação	Exploração/avaliação sensorial	Ausente	Ausente
DAVID			
Qualidade do processo	Delimitação vaga. Reconstrução obtida mas ameaçada	Má adequação Degradção. Má reconstrução	Controlo ineficaz Má adaptação.
Represent. de si	Integridade ameaçada	Má integração	Confusão. Falha na reconstrução
Represent. do objecto	Inconsistente. Risco de perda	Bom ameaçado Ressurgimento do mau denegado	Mal definido/ maléfico. Deneg
Represent. da relação	Ausente	Ausente	Destrutiva

Analisando as **particularidades individuais da Bruna**, podemos evidenciar a inibição, que percorre todo o protocolo. A participação projectiva ocorre com “à mínima”, num registo de bloqueio associativo, que consegue ser parcialmente ultrapassado à conta de incentivos.

O esforço defensivo centra-se no controlo dos movimentos projectivos, que confere às produções uma expressão rígida e contraída, contrastando com degradações bruscas que atestam a emergência, esporádica, do processo primário, fazendo emergir um mundo arcaico-destrutivo, que provoca intensa tensão e perturbação na qualidade do processo associativo.

A luta contra essa emergência é feita com forte investimento no reforço dos limites e na procura de formas continentais, o que parece patente no recurso quase total a determinantes formais. O facto da percentagem de boas formas ser inferior às restantes, revela-nos a sua vulnerabilidade apesar do forte investimento na procura de limites.

O recurso à restrição no envolvimento, à banalidade ou ao sobreinvestimento dos limites, consegue deter, a custo, a participação projectiva mais desorganizada, mas assinala o estado de alerta de um mundo interno ameaçador, gerador de intensa angústia. Os tempos de latência elevados, os silêncios, e a expressão ,quase inexistente (apenas 1 kan), de outros determinantes mais expressivos, reveladores de maior maleabilidade, demostram bem a necessidade de conter fantasmas e o torpor associativo, que dá origem a três recusas e alguns comentários de autocrítica, e enfatiza a grande dificuldade em elaborar a ausência e, a partir dela, reconstruir o objecto.

degradação do percurso), que originam estratégias defensivas (analisadas no próximo ponto) e traduzem relações de objecto particulares.

As manifestações de angústia e a perturbação no processo associativo, nomeadamente, as confusões dentro/fora, a referência a conteúdos ambíguos, as delimitações custosas e pouco claras, a dupla pertença de reinos, as apreensões sincréticas e distorcidas, a extrema raridade das representações humanas (apenas uma resposta parcelar) e as degradações bruscas, com invasão fantasmática persecutória, remetem-nos para a porosidade das fronteiras que, mesmo quando são reconstruídas em perceptos adequados, encontram-se constantemente ameaçadas de dano.

As representações de si, são reflexo desta debilidade dos limites. Deste modo, a grande maioria das respostas revelam uma reconstrução da imagem de si mal integrada devido a limites distorcidos ou vagos, que ameaçam o sentimento de identidade e suscitam estranheza, inquietação ou aflicção.

Exemplo: Bruna

X- “Aqui nestas coisas dois bichos que não sei o que podem ser...não sei! Bichos assim...assim um bocadinho maus...não sei porquê. Não sei dizer como é!”

O mesmo sucede em resposta adequadas e, inicialmente, bem delimitadas.

Exemplo: David

VIII- (...) Aqui é um gato, e aqui outro, não tinha reparado! ...Têm pernas e aqui não têm olhos, mas têm boca.... A perna está a derreter ! (...)

É importante registar a ausência quase total de respostas H, isto é, nos três protocolos surge apenas uma resposta de conteúdo humano e, ainda assim, é parcial e mal adequada ao percepto. Este facto, associado à ausência de banalidade no cartão III, mesmo quando sugerida no inquérito dos limites, e permite-nos realçar as dificuldades de acesso à identidade. As respostas K estão, igualmente, quase

ausentes. As duas que surgem no protocolo do David, são más formas e referem-se a conteúdos para-humanos monstruosos, que exprimem onnipotência e atestam o nível arcaico da diferenciação.

Acresce ainda referir que, nos três protocolos verificou-se estratégias de procura de reforço dos limites. Com frequência, verificámos procura táctil ou descritiva dos contornos da mancha ou cartão ou transformações em objectos mais sólidos (ex: árvore, caracol, caranguejo).

As representações do Objecto, em consonância com as atrás descritas, são igualmente deficitárias. A reconstrução incompleta ou a delimitação pouco precisa predomina nos três protocolos. As reconstruções menos conseguidas, ou mesmo não conseguidas, como ocorre com a Bruna, suscitam forte angústia e expressam, particularmente nos protocolos dos dois rapazes, objectos maléficis, assustadores e destrutivos.

Mesmo nos casos de reconstrução bem sucedida, é quase permanente, a angústia no encontro com o objecto, como aliás ficou registado no ponto que atrás analisámos. Essa insatisfação e inquietação prende-se com a falta de estabilidade, indefinição de qualidades, fluidez do percepto, que não permite flexibilidade, ou risco de perda do bom, pois estes objectos, avidamente procurados, mas insuficientemente estáveis, parecem sempre ameaçados de desaparecimento.

As representações da relação registam uma ausência quase total. Nos três protocolos há, apenas, cinco referências, a relações, quatro das quais no protocolo do David.

Esta restrição na representação de relações parece indicar uma estratégia defensiva no relacionamento interpessoal, o que é consonante com as dificuldades

evidenciadas no encontro com o objecto, encontros estes repletos de ameaça persecutória ou, pelo contrário, de risco de perda do bom objecto.

A ameaça de diferenciação e, portanto, o risco de invasão pelo objecto, parece ser o responsável por este evitamento relacional, pois, se analisarmos quatro das cinco respostas relacionais, constatamos a evocação de relações mortíferas, num registo de agressividade oral. Alias, se tivermos em conta a predominância de maus objectos persecutórios, muitos vezes quase omnipresentes, e o esforço defensivo para evitar a sua emergência, como está particularmente patente no protocolo da Bruna, através do recurso ao controlo ou, nos protocolos dos rapazes, através da clivagem, vemos como a relação é evitada por reactivar ameaças muito associadas a fantasmas primitivos.

A intersecção das análises tendo em conta o **carácter mais ou menos compacto e colorido dos cartões**, permite-nos chegar a algumas constatações importantes, sem dúvida enriquecidas se associadas aos **significados simbólicos dos cartões**.

O primeiro cartão, de que já falámos mais atrás, parece mais associado ao impacto do primeiro, como referiu Rausch de Traubenberg e Boizou.

O IV cartão, apesar de compacto, e portanto, à partida, facilitador de uma projecção mais unificada, revela-se um dos mais angustiantes para as três crianças, evocando objectos deformados, inadequados ao percepto e, pela intensidade projectiva, arrasta consigo expressão de angústias intensas e de fantasmas persecutórios. Ora, de acordo com a significação simbólica, parece suscitar angústias mais arcaicas, associadas a representações da imago materna pré-genital onipotente, num tipo de conflito oral-agressivo.

O cartão V é, contrariamente, aquele em que se registam respostas de melhor qualidade, sendo possível para as três crianças o acesso a imagens unitárias, de acordo com o apelo do cartão. É importante referir que este é um cartão de “viragem” para os dois rapazes, que, talvez um pouco mais apaziguados quanto à fragilidade dos limites, conseguem sair das perseverações e investir com maior controlo projectivo.

Os cartões bilaterais, aqueles que mais apelam à projecção de relações, são precisamente aqueles que conduziram a processos associativos mais perturbados, isto é, todas as respostas dadas são inadequadas perceptivamente, exceptuando uma que tem delimitação vaga, com ameaça de desintegração. É também nestes cartões que recaem o maior número de representações relacionais mortíferas e, mesmo na ausência delas, a intensidade das angústias, a par do medo ou inquietação nos encontros com o objecto, faz deduzir o risco da ameaça.

As escolhas negativas vêm enfatizar esta reactividade aos cartões bilaterais. De facto, todas estas escolhas recaem nestes cartões e nunca são seleccionados nas escolhas positivas. Fica evidente nas justificações dadas para a selecção, que estes cartões suscitam intensa angústia associada a projecções que remetem para representações de relações mortíferas, sobressaindo um mau objecto onnipotente, com qualidades agressivas num registo arcaico pré-genital, que desperta impotência e forte ameaça à integridade do *Self*.

Nos cartões cor, verifica-se uma reacção positiva ao primeiro cartão, provavelmente pelo impacto e pela delimitação fácil em D, aproveitada pelos três. De qualquer forma, a fragilidade de limites mantém-se constante e vê-se acentuada nos dois últimos cartões.

O IX cartão provoca recusa numa criança e medo nos outros, permitindo assim a associação, mais uma vez, a imagens arcaicas ameaçadoras e mal definidas. A fragmentação do último cartão, aspecto importante simbolicamente, parece originar diferentes estratégias de controlo, embora com o mesmo valor de procura de atenuação do mau objecto persecutório. A Bruna consegue atenuar o mau, procurando novos objectos sobreinvestidos nos seus limites. Os rapazes purificam o objecto com recurso à clivagem.

A análise das escolhas positivas remete-nos, por um lado, para a procura do bom objecto, feito pelos dois rapazes com recurso à clivagem, como fica bem expresso na justificação dada pelo David.

X- "porque é uma borboleta bonita e simpática, embora de outra forma (em V), seja um monstro... bom, também, mas....(vira para posição normal e pousa)"

E, por outro, reenvia-nos para a necessidade de delimitação mais segura, melhor conseguida, por todos, no cartão V (escolha positiva de duas das crianças) e bem patente na resposta da Bruna, precisamente no cartão X (sua segunda escolha positiva), no qual sobreinveste os limites externos e consegue, assim, um movimento progressivo. Contudo, a falta de justificação e a tensão que a acompanha, reflecte, mais uma vez, a estabilidade insuficiente da delimitação interno/externo.

O tipo de angústias e os mecanismos defensivos, sobressaíram, como seria de esperar, do estudo do processo de transformação simbólica e representações. No entanto, propomo-nos aprofundar esta análise, por forma a clarificarmos as manifestações de angústia, a organização defensiva e os recursos que conseguem, ou não, mobilizar para lidar com as dificuldades nas relações objectais, que até aqui temos vindo a realçar.

4. Angústias e mecanismos de defesa: A sequência de um processo

Cartões Unitários

	Cartão I	Cartão IV	Cartão V	Cartão VI
BRUNA				
Angústias				
Corporal/ Motora	Inquietação Auto-estimulações	Tensão intensa Auto-estimulações	Tensão agressiva Auto-estimulações	Tensão agressiva Auto-estimulações
Relacional	Distanciamento	Distanciamento	Distanciamento	Distanciamento
No Trabalho psíquico	Perda de quali- dade. Desprazer	Perda de quali- dade. Desprazer	Qualidade com Desprazer	Insucesso
Organização defensiva:	Inibições/ apego ao exterior/ à Formalização e controlo. Chivagem Desinvestimento Recurso ao corpo	Evitamento/recur- so ao corpo. Invasão seguida de desinvestimento e recurso ao corpo	Evitamento. recur- so ao corpo. Apego ao exterior. Evitamento	Evitamento Recurso ao corpo
Recursos a:				
PEDRO				
Angústias				
Corporal/ Motora	Inquietação. Busca de outras Estimulações	Inquietação. Busca de outras Estimulações	Inquietação. Busca de outras Estimu- lações	
Relacional	Fuga/ desprezo	Fuga/ desprezo	Fuga/ desprezo	Procura suporte
No Trabalho psíquico	Falta qualidade. Desprazer	Falta qualidade. Desprazer	Qualidade com Desprazer	Imprecisão. Desprazer
Organização defensiva:	Invasão fantasm. Recurso à relação (desprezo). Interrupção agida	Evitamento Invasão fantasm. Recurso à relação (desprezo). Interrupção agida	Evitamento. Apego ao exterior. Chivagem. Evita- mento com desprezo. Procura alternativas	Recurso à relação Recurso ao exterior no reforço dos limites
Recursos a:				
DAVID				
Angústias				
Corporal/ Motora	Tensão intensa. Risos	Tensão intensa. Risos	Inquietação	Inquietação. Ri- sos. Busca outras Estimulações
Relacional	Desconfiança/ procura suporte	Desconfiança/ procura suporte	Procura suporte	Procura de suporte
No Trabalho psíquico	Desprazer. Perda de controlo	Desprazer. Pro- gresso no controlo	Qualidade com desprazer	Falta de qualidade. Desprazer
Organização defensiva:	Recurso à relação (suporte). Recurso ao exterior (delim- itação). Controlo. Denegação	Invasão fantasm. Recurso à relação (suporte). Recurso ao exterior (delim- itação). Controlo. Denegação Controlo formal e	Recurso à relação Controlo: rigidez. Recurso ao exterior (delimi- tação). Controlo: denegação e chivagem	Recurso à relação Recurso ao exterior- procura de limites. Desinvestimento. Procura estímulos alternativos
Recursos a:				

Cartões Bilaterais

	Cartão II	Cartão III	Cartão VII
BRUNA			
Angústias			
Corporal/ Motora	Tensão agressiva Aprox-afast	Tensão agressiva Auto-estimulações	Inquietação Auto-estimulações
Relacional	Distanciamento	Distanciamento	Distanciamento
No Trabalho psíquico	Falta qualidade Desprazer	Insucesso	Falta qualidade Desprazer
Organização defensiva	Evitamento/Apego ao exterior (descrição)	Evitamento	Evitamento/Apego ao exterior (descrição)
Recursos a:	Desinvestimento / recurso ao corpo	Recurso ao corpo	Desinvestimento / recurso ao corpo Recurso a relação
PEDRO			
Angústias			
Corporal/ Motora	Inquietação Busca de outras Estimulações	Inquietação Busca de outras estimulações	Inquietação Busca de outras Estimulações
Relacional	Fuga/ desprezo	Fuga/ desprezo	Fuga/ desprezo
No Trabalho psíquico	Falta qualidade Desprazer	Falta qualidade Desprazer	Imprecisão Desprazer
Organização defensiva	Invasão fantasm Recurso a relação (desprezo/ controlo) Interrupção agida	Invasão fantasm Recurso a relação (desprezo) Recurso ao controlo (denegação/clivagem) Interrup. Agida	Recurso ao exterior na procura de limites Desinvestimento Interrup. agida.
Recursos a:			
DAVID			
Angústias			
Corporal/ Motora	Tensão intesa Risos	Tensão intesa Risos Retracção	Tensão intesa Risos Retracção
Relacional	Desconfiança/ Procura suporte	Desconfiança/ procura suporte	Desconfiança/ procura suporte
No Trabalho psíquico	Falta qualidade Desprazer	Falta qualidade Desprazer	Falta qualidade Desprazer
Organização defensiva			
Recursos a:	Invasão fantasm Recurso a relação (suporte). Recurso ao exterior (delimitação). Controlo. distanciamento	Invasão fantasm Recurso ao corpo Recurso a relação (suporte). Recurso ao exterior (delim-	Invasão fantasm Recurso ao corpo Recurso a relação (suporte). Recurso ao exterior (delimitação). Controlo. denegação/cliva-

Cartões Cor

	Cartão VIII	Cartão IX	Cartão X
BRUNA			
Angústias			
Corporal/ Motora	Tensão agressiva Auto-estimulações	Tensão agressiva Auto-estimulações	Tensão agressiva Auto-estimulações
Relacional	Distanciamento	Distanciamento	Distanciamento
No Trabalho psíquico	Imprecisão Desprazer	Insucesso	Progressivo au- mento de quali- dade. Desprazer
Organização defensiva	Evitamento	Evitamento	Inibições. Recurso
Recursos a:	Apego ao exterior Desinvestimento	Recurso ao corpo	ao corpo Apego ao exterior/a Forma e reforço de limites
PEDRO			
Angústias			
Corporal/ Motora	Busca de outras estimulações	Inquietação Busca outras estimu- lações	Inquietação Busca outras estimu- lações
Relacional	Retratamento	Desprezo/fuga	Desprezo/fuga
No Trabalho psíquico	Perda de qualidade Desprazer	Imprecisão Desprazer	Procura suporte Imprecisão Desprazer
Organização defensiva	Evitamento	Invasão fantasm	Evitamento
Recursos a:	Recurso ao exterior na procura de limites. Desinvestimento. Interrupção agida	Evitamento Recurso a relação (desprezo) e con- trole (denegação /clivagem) Interrupção agida	Invasão fantasm Recurso a relação (desprezo) e con- trole (denegação /clivagem) Interru- pção agida. Apelo
DAVID			
Angústias			
Corporal/ Motora	Inquietação	Inquietação. Pro- cura de estímulos	Tensão intensa. Risos Procura de estímulos
Relacional	Apreensão Procura de suporte	Apreensão Procura de suporte	Procura de suporte
No Trabalho psíquico	Perda da qualidade desprazer	Falta qualidade Desprazer	Degradação da qualidade Desprazer
Organização defensiva			
Recursos a:	Recurso ao exterior (delimi- tação) Invasão Recurso a relação Clivagem do objecto	Recurso ao exterior (delimi- tação). Recurso a relação. Invasão. Controlo dene- gação e Clivagem do objecto. Evita- mento e procura de estímulos	Recurso ao exte- rior (delimitação) Invasão fantasm Recurso a relação Recurso ao evita- mento. Recurso ao controlo dene- gação e clivagem Confusão

Relativamente ao 4º procedimento de análise, iremos, como anteriormente, começar por destacar as **particularidades individuais** de cada criança.

Quanto à Bruna, na análise anterior, já ficou claro o forte recurso ao evitamento, que se repete em qualquer um dos cartões/encontros propostos. O recurso intenso à formalização (73%), banalidades, o apego ao objectivo e descritivo externo, não está ao serviço de uma adaptação maleável, mas sim de um evitamento de uma implicação pessoal, o que torna o protocolo empobrecido, sem empenho na construção e na procura de originalidade e criatividade.

O estudo da expressão das angústias e dos recursos defensivos vem clarificar o sentido deste registo predominantemente inibido.

Por um lado, a par do envolvimento restrito, quer em termos projectivos, quer em termos relacionais, assistimos a uma tensão intensa, expressa corporalmente através de inquietação corporal, que percorre todo o protocolo, e desencadeia aproximações agressivas ou, desinvestimentos acompanhados de recurso ao corpo, como forma de alívio de tensões, recorrendo a auto-estimulações compensatórias, mas insuficientes para drenagem um estado de grande inquietação e desagrado.

Por outro, vemos emergir momentos de desorganização ou mesmo insucesso no trabalho psíquico. Nos momentos de desorganização predominam respostas que perdem gradualmente a qualidade inicial, quando se inicia um trabalho de tentativa de delimitação, feito com recurso muito frequente à realidade externa (descrição parcializada). Uma desorganização mais intensa ocorre nos cartões bilaterais, nos quais não obtém nenhum sucesso nos movimento de restauração. Estas dificuldades de reconstrução tornam-se evidentes nos vazios criativos que surgem após tentativas infrutíferas de procura do objecto. O desprazer no trabalho criativo é um dado adicional de extrema importância, pois percorre todo o protocolo, independentemente

da qualidade de algumas repostas, revelando a incapacidade de realizar um trabalho psíquico associado a uma criatividade lúdica, que assinalaria o acesso à transitividade.

A intensidade das angústias, expressas directamente através do comportamento, ou indirectamente através do seu reflexo na relação e no trabalho psíquico, deixam claro que o recurso ao evitamento não permite uma expressão de compromisso, como acontece no recurso ao evitamento inserido num registo neurótico. Neste caso, percebe-se a necessidade de contenção para evitar a emergência de fantasmas arcaicos, que despertam forte ansiedade associada à porosidade das fronteiras que, mesmo quando existem parecem constantemente ameaçadas. Aliás, as três recusas que ocorrem não revelam uma inibição com valor de fuga, mas sim o vazio criativo associado a dificuldades de acesso à simbolização e à permanência do objecto.

As relações, devido à sua tonalidade ameaçadora, são maciçamente evitadas num registo de distância agressiva, que marca a necessidade de reduzir os investimentos objectais e origina retiradas relacionais preocupantes compensadas com auto-estimulações.

Analisando a sequência mais típica nesta criança, contactamos:

Recurso a evitamento (distância relacional, silêncio, pausas, tendência a recusas) →
 Agitação e auto-estimulações → projecção com pouca participação emotiva e recurso à formalização → parcialização e reconstrução/delimitação mal sucedida ou inquietante →
 desinvestimento associativo e objectal com recurso a auto-estimulações.

Como potencialidades podemos destacar um relativo controlo da realidade objectiva, pois obtém umas percentagens de F+ e F+ alargado próximos de valores médios e consegue fornecer três banalidades. É de realçar a procura de limites, que demonstra a necessidade e desejo de individuação, bem patente na animação projectiva que expressa um movimento libertador.

Apesar da acentuada distância relacional, verifica-se uma boa adesão aos incentivos e novas propostas, quase sempre capazes de mobilizar novos investimentos na aproximação ou procura do objecto. Por fim, ainda que predomine o corte de contacto visual e o afastamento, há momentos de procura do olhar ou maior proximidade física, que surgem associados a uma avaliação do outro e a um pedido de suporte muito discreto e receoso.

O protocolo do Pedro, contrasta drasticamente com o anterior pela produtividade muito “projectiva” expressa à menor estimulação, sendo a situação um contexto de libertação de fortes angústias e temores que transbordam afectando a qualidade e o prazer do trabalho psíquico que fica, temporariamente, subordinado à projecção de fantasmas arcaicos e destrutivos.

Para além do reflexo na qualidade simbólica, a expressão directa da angústias é amplamente utilizada. Pelo corpo age o evitamento relacional interno e externo, acompanhado por uma forte hostilidade em relação ao objecto. Estas fugas ou interrupções agidas, repletas de desprezo, parecem corresponder, por um lado, a uma reacção contra a ameaça de invasão pelo mau e, portanto a uma busca de diferenciação suportada por um afastamento do objecto, projectado maciçamente no exterior. Por outro lado, esta forte hostilidade mascara a dependência e a frustração na relação com o bom objecto, esperado nos primeiros contactos em que sobressai a procura empenhada e a proximidade física.

Aprofundando o que se analisou no parâmetro anterior, vemos como a viragem ocorrida após o cartão V, acentua os movimentos alternativos entre o amor-ódio na relação com o objecto interno e externo. De facto, o recurso frequente à denegação do mau e à clivagem, com vista à conservação do bom, reflecte a precariedade da

interiorização do bom objecto e a fragilidade das fronteiras Eu/outro (bem visível na frequência de $F\pm$).

Após o cartão V, bem sucedido no encontro com o bom, mas insuficientemente apaziguador, as respostas aos cartões seguintes expressam um registo diferente, no qual que é notório o recurso ao exterior como forma de procura de delimitação. No entanto, a imprecisão do objecto provoca inquietação e desinvestimentos, fazendo reaparecer o mau objecto nos dois últimos cartões. Essa reemergência é controlada com recurso à denegação e clivagem, terminando a evolução deste percurso com um apelo explícito à relação de suporte externo.

A sequência do protocolo desta criança é reveladora de processos defensivos que passam pelo comportamento manifestando-se a angústias face à perda do outro, susceptível de debilitar o Eu. O mau, sendo projectado no exterior, influencia negativamente a relação externa e origina constantes desinvestimentos associativos e relacionais.

De acordo com os movimentos oscilatórios na relação com o objecto, podemos, então, destacar duas sequências típicas:

Proximidade (cartão I e II) ou evitamento (IV) → encontro com objecto maléfico → recurso ao desprezo e fuga relacional → procura de novas estimulações.

Evitamento (III, V, VII, IX, X) ou procura/proximidade inicial (VI, VII) → encontro com o bom objecto (maléfico denegado) ou bom /pouco estável → desinvestimento associativo e relacional → procura de estímulos alternativos.

Sublinhando, agora, os movimentos progressivos do Pedro, é de notar a capacidade de evoluir face a um início do protocolo muito invadido pela emergência fantasmática arcaica, que originou uma desorganização e testemunhou o domínio da

angústia que acompanhou as projecções mal controladas. Conseguindo um retorno à realidade, investe com esforço na procura do bom objecto, o qual procura delimitar, com recurso a determinantes formais, que permitem respostas mais adequadas e com maior controlo da realidade objectiva (assinalado pelo F+º normativo e acesso a repostas banais). A reemergência da invasão é controlada com recurso a defesas primitivas, que suscitam um aumento do evitamento, ainda assim, este desinvestimento não corresponde a uma ruptura, pelo contrário, origina uma procura de suporte na relação externa formulado através de um apelo que o ajude a deter a ameaça persecutória.

O protocolo do David, como anteriormente foi realçado, assemelha-se ao do Pedro no que se refere à invasão fantasmática ocorrida desde o primeiro encontro com o objecto contextualizado num modo de relação pré-genital.

É nesta criança que a intensidade das angústias afecta mais a qualidade do trabalho psíquico, notória na grande percentagem de más formas, que revelam tentativas de restauração mal sucedidas. Assistimos, igualmente, a degradações bruscas de movimentos progressivos, que assinalam a porosidade dos limites e a constante ameaça à integridade e estabilidade do bom objecto.

Nos cartões vermelhos, o impacto da cor testemunha o carácter maciço da reactividade e suscita emergências pulsionais em processo primário, cujos efeitos desorganizantes são evidentes. Com efeito, transparece a ameaça de dano originada por uma proximidade ao objecto com características orais-agressivas, que suga os recursos vitais debilitando ou extinguindo a vitalidade do Eu.

Em consequência, a tensão e inquietação, expressa corporalmente, percorre todo o protocolo, no entanto, contrariamente às outras duas crianças, o envolvimento projectivo é maior e mais expressivo e, embora arraste uma invasão fantasmática mal

controlada, o recurso sistemático à relação externa permite suportar as falhas no sistema de pára-excitação.

De facto, é o recurso à relação, na modalidade de pedido de suporte, que permite a continuação dos investimentos, ainda que num clima receoso e com predomínio do desprazer na actividade criativa.

A procura do reforço dos limites é feita com recurso ao exterior, através da descrição parcializada e através de contactos tácteis com a mancha. Por outro lado, a procura da conservação do bom objecto é realizada com recurso ao controlo através da denegação e clivagem do objecto.

Podemos, então destacar duas sequências mais evidentes:

Forte impacto do encontro negativo (cartão I, II, III (s/denegação), IV (1^ar.), VII, IX (2^ar.), X) → recurso à relação (suporte) → recurso ao exterior na procura mal sucedida de delimitação. → recurso ao controlo (denegação e/ou clivagem).

Encontro positivo com o objecto (IV (2^ar.), V, VI, VIII, IX) → recurso ao exterior para delimitação → instabilidade e imprecisão do objecto/ falta de permanência → inquietação ou desinvestimento.

Aquilo surge com maior evidência no David e que, simultaneamente, é uma das suas potencialidades, é uma abertura relacional muito positiva, que traduz claramente a sua busca por relações que funcionem como pára-excitação externa, que compensem as falhas internas neste domínio.

É importante realçar, que à semelhança do Pedro, esta criança consegue deter um percurso que até ao cartão V reflectia uma perturbação com um nível de angústia e desorganização a registar. Fruto de uma mobilidade progressiva, consegue, a partir daí, envolver-se num trabalho psíquico com maior controlo da realidade (fornece

respostas adequadas e acede a duas banalidades), embora este seja precário, pois reaparecem sucessivamente respostas que reflectem novas falhas nos limites e emergências do processo primário. Os mecanismos da clivagem revelam-se actuantes para lutar contra a invasão fantasmática, no entanto, arrastam consigo claras dificuldades de flexibilidade e sucesso no trabalho psíquico.

Destacando os **pontos comuns nos três protocolos**, verificamos que o processo de elaboração das respostas decorre, sempre, com expressão de angústias, a grande maioria das vezes, muito intensas e, portanto, influenciam a relação externa e a qualidade e prazer no trabalho psíquico.

No que respeita à influência na relação externa, vemos que os encontros com o objecto, negativos ou positivos, mas inquietantes pelas falhas na delimitação, desencadeiam, com raras excepções, posturas de desconfiança, apreensão, retraimento ou mesmo cortes relacionais agressivos (como sucede com a Bruna e Pedro). Mas, ainda que paire um clima de retracção, mais ou menos acentuada, a relação mantém-se sempre recuperável, sendo fácil a adesão à proximidade e propostas do clínico. A componente de busca de proximidade enquanto suporte está presente nas três crianças, embora com muito maior expressão no caso do David e acentuadamente menor na Bruna, que recorre mais a retiradas afectivas e auto-estimulações.

Realçando o que de comum tem a influência das angústias no trabalho psíquico, verificamos que o desprazer é um sentimento constante e bastante revelador da incapacidade destas crianças utilizarem a situação projectiva enquanto espaço transitivo. Desta forma, aquém da transitividade, emergem processos e respostas que reflectem falta de qualidade, pelo insucesso no (re)encontro com o bom objecto, ou

perda da qualidade, associada a falhas nos limites e na estabilidade do bom objecto interno.

Estas projecções, ao mesmo tempo que revelam a porosidade das fronteiras, revelam uma constante procura do seu reforço, feito com recurso ao exterior, isto é, à descrição parcializada, à delimitação táctil do cartão e mancha e, também, com o recurso à esfera motora, pois, apesar da frequência ser diferente, qualquer uma das crianças recorreu ao distanciamento físico para impôr, dessa forma agida, uma salvaguarda da sua integridade, ameaçada pela situação perturbadora mal restabelecida através de um trabalho psíquico criativo e lúdico.

A organização defensiva associada a estas angústias, revela um forte, aliás quase constante, recurso à esfera motora e corporal como forma de expressão e descarga da tensão ansiosa. No entanto, não parece demais, enfatizar as diferenças na expressão e na função deste recurso pois, na Bruna este recurso está mais ao serviço da retirada afectiva, no Pedro cumpre uma função de desprezo e hostilidade face à dependência relativa ao objecto de suporte e, no David, o recurso ao corpo é a via de maior apelo ao suporte.

O recurso ao evitamento, é outra estratégia amplamente utilizada por estas crianças e directamente associada ao recurso ao corpo, já que é através da acção que se expressam muitas das tendências a recusas ou desinvestimentos, com busca de estimulações alternativas (procuradas no próprio ou no exterior), que evitam a continuidade da situação frustrante e angustiante. Ainda assim, importa realçar que o evitamento assume na Bruna (que o utiliza amplamente) uma tonalidade menos agida.

As estratégias defensivas que fazem uso do controlo, são, do mesmo modo, um recurso muito frequente nestas crianças. No caso da Bruna, este controlo associa-se

ao evitamento, ou seja, a restrição no envolvimento e à formalização excessiva, que tenta deter a invasão fantasmática e compensar a fragilidade dos limites. No caso dos rapazes as estratégias de controlo, têm a mesma função, mas recorrem mais a mecanismos de denegação dado que, ao contrário da Bruna, a projecção intensa suscita a emergência de objectos e relações com contornos arcaicos destrutivos. Deste modo, a denegação e a clivagem tentam sustentar a malignidade do objecto e atenuar a ameaça à integridade do Eu frágil, insuficientemente delimitado e mal protegido devido à precariedade de introjecções estáveis de bons objectos internos.

Por último, importa realçar, falhas ou degradações bruscas na qualidade revelaram nos três, a emergência de uma fantasmática arcaica associada às dificuldades de individuação, no entanto, estes momentos de maior desorganização e angústia conseguem ser circunscritos, sendo possível o retorno a movimentos progressivos, nos quais o domínio da projecção não se sobrepõe às necessidades de controlo.

Estas degradações mais acentuadas, ocorrem com maior frequência, como já referimos atrás, nos cartões bilaterais. Contrariamente, os movimentos progressivos tendem a incidir em cartões mais compactos ou que se prestem a abordagens bem delimitadas em D, dando acesso a respostas melhor construídas e, portanto facilitam a atenuação de recursos defensivos mais caros para a flexibilidade psíquica.

6. Síntese e discussão acerca das particularidades individuais e pontos de intersecção

6.1. Particularidades individuais

No decorrer deste trabalho, foi nosso objectivo concentrarmo-nos na singularidade e na lógica dinâmica do funcionamento individual. Desta forma, iniciaremos este capítulo destacando o que de mais fundamental sobressaiu das nossas análises, procurando dar-lhes sentido consubstanciando-as na conceptualização teórica que nos serviu de referência, isto é, na perspectiva psicanalítica sobre a irrequietude motora.

Os procedimentos de análise que estabelecemos permitem-nos aprofundar o conhecimento e compreensão de dimensões fundamentais:

- Modalidades de investimento na relação externa
- O processo de pensamento
- Representações de si, do objecto e da relação
- Dinâmica conflitual e organização defensiva

Dimensões estas que traduzem a dinâmica das relações objectais. Para tornar mais clara a nossa análise, optamos por subdividir estas dimensões, embora todas se conjuguem e componham, no seu conjunto, o funcionamento psíquico individual.

Bruna

Modalidades de investimento na relação externa

Nesta criança predomina uma expectativa negativa. Aborda a situação projectiva com forte desconfiança relacional, revelando uma atitude retraída, inibida e evitante.

A inquietação relativa ao impacto dos encontros é evidente e desencadeia uma necessidade de afastamento físico e um envolvimento projectivo à mínima, que se mantém durante toda a situação. O evitamento impede um descontrolo, que se sente eminente, e que se torna evidente sob o impacto de alguns (re)encontros particularmente perturbadores pela ressonância interna ameaçadora que contêm, originando o aumento das reticências ao envolvimento e mesmo recusas associativas, acompanhadas de forte retracção relacional e procura de auto-estimulações.

De facto, percebemos como nesta criança predomina a “desconfiança básica” focada por Mahler e Salgueiro, associada ao que Winnicott chamou falta de um “ambiente benigno”, o que no seu caso, está bem evidente na sua história pessoal. Em condições externas como as que viveu e vive, é de esperar falhas na vinculação precoce, que originam a insegurança básica associada à irrequietude motora e, tendo em conta que, como afirma Coimbra de Matos, dessa vinculação deriva a qualidade de todas as relações sociais e afectivas, torna-se coerente a sua retracção e o registo de agressividade contida.

No entanto, apesar das graves negligências a que esta criança está sujeita, constata-se que a relação externa, incentivadora e contentora, consegue mobilizar novos investimentos relacionais e associativos, que passaremos a associar com as defesas a que recorre e os recursos que demonstrou possuir.

O processo de pensamento

O esforço defensivo, situado no registo da inibição, traduz um investimento intelectual pobre, rígido e contraído, sem procura de originalidade, nem criatividade e sempre acompanhado de desprazer. Fica explícita a sua incapacidade de transformar a ausência em experiências gratificantes. Assim, a perda do objecto é

significada de duas formas distintas: ou procura a reconstrução não conseguindo estabelecer os elos associativos necessários ao desenrolar progressivo do movimento do pensamento, ou permanece no vazio não transformado, que boqueia o trabalho criativo do pensamento e faz emergir angústias muito intensas resultantes da falha da contenção interna, que tenta compensar através de condutas agidas auto-estimulantes, que neste caso, parecem cumprir a função autocalmante referida na literatura sobre a irrequietude, nomeadamente por Flavigny e Szwec.

O recurso, quase exclusivo, ao determinante formal, pouco participado projectivamente, atesta a sua necessidade de controlo e reforço dos limites. Desta forma oscila entre dois movimentos de pensamento, um que privilegia a rigidez, a banalidade e a restrição associativa, e outro que faz emergir desorganizações bruscas, que reforçam a necessidade de alerta face a um mundo interno angustiante, que emerge irrompendo a crosta adaptativa.

Neste contexto, o pensamento fica refém dos imperativos defensivos, o que conduz à incapacidade de realizar um trabalho transitivo. A dinâmica das suas relações objectais e as representações internas esclarecem-nos melhor este empobrecimento intelectual, sobejamente assinalado na literatura enquanto consequência das vicissitudes relacionais de crianças com irrequietude motora.

Representação de si, do objecto e da relação

Como dissemos na análise do seu protocolo, as suas representações são consequência da porosidade dos seus limites associada à falta de estabilidade do bom objecto interno, que impede o acesso a uma identidade coesa.

A procura dos limites, em falta na representação de si e na estabilização do objecto, é uma constante e acarreta uma degradação no seu envolvimento com o

objecto interno e externo. Verifica-se que é , precisamente, a proximidade e a exploração do objecto-mancha, que desencadeia uma confusão dentro/fora e uma delimitação mal sucedida, que se torna muito inquietante e impõe o desinvestimento associativo e relacional, bem patente no bloqueio às respostas com componente relacional.

Nos movimentos que obtém maior sucesso, conquista-o recorrendo ao sobreinvestimento dos limites corporais, o que atesta a sua necessidade e, simultaneamente, a dificuldade de separação-individuação, mais uma vez assinalada na conceptualização teórica da problemática da irrequietude motora.

É importante referir que este movimento de procura de autonomização dispõe de bons recursos defensivos, pois o evitamento da proximidade angustiante, a capacidade de conseguir uma adaptação ao real e a possibilidade de retorno aos investimentos e à procura do objecto, demonstram que há um controlo da invasão fantasmática, que embora seja caro à maleabilidade e riqueza do funcionamento, impedem a desorganização e o seu fechamento num registo psicótico.

Dinâmica conflitual e organização defensiva

A sua estratégia defensiva é, por excelência, a do evitamento do conflito. A inibição contém fantasmas que, quando emergem, fazem sobressair conteúdos arcaicos, tão patentes nas suas respostas inquietantes como no seu registo comportamental assustado, tenso e repleto de agressividade contida.

De facto, o carácter maléfico do objecto interno e o risco da ameaça à integridade surgem com pouca manifestação nos conteúdos, mas com clara manifestação no contexto relacional que envolve a produção das respostas, expresso nos seus movimentos de proximidade e afastamento ao objecto-mancha e ao clínico.

O desagrado e a inquietação permanente impõem a redução dos investimentos como forma de atenuação de angústias não transformadas, que encontram a sua via de expressão no recurso ao corpo/acção.

Parece pois que, opta por duas vias de alívio das ameaças internas e externas (por projecção evacuativa), ou inibe a agressividade e contra-investe, procurando uma acalmia através da auto-estimulação, que acarreta um fechamento preocupante ou, de forma mais actuada, age no exterior agredindo, sem justificação para a maioria de crianças e adultos que a rodeiam, mas, para nós, com uma lógica que se insere na dinâmica defensiva, que nos parece mais promissora do desenvolvimento das suas capacidades relacionais.

Como afirma Chabert (1998/2000), a projecção do ódio tem o duplo objectivo de desalastrar o sujeito de movimentos pulsionais penosos e consolidar os limites entre sujeito e objecto, o que nestes casos associados a falhas nos limites, traduz uma hostilidade em relação ao objecto que mascara o medo de o perder. Portanto, por paradoxal que seja, é num registo mais agido que esta criança se permite a investimentos que a afastam de um fechamento sobre ela mesma, esse sim mais preocupante, dado que dão ao recurso ao corpo uma função mais psicotizada.

Pedro

Modalidades de investimento na relação

Nesta criança, surge bem evidenciado o ciclo de ambitendência relacional, referido por Mahler, Salgueiro e Berger como característica fundamental da

irrequietude e, por Coimbra de Matos e Sá quando se referem à irrequietude inserida num registo de funcionamento Limite.

De acordo como que Coimbra de Matos (1994/2002) afirmou, vemos como se aplica ao Pedro a noção de contínua rotura relacional, que corresponde à alternância de movimento de amor e de ódio, assinalada por Chabert (1998/2000) a propósito dos os protocolos associados às dificuldades de manuseamento da dependência nos sujeitos “limite”.

Ávido de um objecto ideal desejado, nunca obtido e sempre ambicionado, investe fortemente no seu objectivo e na procura desse objecto, mas rapidamente se depara com um encontro frustrante, que não corresponde ao ideal desejado e, portanto, reactiva a presença do mau objecto interno. A retirada relacional limita o sofrimento e o desprezo impõe-se, como forma de limitar a proximidade a um objecto interno/externo persecutório, em contraste radical com o bom idealizado.

O domínio da invasão fantasmática e a necessidade de projecção evacuativa no exterior, condicionam a relação externa, pelo afastamento brusco agido corporalmente, no entanto, a procura do bom é mantida e, sob condições externas propícias, isto é, quando encontra uma contenção externa e limites mais definidos, a possibilidade de novo investimento relacional reaparece, acompanhada de uma proximidade física que contém um pedido de suporte.

O processo de pensamento

A perda de objecto ideal esperado, reactiva uma intensa angústia associada à significação negativa da ausência, que faz emergir a presença do mau persecutório. O transbordar hiperprojectivo traduz a invasão fantasmática não controlada mentalmente e a dificuldade de manutenção de elos de ligação ao objecto interno e

externo, que permitiriam o movimento progressivo do pensamento, enriquecido pela possibilidade de conciliação do real e imaginário.

As tomadas de posição imediatas, as apreensões globais pouco exploradas e o registo comportamental de fuga agida, atestam o predomínio daquilo a que Salgueiro (1996a) chamou, um movimento do corpo que substitui um movimento do pensamento, difícil de concretizar devido aos imperativos defensivos.

De qualquer forma, estes movimentos regressivos, que envolvem quebras nas cadeias associativas do pensamento, são temporários e, portanto, dão lugar a movimentos progressivos em que é possível um investimento associativo, a ancoragem na realidade e um trabalho psíquico restaurador, que possibilita a criação de objectos. Essa restauração surge inscrita num processo defensivo dada a precariedade do bom objecto e a luta pela sua preservação, portanto, o processo de pensamento fragiliza-se e, ciclicamente, submete-se à intensidade das angústias e à reemergência do processo primário.

Representação de si, do objecto e da relação

O protocolo do Pedro as falhas na integração, definição e delimitação surgem muito marcadas. Se até ao cartão V, emergem representações mal construídas, após o sucesso deste cartão, surgem delimitações vagas (a partir do cartão V, em 7 respostas 5 são F±), o que traduz a sua dificuldade de aceder a uma identidade suficientemente delimitada face ao exterior e, portanto, revela-nos as dificuldades de separação-indivuação referidas na literatura sobre a irrequietude motora e associadas ao enfraquecimento do Eu

Estas dificuldades são indissociáveis das representações do objecto e da relação. De facto, percebemos como a falta de estabilidade do bom objecto interno acarreta

consigo uma ausência intolerada e reactualiza a presença do mau persecutório e da relação maléfica. Aplica-se, neste caso, com muita nitidez o conceito que Berger utilizou de “presença constante do inimigo”, tão explícita no registo perseverante do seu protocolo, traduzindo, segundo a literatura, a dimensão persecutória considerada prevacente no funcionamento destas crianças..

As representações do objecto contrastadas são uma constante, pois a invasão fantasmática faz emergir o mau, e as defesas procuram ou desprezá-lo ou purificá-lo, sendo preponderante, num e noutro caso, o evitamento da relação. Desta forma, as relações são praticamente inexistentes, mas fazem transparecer dois registos diferentes. Por um lado, suscitam a fuga, o ódio e o desprezo, pelo carácter mortífero que atribui a essas relações, por outro, a procura do bom e da sua preservação revelam a procura de uma relação de suporte (o que fica muito explícito na prova das escolhas), reenviando-nos para a dimensão depressiva focada na literatura sobre esta problemática.

Dinâmica conflitual e organização defensiva

As angústias muito intensas, manifestas directa e indirectamente, condicionam estratégias defensivas muito cerradas, que comprometem parcialmente os seus investimentos relacionais e associativos, pois fazem emergir movimentos projectivos primários.

Neste caso, vemos prevalecer o tipo de organização defensiva que a literatura aponta como prevacente na irrequietude motora, isto é, há um predomínio de mecanismos defensivos primários associados a angústias arcaicas primitivas relacionadas com as dificuldades de separação-individuação.

Assistimos à perturbação dos seus investimentos mediada por uma intensidade projectiva, que evacua angústias não transformadas e das quais, como expressa a literatura, procura aliviar-se fugindo corporalmente. No entanto, estas fugas correspondem a procuras de novas estimulações e relações, o que se encontra consonante com a possibilidade de reinvestir na situação procurando, com afincos, a preservação do bom objecto. Para tal faz uso de mecanismos primitivos como a denegação, clivagem afectiva, idealização, que conduz como assinala Coimbra de Matos, à erosão narcísica típica na patologia limite, sustida frequentemente, como sucede com o Pedro, por uma onipotência que tenta reforçar o poder do Self, o controlo do objecto e nega a depressão anaclítica fugindo dela física e psiquicamente.

David

Modalidades de investimento na relação externa

Apesar da intensidade da angústia, que atravessa todo o protocolo, reflectindo-se numa produtividade muito comprometida subjectivamente devido a um transbordar hiperprojectivo associado a um mundo pulsional arcaico-destrutivo, é evidente uma abertura relacional muito positiva, que consegue ser utilizada como pára-excitação e como envelope contentor das angústias.

A relação externa é procurada enquanto suporte contentor, por forma a conseguir tolerar melhor a invasão fantasmática e, portanto, continuar os investimentos, permitindo-se a novas explorações e novos encontros.

Neste contexto, a relação externa é continuamente avaliada. Os encontros com o objecto reactualizam relações e vinculações que reenviam para fantasmas mortíferos-devoradores. Essa vivência subjectiva, reflecte-se na confiança relacional e, sendo

assim, faz emergir uma proximidade receosa ou afastamentos pontuais para reavaliação da relação. No entanto, o registo de procura de suporte no exterior predomina, significando que, em condições externas propícias, os investimentos são possíveis e conseguem mobilizar movimentos progressivos ao nível relacional e associativo.

De facto, vemos aqui emergir a necessidade de constituição de redes contentoras, como referiu Salgueiro, que possibilitaram a atenuação de angústias quando estas não encontram uma função contentora interna indispensável ao desenvolvimento cognitivo, afectivo e social. Esta falha, tão evidente nesta criança é amplamente focada na teoria como a vicissitude relacional na relação precoce associada ao aparecimento da resposta motora.

O processo de pensamento

Os movimentos progressivos do pensamento, encontram-se como dissemos, perturbados pela fantasmização de domínio agressivo-persecutório, que realmente, é aquela que é enfatizada na literatura sobre a irrequietude motora. Mais uma vez, é notório a presença constante do inimigo que invade o pensamento originando um registo de perseveração, no qual a invasão fantasmática é evidente e acarreta uma degradação intensa do trabalho do pensamento.

Nestas circunstâncias, as ausências não são reparadas em movimentos de restauração tranquilizadores e criativos, pois suscitam a presença do objecto persecutório, combatido à custa de imperativos defensivos caros, que impedem a maleabilidade necessária ao trabalho transitivo e criador.

A adesão às qualidades externas, da relação e do material, proporciona novas possibilidades e ligações. Desta forma, a partir do cartão V, revela capacidade de

aproveitar um continente mais delimitado e consegue deter a invasão e retornar à realidade, revelando uma busca, feita com afinco, do bom objecto. Ainda assim, a instabilidade desse objecto reactiva as dificuldades da sua delimitação e separação interno/externo, atacando ciclicamente os processos de pensamento, constantemente submetido a movimentos projectivos primários.

Representação de si, do objecto e da relação

As representações são subsidiárias das dificuldades que revelou por carência de contenção interna que condicionou a maturação do Eu devido às falhas na integração e separação eu/outro.

Desta forma, o sucesso na integração de uma imagem de si é muito precário, originando insucessos na reconstrução da imagem, ou, quando conseguida, a integridade surge constantemente ameaçada de risco destruição devido, por um lado, à proximidade com o objecto mortífero e, por outro, em consequência de uma brusca diluição dos limites, que corresponde à fragilidade na constância do bom objecto interno.

Vemos como a precariedade de uma introjecção do bom objecto desencadeia a omnipresença de representações de objecto persecutórias que, neste caso, traduzem com clareza a presença do objecto interno maléfico, que mortiferamente suga os recursos vitais do Eu, apontando para um registo relacional arcaico contextualizado num tipo de relação dual com características parasitárias. O Eu enfraquecido e impotente permanece à mercê do objecto embora, no seu caso seja evidente a procura de alternativas relacionais que correspondem à busca de uma relação de suporte.

A representação relacional inscrita nestes moldes, manifesta-se com evidência na sua dinâmica familiar, sendo notória a componente parasitária materna e a tentativa

da criança recorrer, sem o sucesso necessário, a alternativas relacionais, como faz com o pai e como está tão presente nos seus pedidos de suporte e na componente captativa da sua expressividade motora.

Dinâmica conflitual e organização defensiva

Nesta criança, a situação-Rorschach, é um palco da reactualização de angústias muito intensas associadas a um tipo de conflito oral, que remete para a relação dual e para uma imago materna de características pré-genitais, que compõe uma relação persecutória parasitária e potencialmente mortífera.

A reactivação dessa vivências internas, impõem o recurso a uma organização defensiva muito cara ao desenvolvimento das suas potencialidades e à harmonia do seu funcionamento psíquico.

O David, na ausência de mecanismos internos de controlo, fica sujeito a um mundo interno destrutivo, que impede a acalmia interna indispensável à evolução para registos de funcionamento mais secundarizados. Sendo assim, recorre a defesas predominantemente primitivas, que tentam deter a influência do mau objecto através da projecção evacuativa, denegação e clivagem afectiva. De qualquer forma, a intensidade projectiva não invade, por completo, a relação externa, tornado-se esta um importante continente de suporte, que abre possibilidades a novos investimentos, e permitem assinalar as capacidade de desenvolvimento desta criança.

A sua agitação motora pode ser inserida nesta lógica dinâmica, pois, por um lado, proporciona um alívio de angústias utilizando o recurso ao corpo, devido à dificuldade de elaborações mais mentalizadas, amplamente referido nas concepções teóricas revistas, por outro, surge num contexto captativo no qual a busca relacional é

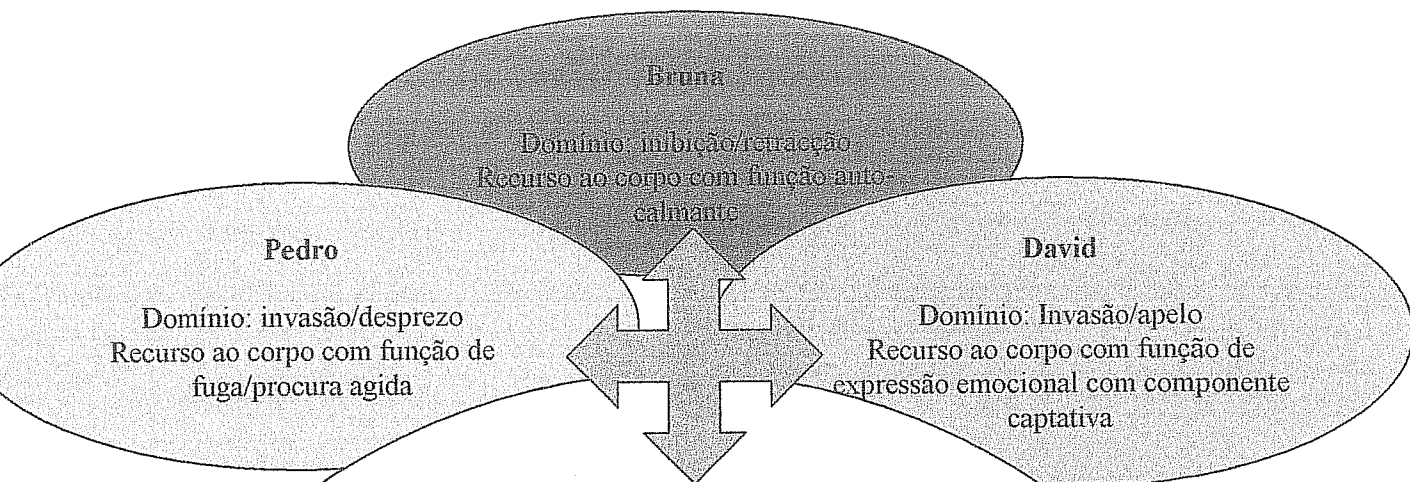
evidente, o que aponta para a componente mais depressiva focada na literatura da irrequietude motora.

6.2. Pontos de intersecção

Estabelecemos também como objectivo, encontrarmos os pontos comuns no funcionamento psíquico das três crianças analisadas. Deixámos claro que esse objectivo não se insere numa lógica comparativa, que vise a anulação da individualidade, portanto, a singularidade continuará a ser destacada, incluindo-se na lógica de intersecção que iremos agora adoptar.

Nesta lógica, não procuramos estabelecer um diagnóstico e, sendo assim, não é nossa intenção assimilarmos os pontos comuns a um quadro estrutural. Pretendemos sim, reflectir sobre as nossas análises confrontando-a com as concepções teóricas revistas, de modo a repensarmos a irrequietude motora expandindo o nosso olhar sobre as dificuldades e potencialidades destas crianças.

Passaremos, em seguida, a apresentar esquematicamente, a síntese dos principais pontos de intersecção que serão objecto da nossa discussão:



Modalidades de investimento na relação externa

- Influência da reatualização de encontros negativos
- Desconfiança, receio e reservas relacionais
- Capacidade de retorno a novos investimentos

O processo de pensamento

- Acentuado predomínio de significações negativas da ausência/ perda do objecto
- Perturbações no processo associativo e na qualidade simbólica: Confusões dentro/fora, conteúdos ambíguos, falhas nas reconstruções e delimitações, dupla pertença de reinos, apreensões sincréticas e distorcidas, degradações bruscas da qualidade.
- Progressão do pensamento perturbada por invasão fantasmática e pelos imperativos defensivos
- Desprazer no processo/desinvestimentos associativos
- Necessidade de contenção externa
- Possibilidade de retorno à realidade após invasão

Representações de si, do objecto da relação

- Frequência maioritária de imagem de si mal integrada: limites vagos ou distorcidos/ identidade ameaçada
- Predomínio de reconstruções incompletas e mal delimitadas de objecto
- Representações do objecto inquietantes, persecutórias, destrutivas/arcaicas
- Falha na permanência do bom objecto
- Raridade de representações relacionais.

Dinâmica conflitual e organização defensiva

- Manifestações directas e indirectas de angústias intensas
- Mau controlo pulsional: rigidez ou descontrolo
- Processos defensivos com recurso ao corpo
- Fantasmização arcaica associada a dificuldades de diferenciação
- Falha na elaboração depressiva
- Predomínio de recursos defensivos primários: retracção relacional, denegação, clivagem afectiva, idealização, projecção evacuativa
- Manutenção da procura do bom objecto e do reforço dos limites

Relativamente à modalidades de investimento na relação externa, foi possível verificar que estão submetidas à reactualização de relações de objecto internas, que nos remetem para o conceito de falha no “ambiente benigno” (Winnicott, 1958/1983). No entanto, nos casos que analisámos, não remeteu sempre para a desconfiança básica, no sentido que Salgueiro e Mahler a utilizaram, pois essa só surgiu no caso da Bruna, já que os dois rapazes revelavam uma expectativa inicial muito positiva, acompanhada de grande proximidade relacional.

O que, de facto se verificou foi uma hipersensibilidade relacional, que facilmente origina reavaliações sob influência de vivências internas angustiantes, que são projectadas evacuativamente na relação externa, tornando-se esta alvo de desconfiança e receios, que impõem uma postura retraída e repleta de reservas.

Mayman (1967, *in* Marques, 1999), ao aplicar as teorias da relação de objecto à situação-Rorschach, mencionou que é a partir da qualidade das relações com o objecto interno que aparece subordinada a capacidade de estabelecer relações com o objecto externo, no entanto, o estatuto de neutralidade foi posteriormente posto em causa por autores como Shentoub e Chabert e foi considerado por Marques inexistente, já que existe sempre uma interacção que desencadeia uma negociação incessante. Essa relação intersubjectiva pode possuir determinadas qualidades que facilitam novas significações, ligações e conduzir, assim à mudança e desenvolvimento.

Neste nosso estudo, verificámos que a relação externa tem forte influência na retoma dos investimentos relacionais a associativos. Qualquer uma das crianças revelou adesão aos incentivos, à proximidade do clínico e à contenção externa. Este facto, traduz a apetência relacional que existe, mesmo em circunstâncias aparentemente adversas, como foi o caso da retracção da Bruna ou do desprezo

verificado no Pedro. Este é um dado que se encontra em consonância com a necessidade de suporte anaclítico devido às fragilidades do *Self* imaturo, como afirma Coimbra de Matos (1994/2002), em consequência da perda objectal precoce e da ferida narcísica profunda.

Podemos também associá-lo à componente depressiva focada na literatura sobre a irrequietude, que traduz, por um lado, uma perda de objecto não elaborada e por outro desencadeia uma busca por um objecto ambicionado num registo idealizado, que contrasta com o lado persecutório da vivência interna.

Desta forma, a ligação ao objecto externo comporta a esperança num encontro positivo, mas a dimensão carencial de uma relação interna continente conduz a uma hipersensibilidade e hipervigilância que podem, como sucedeu com estas crianças, gerar ciclos de proximidade e afastamento relacional, ciclos estes que compõem a ambitendência patológica característica, segundo Mahler, Salgueiro e Berger, da irrequietude motora e das organizações *borderline*, que segundo Coimbra de Matos e Sá, podem estar associadas à instabilidade motora.

Chabert (1998/2000), também associa estes movimentos de amor-ódio aos funcionamentos limite, relacionando-os com a dependência e as dificuldades de acesso à ambivalência. Considera que nestes funcionamentos há dois tipos de modalidades de investimento na relação com o clínico, dada a sensibilidade aos estímulos e às relações externas. Os sujeitos, ou envolvem-se na situação com extrema inibição relacional e associativa, dada a inquietação face ao impacto dos encontros, que poderão desencadear uma desorganização, ou, pelo contrário, envolvem-se num primeiro tempo sem reticências deixando-se captar pelo material, fazendo emergir um registo projectivo pouco controlado e angustiante, que desperta a desconfiança, mas, simultaneamente, comporta um pedido de suporte e anáclise.

Estas duas modalidades de investimento encontram paralelo naquelas que encontramos nas nossas análises, pois a Bruna enquadra-se neste registo inibido, enquanto que os dois rapazes revelaram um registo classificado por Chabert (*op. cit.*) como lábil. A labilidade nestes casos não equivale a um predomínio de defesas neuróticas, mas sim a uma labilidade defensiva e comportamental, em que se justapõem diferentes defesas e atitudes face ao clínico, num vai e vem entre modos de expressão mais primários e mais secundarizados.

Quanto ao **processo de pensamento**, constatámos que a ausência de significado preciso das manchas, assimilada à perda de objecto, desencadeou nas três crianças, quase na totalidade dos encontros com o objecto-mancha, significações emocionais negativas que são visíveis em manifestações directas e indirectas de intensa angústia e arrastam consigo perturbações no processo associativo e na qualidade simbólica.

Este facto aponta-nos para a falta de contenção interna, que impede a capacidade de estar só, referida por Winnicott (1958/1983), como a conquista da companhia subjectiva na presença da solidão objectiva, ou por Bion (1962/1990), como a incapacidade e elaboração da ausência, que nessas circunstâncias, tal como sucedeu com estas crianças, reactualiza a presença do mau objecto, que não se ajustou às necessidades de autonomização do Eu, tornando-o dependente, frágil, ameaçado e pouco diferenciado.

As dificuldades que vimos surgir nas três crianças são consonantes com estas concepções teóricas que, quando aplicadas à irrequietude assinalam uma problemática associada às dificuldades de separação individuação, amplamente defendida pelos autores que abordámos e que se encontra em estreita associação com as dificuldades de elaboração da posição depressiva e com o predomínio de angústias

persecutórias e defesas primitivas, que apontam para as dificuldades de acesso à diferenciação e ao sentimento de identidade.

As perturbações que registámos nas crianças deste estudo, remetem precisamente para estas falhas, que desencadeiam confusões dentro/fora, conteúdos ambíguos, falhas nas reconstruções e delimitações, apreensões sincréticas e distorcidas e degradações bruscas pela emergência de fantasmática persecutória, ou pela perda de limites que ameaça a integridade do *Self*.

Este tipo de dificuldades originaram movimentos regressivos no pensamento e traduziram um funcionamento aquém da transitividade, pela carência de recursos internos que permitissem a conciliação entre real e imaginário, sem esmagamento de um pelo outro, como aconteceu nestas crianças, pois se a Bruna empobreceu o processo associativo devido à intensa inibição defensiva, os rapazes revelaram um domínio da intensidade projectiva não controlada.

Qualquer um dos funcionamentos fez sobressair a falha dos mecanismos de pára-excitação, já que os imperativos defensivos revelaram-se custosos e ineficazes para permitir uma maleabilidade e um prazer, que teria indicado a capacidade de transformar a ausência em experiências gratificantes.

Estas falhas remetem-nos para as falhas nas relações precoces e para os trabalhos de Winnicott (1969/1983), nomeadamente para a qualidade do *holding* materno e a carência de interiorizações estáveis e securizantes, ou para os trabalhos de Bion (1962/1990) sobre a relação dialéctica continente-conteúdo e a introjecção da função α , conceitos aplicáveis, segundo a literatura revista, à irrequietude motora infantil, dado que, nestas circunstâncias, o recurso ao corpo pode representar, precisamente, a dificuldades de pára-excitação e a fuga a situações angustiantes não elaboradas mentalmente.

No entanto, verificámos que, apesar da sua intensidade, a angústia não ataca definitivamente os processos de pensamento, estes, apesar de fragilizados e submetidos a movimentos projectivos primários, continuam com a possibilidade de mobilizarem movimentos progressivos.

Esta progressão é tanto mais fácil quanto se proporcionarem condições externas propícias, o que de facto sucedeu em cartões mais unitários, que permitiram um envelope contendor muito procurado por estas crianças, como pudemos ver pela procura táctil ou descritiva dos contornos do objecto-mancha e pela adesão à contenção externa.

Naquilo que explicitámos atrás, ficou claro uma problemática associada a dificuldades de separação-indivuação que remete para uma porosidade das fronteiras dentro/fora, constantemente ameaçadas de dano. Esta vicissitude condiciona o tipo de **representação de si, do objecto e da relação**, pois, como refere Chabert (1998/2000), nestas circunstâncias, a perda do outro suscita uma problemática depressiva particular, na qual a perda do outro arrasta consigo a perda de si.

As dificuldades de elaboração da posição depressiva, impedem o investimento simultâneo, em termos positivos e negativos do mesmo objecto, dificultando o acesso a um objecto unificado e total, para o qual se podem dirigir os sentimentos de ódio e amor. Se esta ligação é precária, como sucedeu com estas crianças, pode como afirma Chabert (*op.cit*), desencadear uma hiperdependência em relação aos objectos externos, sobreinvestidos para atenuar as falhas (modalidade esta que surge bem evidente na Bruna) ou pode despertar o perigo pela ameaça à continuidade narcísica, provocando uma hipersensibilidade aos efeitos excitantes e destabilizadores, que

originam reacções de medo ou ódio (tão explícitas nos três protocolos, e ainda mais manifestas dos dois rapazes).

Como reflexo desta precariedade da estabilidade do bom objecto interno e das dificuldades de diferenciação, assistimos a representações de si maioritariamente mal integradas, quer pela distorção que contêm, quer pela instabilidade dos limites, que despertam uma angústia de dissolução e uma ameaça destrutiva, por vezes detida à custa de esforços de delimitação ou pela contenção do carácter persecutório dos objectos de relação.

De facto, de acordo com estas carências, que impedem a estabilização e permanência do bom objecto, vemos como as representações do objecto surgem envoltas de angústias persecutórias e desencadeiam defesas que tentam blindar a invasão do mau e a preservação do bom.

Este objecto surge, assim, como inquietante, pois obriga a uma constante hipervigilância, dado que os encontros podem fazer emergir o mau, com intenções maléficas destrutivas, ou podem fazer emergir o bom (bem construído, suficientemente delimitado, com atributos positivos) que, no entanto, se revela desconcertante, pois a proximidade e a sua exploração reactualizam as vivências subjectivas das falhas, fazendo sobressair a falta de consistência nas qualidades desejadas. A avidez e a idealização, pelo grau de carência e dependência, contribuem para aumentar a frustração e impõe o afastamento e o desinvestimento, mesmo quando aparentemente o encontro com o objecto tinha sido bem sucedido.

Este impasse relacional, que surge manifesto nos protocolos das três crianças, parece justificar a necessidade de evitamento de representações relacionais e torna-se coerente com o efeito negativo dos cartões bilaterais, dado que estes suscitam, precisamente, a dimensão relacional.

A inquietação relacional está presente nas três situações-Rorschach que analisámos e, nos protocolos menos inibidos dos dois rapazes ficou registado a componente mortífera dos encontros relacionais, bem como a procura incessante, mas sempre desconcertante, do encontro com o bom objecto.

Desta forma podemos aqui associar estes encontros, que geram os ciclos de ambitendência já mencionados, ao conceito de “objecto estranho” de Freud (1919/1976), assimilando estranho a esta componente desconcertante que emerge em qualquer encontro com o bom objecto. Este, não só não corresponde ao ideal desejado, construído com recurso à clivagem, como apesar de alcançado (como sucede nas respostas bem construídas, mas inquietantes, progressivamente desinvestidas ou degradadas) não consegue proporcionar experiências securizantes e gratificantes, permanecendo assim como imprevisível, inconstante, estranho e desconcertante.

Parece-nos, portanto, possível utilizar o conceito “reparação psicopatológica dos maus objectos” de Fairbairn ((1943/2000), tratando-se, neste caso, de uma reparação de más qualidades no bom objecto, que, por dificuldade de acesso à ambivalência e, portanto, à integração de bom e mau no objecto total, suscita uma inquietação e uma confusão, que é detida à custa de mecanismos defensivos, que visam controlar a angústia e impedem que esse objecto se transforme de inquietante/desconcertante em “objecto enlouquecedor” (Badaracco,1986), o que conduziria à um registo de funcionamento bastante mais desorganizado do que daquele que verificámos nestas crianças.

A **dinâmica conflitual e a organização defensiva**, apontam para a constante ameaça sentida por um Eu frágil e dependente, e para os imperativos defensivos, que lutam contra a invasão fantasmática de domínio predominantemente agressivo-persecutório, que suscitam angústias primárias associadas às dificuldades de diferenciação.

A situação-Rorschach possibilitou a expressão de angústias directas e indirectas, que revelaram a quebra do equilíbrio de forças, obrigando a uma rigidez defensiva de cariz essencialmente primário, por forma a controlar a pressão fantasmática arcaica.

Esta nossa análise encontra-se em consonância com o tipo de angústias e mecanismos defensivos que a literatura sobre a irrequietude motora aponta como prevacente e que são associadas, por autores como Lepage, Flavigny, Coimbra de Matos, Sá, ao funcionamentos limite.

De facto, verificámos que não existia um funcionamento eficaz da projecção, que assinalasse um trabalho transitivo indicador da maleabilidade do funcionamento e dos mecanismos defensivos. A fragilidade nos recursos de contenção interna e o predomínio da componente persecutória, que confere às ligações um carácter inquietante e potencialmente perigoso, impõe defesas caras à flexibilidade dos funcionamentos e suscitam mecanismos defensivos que controlam a invasão, tais como a projecção evacuativa, identificação projectiva patológica, a denegação, clivagem afectiva, idealização, recusa e bloqueios associativos. Num registo comportamental, assistimos à utilização da defesa motora que, apesar de cumprir funções distintas nas três crianças, comporta, em todas, uma função de expressão das tensões internas, que pela intensidade com que surgem, e na falha de recursos internos que as transformem, não conseguem ser elaboradas mentalmente.

O recurso ao evitamento é uma estratégia amplamente utilizada pelas crianças que analisámos, sendo este feito, predominantemente, através do recurso ao corpo. No entanto, a forma como utilizam o corpo para o fazer regista diferenças assinaláveis, pois se no caso da Bruna o evitamento é acompanhado de um contra-investimento auto-estimulante, que marca a sua retracção, no Pedro ele está ao serviço da procura de novas estimulações, que possam servir de alternativa à situação frustrante. No caso do David, aquele que menos recurso faz ao corpo e ao evitamento, a componente inquietante dos encontros surge, mas desencadeia a procura explícita de uma relação de suporte, utilizando por vezes a expressão corporal para captar o outro e suscitar o seu apoio.

Vemos, portanto como as funções da irrequietude dificilmente podem ser generalizáveis a todas as crianças que utilizam o corpo como expressão de intensas angústias internas. As funções que na literatura são referidas parecem ser todas passíveis de pertencer aos diferentes registos de funcionamento que compõe a variabilidade individual de cada criança. Portanto, essa variabilidade e singularidade não exclui a coexistência de diferentes funções que, de facto, como se refere na literatura, podem pertencer a registos mais neuróticos ou mais psicóticos, nos quais os diferentes traços persecutórios, depressivos e fóbicos se organizam compondo sempre lógicas individuais e singulares, lógicas essas que aqui perseguimos e valorizámos.

7. Conclusões

Foi nosso objectivo no presente trabalho delinear uma investigação que procurasse o significado mais profundo da expressão da irrequietude motora, procurando, para tal, um sentido que tem que ser esclarecido no sujeito, pois só assim revelamos o que de mais íntimo rege a lógica de cada ser.

Explicitámos essa lógica através do Rorschach, utilizando-o enquanto técnica, mas sobretudo enquanto método, conceptualizado por Marques (1999), como facilitador de um processo de criação de novos objectos que possuem características, ao mesmo tempo, do mundo externo e do mundo interno.

O Rorschach permitiu-nos revelar um percurso que sustém um trabalho de ligação, transformação e (re)criação. A resposta-Rorschach contém, sempre, o compromisso possível entre o que de mais significativo ordena e rege o mundo interno do sujeito que a produz e aquilo que de mais significativo ele retém das características do mundo externo. (Marques e Aleixo, 1994).

Desta forma, o nosso trabalho passou pela desconstrução desses significados para nos conduzir a novas significações.

Ao concentrarmo-nos na singularidade, para acedermos ao conhecimento e compreensão mais profunda de cada ser psicológico, demarcámo-nos das preocupações diagnósticas e estabelecemos critérios para nos situarmos num plano observacional e descritivo, que pudesse estabelecer uma observação minuciosa ocorrida num contexto relacional intersubjectivo. Assim, foi nosso propósito

rearranjarmos a técnica para estarmos atentos a diversos registos verbais, relacionais e comportamentais. Para tal, de forma coerente e convergente com o nosso quadro teórico de referência e com os objectivos que definimos, estabelecemos procedimentos de análise necessários à expressão e revelação das crianças.

Sem anularmos a individualidade, procurámos os pontos de intersecção no funcionamento psíquico das três crianças analisadas, de modo a repensarmos a via motora de expressão de angústias inserida numa dinâmica de relações objectais.

Verificámos, então, que relativamente a dimensões fundamentais, que subdividimos em quatro pontos: **modalidades de investimento na relação externa, processo de pensamento, representações de si, do objecto e da relação e dinâmica conflitual e organização defensiva**, existem dinâmicas objectais que, como é inevitável, traduzem funcionamentos psíquicos individuais que só grosseiramente, ou cumprindo outras lógicas que não as nossas, podem ser aglomerados numa categorização, que anule as diferenças e lógicas próprias, fazendo sobressair um sintoma que, sendo comum, pouco expressa à cerca do seu sentido inserido na dinâmica singular de cada funcionamento.

Deste modo, foi possível destacarmos dinâmicas que se revelaram bem distintas.

Na **Bruna**, sintetizámos a sua lógica individual realçando um registo relacional que se relaciona com um domínio da inibição/retracção, inserindo-se no recurso ao corpo com uma função auto-calmante, associada a um desinvestimento relacional e associativo e a um contra-investimento na auto-estimulação corporal.

No caso do **Pedro**, encontramos uma lógica própria que aponta para um registo relacional subordinado à invasão fantasmática mal controlada, o que suscita uma modalidade de investimento baseada no desprezo e na necessidade de desinvestimento relacional e associativo. Neste contexto, a inquietude cumpre, simultaneamente, a função de fuga às situações frustrantes e angustiantes e procura agida de novos investimentos que possam funcionar como alternativas.

No **David**, a lógica que lhe é particular associa-se à tentativa de controlo da invasão fantasmática através do recurso à relação externa, à qual faz constantes apelos de suporte, face às dificuldades internas de contenção. Nestas circunstâncias, o recurso ao corpo é mais atenuado e cumpre principalmente uma função expressiva, na qual sobressai uma componente captativa e um pedido de anáclise.

Intersectando os **pontos comuns às três crianças** verificámos que as modalidades de investimento na relação externa são influenciadas pela reactualização de encontros, que suscitam vivências subjectivas negativas, fazendo emergir a desconfiança e as precauções relacionais. De qualquer forma, existe uma apetência relacional positiva, que possibilita a utilização da relação externa como contenção facilitadora de novos investimentos relacionais e associativos.

Relativamente ao processo de pensamento, este encontra-se perturbado no seu processo associativo e na sua qualidade simbólica, devido à invasão fantasmática ou aos imperativos defensivos que visam detê-la e que, por conseguinte, não permitem um trabalho que opere numa área transitiva. As principais perturbações estão associadas às dificuldades de diferenciação e acesso à identidade, revelando, portanto, uma precariedade nos limites e uma falha na reconstrução de objectos, que

se desejariam ser bem construídos e bem delimitados. Ainda assim, mesmo após movimentos regressivos, mantém-se possível a emergência de movimentos progressivos, que é facilitada em circunstâncias externas favoráveis que se revelem contentoras.

No que respeita as representações expressas nas respostas, constatou-se que estas são subsidiárias da porosidade dos limites e de falhas na introjecção de um bom objecto, estável e securizante. Sendo assim, comparámos este objecto a um objecto estranho-desconcertante, que emerge em representações contrastadas, ora malélicas e ameaçadoras, ora mais tranquilizantes ou mesmo idealizadas. No primeiro caso, a angústia é evidente, mas, no segundo caso, esta acaba também por surgir, ao ter reactivado vivências de falhas precoces, que emergem numa situação de avidez e de intolerância às frustrações. Consequentemente, as relações são inquietantes e evitadas, dado que prevalece a dimensão persecutória associada à fantasmização arcaica.

A dinâmica conflitual e a organização defensiva, que se expressa na situação-Rorschach, revela que esta última se constitui como um palco de reactualização de angústias muito intensas e mal controladas, obrigando a mobilização de recursos defensivos que se revelam custosos à maleabilidade do pensamento e à riqueza criativa. A fragilidade na contenção interna e o predomínio da componente persecutória fazem emergir defesas predominantemente primitivas como a identificação projectiva patológica, a projecção evacuativa, ou defesas que visam controlar a invasão como a clivagem, denegação e idealização, a recusa e o esmagamento do imaginário (estas últimas associadas a um registo mais inibido).

O recurso à esfera motora surge como expressão de tensões internas, que não conseguem ser elaboradas mentalmente, dadas as dificuldades de acesso à posição

depressiva. No entanto, o recurso ao corpo cumpre funções bem distintas que, como pudemos verificar só um estudo aprofundado da lógica dinâmica do funcionamento individual possibilita compreender o sentido mais profundo deste comportamento e do seu valor, adaptativo ou não, que pode, como neste trabalho ficou explícito, indicar fragilidades ou potencialidades, que precisam ser esclarecidas através de um estudo minucioso que permita o acesso à singularidade.

Por último, importa referir que criticámos os posicionamentos teóricos relativamente à irrequietude motora, pois as principais divergências dentro do referencial psicanalítico concentram-se na procura de um quadro estrutural no qual se incluam estas crianças e, como tal, proliferam as discussões acerca da prevalência de angústias mais depressivas ou persecutórias, de defesas mais primitivas ou mais secundarizados e sobre a função da irrequietude.

Nestas discussões muito saturadas pelo peso da tradição psicopatológica, é, frequentemente, desprezada a procura daquilo que parecendo insignificante e desprezível, permite o acesso à singularidade, sobejamente apagada quando procuramos generalizações a partir de determinado aspecto do funcionamento psíquico individual.

A diversidade e riqueza humana não se compatibiliza, no nosso entender, com tais lógicas e, como tal, este nosso trabalho pretendeu recolocar a observação destas crianças agitando concepções sobre a irrequietude motora infantil e procurando a criança para além da sua agitação corporal.

Neste nosso trabalho, estabelecemos uma via de acesso ao conhecimento, que se insere num âmbito de acção mais alargado da Psicologia Clínica.

Foi através dos modelos da Psicanálise que a Psicologia Clínica se demarcou do positivismo e estabeleceu novas vias de acesso ao conhecimento do ser humano: as que procuram aceder ao objecto de estudo considerando-o sujeito, porque singular e dotado de lógicas individuais.

A evolução das concepções permitiu considerar esse sujeito interveniente e agente/reagente, portanto com características de intersubjectividade, transformação, criação e expansão (Marques, 1999). Este avanço nas concepções, sobre o sujeito psicológico, abriu uma nova via, que introduz alterações na forma como a Psicologia Clínica produz conhecimento.

O nosso trabalho situou-se nesta via, o que implicou um trabalho de coerência e convergência entre os modelos da relação de objecto, que nos suportaram teoricamente, e a metodologia que nos permitiu aceder aos nossos objectivos de compreensão e conhecimento do ser psicológico do sujeito. Dotámos o Rorschach de novas potencialidades, constituindo-o como método de investigação que permitiu ampliar a nossa visão sobre os sujeitos que estudámos.

Preconizámos que a natureza primeira do saber e do conhecimento em Psicologia Clínica é a de conferir sentido, expressando o que de mais íntimo rege a lógica de cada ser. Assumimos uma atitude e defendemos e viabilizámos um uso de um instrumento e de um método que nos permitiu alcançar tais propósitos, que, no nosso entender expandem o campo de acção da Psicologia Clínica.

Referências Bibliográficas

- Ajuriaguerra, J. (1974). *Manual de psiquiatria infantil*. (2ªed.). Masson: Paris.
- Ajuriaguerra, J. , Marcelli, D. (1984). *Psychopatologie de L`enfant*. Masson : Paris.
- American Psychiatric Association-A.P.A. (1996). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. (4ª edição). Lisboa: Climepsi.
- American Psychiatric Association-A.P.A. (1996). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. (4ª edição). Lisboa: Climepsi.
- Anastasi, A. (1988). *Psychological Testing*. Sixth edition. (Chapter 19, pp. 594-623). Macmillan Publishing Company : New York.
- Anzieu, D. (1976/1986). *Os Métodos Projectivos*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Badaracco, J. (1986). La identificación y sus vicissitudes en la psicosis. La importancia del concepto "objecto enloquecedor". *International Journal of Psychoanalysis*, 67, p. 217-227.
- Bateman, A. ; Holmes, J. (1997/1998). *Introdução à Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Berger, M. (1999/2001). *A criança instável*. Lisboa : Climepsi.
- Bergeret, J. (1998). *Psicologia patológica- Teórica e clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Bergès, J. (1985). Les troubles psychomoteur chez l`enfant. In Lebecivi, S., Diatkine, R., Soulé, M. *Nouveau Traité de Psychiatrie de l`enfant et de l`adolescent*. (Vol. 2, 1571-1590). Paris : Quadrige/PUF.
- Barkley (1990). *Attention Deficit Hyperactivity Disorder: A handbook for diagnosis and treatment*. New York: Guilford Press.
- Bion, W. (1963/1979). *Éléments de la psychanalyse*. Paris : PUF
- Bion, W. (1959/1990). Ataques aos elos de ligação. In Spillius, E. , *Melanie Klein hoje*. (Vol. 1, 95-109). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1962/1990). Uma teoria do pensar. In Spillius, E. , *Melanie Klein hoje*. (Vol. 1, 185-193). Rio de Janeiro: Imago.

- Boekholt, M. (1993/2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa : Climepsi.
- Chabert, C. (1997/1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1998/2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Ciccione, A. (1998/2000). *Observação Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (1996). Da emoção ao pensamento: O afecto no conhecer do outro. *Revista portuguesa de Psicanálise, n° 15*, 83-92.
- Coimbra de Matos, A. (2002). A delinquência: perspectiva psicodinâmica. In *O desespero*. Lisboa: Climepsi. (trabalho original publicado em 1994).
- Coimbra de Matos, A. (2002). Estados-limite: etiopatogenia, patologia e tratamento. In *O desespero*. 405-427. Lisboa: Climepsi. (trabalho original publicado em 1994).
- Coimbra de Matos, A. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi.
- Diatkine, R. (1999). Les psychoses infantiles, en dehors de l'autisme infantile précoce. In Lebecivi, S., Diatkine, R., Soulé, M. *Nouveau Traité de Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. (Vol. 2, 1297-1313). Paris : Quadrige/PUF.
- Dugas, M.; Albert, É.; Halfon, O.; Nedey-Sayag, M. (1987). *L'hyperactivité chez l'enfant*. Paris: PUF.
- Fairbairn (2000). O recalamento e a reaparição dos objectos maus (com especial referência às neuroses de guerra). In *Estudos psicanalíticos da personalidade*. 2ª edição. Lisboa: Veja Editora. (trabalho original publicado em 1943)
- Flavigny (1988). Psychodynamique de l'instabilité infantile. *Psychiatrie de l'enfant*, 31 (2), pp. 445-473.
- Freud, A. (1953/1967). About loosing and being lost. In *The writing of Ana Freud: Vol. IV. Indications for child analysis and other papers*. (pp. 302-316). New York: International Universities Press.
- Freud, S. (1919/1976). O estranho. In Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (Vol. XXVII, 235-269).Rio de Janeiro : Imago.
- Gibello, B. (1986). *A criança com distúrbios de inteligência*. Porto Alegre: . Artes médicas.
- Gibello, B. (1995/1999). *O pensamento incontido*. Lisboa: Climepsi.

Klein, M. (1946/1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. *In Obras completas de Melanie Klein* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.

Leichtman (1988). When Rorschach become the Rorschach? Stages in the Mastery of the Test. In Lerner, H.D., & Lerner, P.M. *Primitive mental states and the Rorschach*. Cap. 21, pp. 559-600. Madison, Connecticut: International Universities Press.

Lerner, H.D., & Lerner, P.M. (1988). *Primitive mental states and the Rorschach*. Madison, Connecticut: International Universities Press.

Lerner, P.M. (1991). *Psychoanalytic theory and the Rorschach*. Hillsdale, New York e London: The analytic Press.

Lopes, J. (2003). *A Hiperactividade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Mahler, M. (1955/1989). Sobre a psicose infantil simbiótica: aspecto genético, dinâmico e de restituição. *In Psicoses infantis e outros estudos* (3ª ed.). 7-22 Porto Alegre: Artes Médicas.

Mahler, M. (1958/1989). Autismo e simbiose : duas graves perturbações da identidade. *In Psicoses infantis e outros estudos* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. 52-61.

Mahler, M. (1963/1982). Alguns aspectos da fase de separação-individuação. *in O processo de separação-individuação*. 25-35. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mahler, M. (1965/1982). A interação mãe-filho durante a separação-individuação. *in O processo de separação-individuação*. 35-45. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mahler, M. (1968/1982). Observações sobre adaptação e defesa "in status nascendi" *in O processo de separação-individuação*. 82-95. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mahler, M. (1974/1982). Simbiose e individuação: o nascimento psicológico do bebê. *in O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas. 119-131.

Marques, M.E. (1991). As manifestações dos mecanismos adaptativos/defensivos nos Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, 2, (IX), 203-209.

Marques, M.E. ; Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 4, (XII), 456-462.

- Marques, M.E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 1, (XIV); 39-44.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Misès et al. (1981). *Psychiatrie de l'enfant*, XXXI, 1, 67-134.
- Painchaud, G. ; Montgrain, E. (1986). *Limites et états-limites. Narcissisme et états-limites*. Montreal: Dunoud.
- Sá, Eduardo (2003). *A patologia borderline e psicose na clínica infantil*. Lisboa: ISPA.
- Salgueiro, E. G. (1987). A instabilidade do João, notas sobre o nascimento psicológico, a evolução e o tratamento da irrequietude motora numa criança. *Análise psicológica*, 4, V, 657-666.
- Salgueiro, E. G. (1991). O desenvolvimento motor, afecto e pensamento na criança irrequieta. *Especial Fórum*, pp. 217-227.
- Salgueiro, E.G. (1996a). *Crianças irrequietas*. Dissertação de doutoramento, Lisboa: ISPA.
- Salgueiro, E. G. (1996b). Sentir, pensar e aprender, homenagem a Serge Lebovici. *Análise psicológica*, 4, XIV, 53-59.
- Santos, J. (1988). *A casa da praia- o psicanalista na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Segal, H. (1964/1975). Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago.
- Segal, H. (1991/1993). *Sonho, Fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Shentoub, V. e colaboradores (1990/1999). *Manual de utilização do T.A.T.* Lisboa: Climepsi.
- Szwec (1993). Les procédés autocalmants par la recherche répétitive de l'excitation. Les galériens volontaires. *Revue française de psychosomatique*, 4, pp. 27-51.
- Trautenberg, N.R. ; Boizou, M.F. (1984/1999). *O Rorschach na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi.
- Winnicott (1953/1975). Objectos transicionais e fenómenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1956/2000). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise*. 399-405. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. (1958/1983). A capacidade para estar só. In. *O ambiente e os processos de maturação*. 31-37 São Paulo: Artmed.

Winnicott, D. (1960/1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In. *O ambiente e os processos de maturação*. 38-54. São Paulo: Artmed.

Winnicott, D. (1962/1983). A integração do Ego no desenvolvimento da criança. In. *O ambiente e os processos de maturação*. 56-61. São Paulo: Artmed.